



# Juventudes negras na TV baiana

MÁRIO GONZAGA JORGE JUNIOR



Editora UFRB



# **Juventudes Negras na TV Baiana**

**REITOR**

Fábio Josué Souza dos Santos

**VICE-REITOR**

José Pereira Mascarenhas Bisneto

**SUPERINTENDENTE**

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

**CONSELHO EDITORIAL**

Leila Damiana Almeida dos Santos Souza

Leilane Silveira D'Ávila

Luciana da Cruz Brito

Maurício Ferreira da Silva

Paula Hayasi Pinho

Paulo Henrique Ribeiro do Nascimento

Rafael dos Reis Ferreira

Rosineide Pereira Mubarack Garcia (Presidente)

Rubens da Cunha

**SUPLENTE**

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Marcílio Delan Baliza Fernandes

Tatiana Polliana Pinto de Lima

**COMITÊ CIENTÍFICO**

(Referente ao Edital nº. 004/2020 EDUFRB – 15 anos de Ações e Políticas

Afirmativas da UFRB)

Andrey Rooseweet Chagas Lemos

Edilza Correia Sotero

Givânia Maria da Silva

Lúcia Maria Xavier de Castro

Petrônio José Domingues

**EDITORA FILIADA À**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Mário Gonzaga Jorge Junior

# Juventudes Negras na TV Baiana



Editora UFRB  
Cruz das Almas - Bahia  
2022

Copyright©2022 by Mário Gonzaga Jorge Junior  
Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB

*Projeto gráfico e editoração eletrônica*  
Antonio Vagno Santana Cardoso

*Capa*  
Alan Bacelar

*Revisão e normatização técnica*  
Reisania Karla Almeida dos Santos Gonzaga

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

J82j Jorge Junior, Mário Gonzaga.  
Juventudes negras na TV Baiana / Mário Gonzaga Jorge  
Junior.\_ Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2022.  
206p.; il.

Este Livro Eletrônico é parte da Coleção 15 Anos de Ações e  
Políticas Afirmativas da UFRB – Volume 2.

ISBN: 978-65-88622-69-8 (Coleção).

ISBN: 978-65-88622-65-0 (Volume).

1.Negros–Telejornalismo–Análise de discurso. 2.Juventude–  
Relações raciais. I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.  
II.Jorge Junior, Mário Gonzaga. III.Título.

CDD: 305.896

Ficha elaborada pela Biblioteca Universitária de Cruz das Almas - UFRB. Responsável pela  
Elaboração – Antonio Marcos Sarmento das Chagas (Bibliotecário - CRB5 / 1615).

Livro lançado em 14 de setembro de 2022.



Editora UFRB

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro  
44380-000 Cruz das Almas – Bahia/Brasil

Tel.: (75) 3621-7672

[editora@reitoria.ufrb.edu.br](mailto:editora@reitoria.ufrb.edu.br)

[www.ufrb.edu.br/editora](http://www.ufrb.edu.br/editora)

*Para Lúgia,  
Reisania, Vicente,  
e todos os sujeitos vaga-lumes  
que me inspiram na utopia  
de outro mundo possível.*

É tempo de caminhar em fingido silêncio,  
e buscar o momento certo do grito,  
aparentar fechar um olho evitando o cisco  
e abrir escancaradamente o outro.

É tempo de fazer os ouvidos moucos  
para os vazios lero-leros,  
e cuidar dos passos assuntando as vias  
ir se vigiando atento, que o buraco é fundo.

É tempo de ninguém se soltar de ninguém,  
mas olhar fundo na palma aberta  
a alma de quem lhe oferece o gesto.  
O laçar de mãos não pode ser algema  
e sim acertada tática, necessário esquema.

É tempo de formar novos quilombos,  
em qualquer lugar que estejamos,  
e que venham os dias futuros, salve 2020,  
a mística quilombola persiste afirmando:  
“a liberdade é uma luta constante”.

**Tempo de nos aquilombar**  
Conceição Evaristo (2019)



# Sumário

## **Prefácio**

Jussara Peixoto Maia.....11

**Apresentação**.....17

## **Parte I**

### TELEJORNAL NUMA PERSPECTIVA CULTURAL

**Jornalismo: Narrativa e forma cultural**.....25

**Mapa das Mediações e análise dos processos comunicacionais**.....41

## **Parte II**

### JUVENTUDES: IDENTIDADES, DESIGUALDADES E SIGNIFICADOS DA CONDIÇÃO JUVENIL

**Sujeitos juvenis, sociabilidades e identidades**.....63

**Articulações entre racismo e condição geracional**.....81

**Concepções acerca do conceito de juventude**.....97

## **Parte III**

### TELEJORNALIS BAIANOS E OS DISCURSOS SOBRE A EXPERIÊNCIA JUVENIL

**RecordTV Itapoan: Jornalismo policial e estética da violência**.....105

**TV Bahia: vigilância e mediação do popular**.....143

**Considerações finais**.....187

**Referências**.....195

**Sobre o autor**.....205



# Prefácio

*Jussara Peixoto Maia*<sup>1</sup>

Esta obra é resultado de uma cartografia que combina sensibilidade, densidade argumentativa e experiência cotidiana com rigorosos referenciais teóricos, conceituais e analíticos, na observação da atuação de telejornais locais de elevada audiência na Bahia, para a construção de sentidos sobre as juventudes negras. Juventudes negras na TV baiana constitui uma contribuição de imenso valor acadêmico, social, político e cultural, ao apontar chaves interpretativas que relacionam a produção jornalística televisiva baiana às condições sociais e históricas no estado, indicando a espessura comunicacional da realidade brutal aferida nas estatísticas de segurança pública. Com uma escrita sensível, vívida e cuidadosa, Mário Gonzaga Jorge Júnior formula análises de produções e organizações midiáticas, evidenciando as diversas camadas de discursos que atravessam as textualidades jornalísticas televisivas.

O livro é um convite feito pelo autor para um mergulho profundo e urgente na experiência mais prosaica, a partir do cotidiano, considerando a inserção da televisão na vida social e a valoração da riqueza que emerge da percepção da própria condição de jovem negro na região do recôncavo da Bahia. Essas vivências foram convertidas em questões que seguem a trilha de um pensamento crítico aguçado, visando ao entendimento da implicação do telejornalismo local, numa sociedade em que as pessoas negras têm 2,6 mais chances de morte, segundo dados do Atlas da Violência de 2021. Ainda que não tenha sido um ponto de partida do trabalho, o racismo se projeta nos audiovisuais examinados, como parte do sistema

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

de organização social e como elemento configurador da comunicabilidade dos telejornais. Por essa razão, é abordado como parte da construção e da permanência de discursos que se constituíram como parte da garantia de privilégios às pessoas não negras e também como uma linguagem, delimitada também pelas especificidades de cada cultura.

As reflexões trazidas nessa obra expressam uma questão central aos trabalhos vinculados aos estudos culturais, ao considerar a importância da cultura, compreendida como modo de vida constituído por dimensões, simultaneamente, materiais e simbólicas específicas e ordenadoras das formas comunicacionais, que estão conectadas a sentidos e práticas sociais. A própria noção de juventude é tomada pelo autor como uma construção social e histórica, a partir de trabalhos realizados no âmbito da sociologia e pesquisas que têm avançado na investigação de narrativas juvenis, no âmbito da comunicação (MATOS, 2018). Esta perspectiva construtivista evidencia ainda mais fortemente a contribuição de um estudo que observa o modo como os telejornais operam no funcionamento de discursos sobre o que é produzido socialmente como a juventude negra.

O percurso investigativo realizado por Mário Jorge, em sua atenção sobre discursos e sentidos para as juventudes negras, parte da noção de mediação sociocultural, na apreensão delineada por Jesús Martín-Barbero (2006), que tem em sua pesquisa a localização da comunicação e da cultura como arena central de batalha política. Desse modo, a partir das mediações, as análises dos telejornais são realizadas com a observação daquelas instâncias das quais advêm as construções que organizam, simultaneamente, a materialidade social e a expressividade cultural. Mas aqui a rota original percorre o entrecruzamento de abordagens sobre juventude, racismo e telejornalismo por meio do mapa das mediações.

Com Martín-Barbero (2008), Mário Jorge esquadrinha os processos da hegemonia na comunicação como modo de inscrição do mercado

na sociedade, inicialmente através das mediações socioculturais de um mapa noturno em que a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural orientaram o olhar do analista sobre o gênero, como estratégia de comunicabilidade. No mapa das mediações, os eixos e traços desta cartografia ganham mais espessura e densidade, orientando um duplo movimento no tempo, na diacronia do sentido que parte das matrizes culturais para os formatos industriais, e na sincronia que evidencia a combinação das lógicas da produção com as competências da recepção.

O mapa guia o autor dessa obra na investigação do modo como são constituídos os limites e pressões de uma dada hegemonia, a partir do embate entre discursos relacionados à atuação de instituições e da inscrição de trocas sociais cotidianas, constituídas de variadas temporalidades da herança cultural. E foi os materiais analíticos que emergiu a configuração comunicacional do racismo, como parte de uma produção estrutural que se expressa de modo simbólico, partindo da historicidade de um passado colonial que é atualizado como discriminação e preconceito na elaboração da pessoa negra como alteridade, para garantir privilégios à branquitude hegemônica. Para orientar as reflexões sobre a base comunicacional do racismo, Mário Jorge dialoga com a crítica contundente de Fernandes (2017) ao mito da democracia racial brasileira e avança na compreensão da mídia como uma espécie de catalisador de expressões políticas e institucionais sobre relações inter-raciais que dão sustentação ao abismo social fundado na diferença da cor da pele (SODRÉ, 1999).

Os textos são analisados como lugar em que é possível perceber a potência de discursos de institucionalidades específicas, relacionadas às matrizes culturais, junto à produção telejornalística, numa arena em que comunicação, cultura e política estão enlaçadas. As relações sociais são percebidas em suas inscrições nos objetos culturais, convocando a recep-

ção com socialidades que interpelam indivíduos à condição de sujeitos e produzem ou atualizam discursos sobre como deve ser a sociedade.

Os formatos industriais ocupam uma posição mista de futuro e presente, ao conectar-se às matrizes como seu polo diacrônico, enquanto conformam comunicabilidades com uma seleção de sentidos, sensibilidades e percepções, no presente. Assim, as formas analisadas expressam e também constituem discursos e identificações sociais específicas que se vinculam a experiências matriciais, construindo e configurando com suas tecnicidades a percepção, as sensibilidades, sentidos e modos de consumo da audiência. Os formatos industriais são organizados por estratégias de consumo presentes nas formas comunicacionais, que constroem e são construídas de maneira interligada a ritualidades implicadas na interação de tempos e espaços, do cotidiano da recepção, suas formas de olhar, ver e ler.

Seguindo a rota indicada por este referencial, Mário Jorge encontra nos telejornais da manhã, do meio-dia e da noite formas específicas de discursos sobre jovens negros e que estão relacionadas às práticas sociais como rituais da passagem do tempo no cotidiano. É nesse ponto que o autor tem um olhar ainda mais cuidadoso para localizar e analisar a mudança que está em curso no telejornal da TV Bahia, o Bahia Meio-Dia, na relação com o tipo de abordagem da juventude negra que está mais fortemente destacada no Balanço Geral, da TV Itapoan. Com essa tessitura, o trabalho realizado nesta pesquisa encontra as pegadas do racismo não apenas na constituição das juventudes negras, por meio de uma vinculação ao funcionamento de instituições policiais ou mantenedoras de uma certa compreensão do que é ordem social, mas também no próprio modo de configuração dos telejornais apresentados no horário do meio dia, articulando institucionalidades e ritualidades.

O itinerário traçado por Mário Jorge permitiu indicar as estratégias da comunicação telejornalística acionar mediações socioculturais, por

meio das quais são travadas lutas simbólicas, na constituição de sentidos e discursos sobre o que são e virão a ser as juventudes negras, em uma sociedade que segue uma necropolítica (MBEMBE, 2018) cuja historicidade expressa notas distintas da crueldade de um processo hegemônico. Este foi um percurso em que o autor se apercebeu desafiado por pensamentos que reconhecem nesses embates questões fundamentais à definição dos indivíduos que são concebidos como parte da humanidade e passíveis de luto, e aqueles que não são alcançados por esquemas de inteligibilidade (BUTLER, 2016), por meio dos quais a mídia aciona sua comunicabilidade cultural.

Frente às operações do hegemônico, na configuração dos telejornais de maior audiência no estado da Bahia, o autor dessa obra, enquanto identifica, avalia, mensura e questiona seus achados nas produções do telejornalismo baiano, oferece ao leitor um caminho que é iluminado pela astúcia de quem desenvolveu habilidades intelectuais para as batalhas sustentadas na crítica. Compreendo que a escrita de Mário Jorge é, ela mesma, o riscado deixado pelo brilho do vagalume (DIDI-HUBERMAN, 2011) que não cessa de se reinstalar no caminho e apontar as brechas por onde a contra-hegemonia vai alargando a passagem, transformando o mundo, como figuras de uma humanidade que se faz lampejo capaz de tornar a esperança mais que um exercício, uma obrigação.





## Apresentação

Neste livro investigamos quais os discursos e sentidos construídos pelo telejornalismo do estado da Bahia, acerca das juventudes. A obra resulta da pesquisa empreendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e visa a analisar como atuam telejornais locais das emissoras TV Bahia, afiliada à TV Globo, e TV Itapoan, afiliada à Rede Record de Televisão, que compõem o corpus desta investigação por serem líderes de audiência em Salvador e Região Metropolitana, gerando significações, representações que operam na construção de discursos sobre as juventudes. É oportuno destacar que foi a partir da década de 1950, no contexto do pós-guerra, que as culturas e práticas juvenis foram reconhecidas enquanto campo de estudos. A partir daí, surgem estudos de matriz sociológica que desestabilizam padrões etários ou biológicos para o reconhecimento desse grupo social e a ideia de juventude como uma construção social historicamente definida começava, então, a ganhar força (MATOS, 2018). Diante do amplo desenvolvimento desse campo de estudos com foco na juventude, fazemos neste trabalho um recorte de aproximação com a tradição dos estudos ingleses, surgidos no contexto do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham.

Acreditamos que o projeto de pesquisa empírica e teórica aqui efetivado, apresenta-se relevante no campo da comunicação, dos estudos televisivos e de juventudes, haja vista o ineditismo do entrecruzamento entre juventude, racismo e telejornalismo na relação com marcas do gênero televisivo. A fim de verificar a existência de trabalhos que dialogassem com esses fenômenos, empreendemos uma pesquisa nos sites de pesquisa científica SciELO e Google acadêmico, no Portal Intercom e no banco de

dissertações e teses na Capes. Utilizamos filtros de pesquisa como área de concentração em comunicação, programas de comunicação e ainda as palavras-chave: telejornalismo, juventude, gênero e racismo, porém não foi encontrado nenhum trabalho. O ineditismo também ocorre na apropriação dos principais paradigmas utilizados na fundamentação de políticas públicas de juventudes, na América Latina, sistematizados por Helena Abramo (2005), como operadores metodológicos na análise de produtos telejornalísticos.

Segundo o filósofo italiano Antonio Gramsci, só investigamos de verdade aquilo que nos afeta (GRAMSCI apud MARTIN-BARBERO, 2004, p. 43). A palavra afetar deriva de afeto, ou seja, aquilo porque nutrimos emoções positivas, completa. A incursão investigativa que aqui iniciamos nasce de incômodos, que me afetam, enquanto jornalista, pesquisador e militante pelos direitos da juventude, que foram despertados inicialmente durante a caminhada na Pastoral da Juventude (PJ) e em outros espaços de luta. A intersecção com o telejornalismo é fruto do interesse, nas formas audiovisuais, especialmente jornalísticas, provocado durante a graduação de Comunicação Social na UFRB, pelas discussões em torno de sua centralidade no cotidiano familiar, função social e dimensão política. Os incômodos com a forma com que os jovens negros figuram nos noticiários baianos foram, portanto, determinantes para assumir como proposta investigativa o telejornalismo, apesar de profissionalmente atuar no rádiojornalismo.

Os incômodos também são frutos da experiência de ter a pele preta, conhecer de perto as consequências de viver numa sociedade estruturada econômica e culturalmente pelo racismo. Na condição de quem conseguiu transpor a barreira do ensino superior por meio das políticas afirmativas de expansão do sistema universitário e das cotas raciais, me sinto especialmente convocado para uma abordagem que não ignore as

condições de vida da juventude negra. É neste sentido que o olhar deste pesquisador responde com uma valorização desta constituição comunicativa, problematizando como o funcionamento dos discursos ajuda na construção de novas narrativas sobre os sujeitos denominados jovens.

O foco na comunicação dialoga com a percepção de Jesús Martín-Barbero (2006), teórico falecido em junho de 2021, a quem de alguma maneira desejo homenagear com essa obra, que ao refletir sobre o sentido social dos meios chama atenção para a sua capacidade de elaboração de sentidos por meio do reconhecimento das massas populares. “A TV detém grande responsabilidade, pois, é por excelência muito mais formadora de imaginários coletivos a partir dos quais os indivíduos se reconhecem do que simples instrumento de ócio e diversão” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.233). Neste sentido, a forma com que os jovens são discursivados pelos telejornais contribui para a construção da memória sobre esses sujeitos e revela importantes aspectos da cultura contemporânea, com desdobramento no modo de constituição dos telejornais. Damos atenção a este aspecto da linguagem telejornalística a partir do entendimento de gênero televisivo como estratégia de comunicabilidade, como acionamento de formas de leitura, de expectativas do público e de uma ideia de mediação do popular por parte das emissoras baianas (MARTÍN-BARBERO, 2006).

Apesar da pesquisa empregar o mapa das mediações como referência teórica, conceitual e metodológica, a dimensão do gênero televisivo ganhou mais força durante o percurso investigativo. Na análise empírica, ao longo das reflexões durante a orientação com a professora Jussara Maia, a quem agradeço pelo texto cuidadoso e inspirador para o prefácio deste livro, percebemos um latente processo de transformação, que indicou a produtividade do aprofundamento da compreensão do gênero televisivo. Nossa hipótese é que os telejornais baianos vêm passando por mutações, abrindo mão de marcas consideradas convencionais do jorna-

lismo televisivo e o modo como as juventudes são discursivizadas pelos veículos tem relação com essa transformação, que está em diálogo com o contexto social.

Os conceitos de poder e hegemonia também são caros a esse trabalho, pois nos interessa identificar a existência de tensões e disputas discursivas, mesmo tratando-se de produtos hegemônicos, por considerarmos que onde há hegemonia também há resistência. Neste sentido adotamos a formulação de cultura, de Raymond Williams (1979), como modo de vida que abrange práticas de resistência e lutas e com isso buscamos mapear os aspectos dessas disputas.

Com esta pesquisa queremos entender quais as disputas em torno do que é dito e silenciado nos telejornais da TV Bahia (Jornal da Manhã, Bahia Meio Dia, BA TV) e da RecordTV Itapoan (Bahia no Ar, Balanço Geral, e BA Record), referente às juventudes, e o que os sentidos construídos podem revelar sobre nossa conformação social, sobre os modos como são construídos os entendimentos sobre a juventude. Aqui pensamos a TV como espaço em que são construídos, reproduzidos e legitimados determinados sentidos e discursos sobre os jovens.

Na primeira seção deste livro apresentamos os Estudos Culturais de origem inglesa e sul-americana como principal horizonte teórico e metodológico por possibilitar compreender as dinâmicas sociais articuladas ao contexto de disputas econômicas, culturais e históricas. O legado de pesquisadores como Stuart Hall e Raymond Williams é basilar para a pesquisa e, no contexto sul-americano, o percurso de Jesús Martín-Barbero, principalmente, o Mapa das Mediações, foram importante referência conceitual e metodológica para análise. Também neste capítulo apresentamos o conceito de gênero televisivo como categoria cultural para análise de produtos midiáticos em sua relação com as mediações do mapa proposto por Jesus Martín-Barbero (2006).

As reflexões e estudos sobre os jovens, que orientaram a perspectiva deste trabalho, estão sistematizados na seção “Juventudes: identidades, desigualdades e significados da condição juvenil”, tendo como ponto de partida as reflexões de Jesús Martín-Barbero sobre os impactos das novas possibilidades tecno-comunicativas no processo de transformação das identidades e sociabilidades juvenis. Também consideramos na discussão a análise subcultural efetuada pelo Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham. Discutimos a origem do conceito de juventude e as abordagens utilizadas pelos marcos legais. Problematizamos os impactos do racismo estrutural na vida dos jovens negros, a necropolítica e o comportamento da mídia diante do tema. Nestes capítulos articulamos as contribuições de autores como Stuart Hall (2003), Freire Filho (2007) Helena Abramo (2005), Muniz Sodré (2015), dentre outros para refletir sobre a experiência juvenil.

Na terceira seção está contida de forma mais efetiva a análise empírica dos seis noticiários, nos capítulos “RecordTV Itapoan: Jornalismo Policial e Estética da Violência” e “TV Bahia: Vigilância e Mediação do Popular”. O trabalho é composto por 128 edições e total de 170 horas de gravação, durante o ano de 2019, pelo período de um mês e o referencial de amostragem através da amostra de período, utilizando o método de mês construído, formado por uma semana dos meses de janeiro, fevereiro, junho e julho e dos meses de agosto e setembro (apenas para o BA Record, que foi inserido posteriormente à pesquisa). Esta decisão foi tomada, tendo em vista que os meios televisivos são afetados pelo ciclo anual (ROSE, 2013), ou seja, a escolha de um período isolado pode dar conta apenas de uma realidade muito específica, por exemplo, a coleta de dados apenas no período do carnaval, ou das férias, pode ficar absolutamente comprometida, pois a cobertura do noticiário tende a absorver estes ciclos temporais. Nossa intenção foi evitar esta ocorrência por meio da ampliação

do período de coleta para meses distintos e desta forma perceber com mais coerência o comportamento do fenômeno analisado.

São objetos empíricos deste trabalho os telejornais: Bahia no Ar exibido de 7h20 a 8h50, Balanço Geral, de 11h30 às 15 horas, BA Record, entre 19h20 e 19h50. Os telejornais da TV Bahia, são: Jornal da Manhã das 6h às 8h, Bahia Meio Dia, de 11h45 às 12h55 e BA TV exibido de 19h13 às 19h34. Nesta etapa utilizamos o Mapa das Mediações, proposto pelo teórico Jesus Martín-Barbero (2006) no livro “Dos Meios às Mediações”, onde o autor propôs novas abordagens sobre a forma de se pensar as relações entre comunicação e cultura. Sua tese é pautada, a princípio, num radical deslocamento do olhar majoritário de uma perspectiva tecnicista e funcional dos meios de comunicação de massa para aquilo que ele entende por mediações, ou seja, lugares que estão entre a produção e a recepção. Esta dimensão se mostra produtiva para o estudo do jornalismo, pois, conforme Juliana Gutmann (2012) este deslocamento “ajuda a pensar o telejornalismo, e o jornalismo, não como uma esfera midiática que transmite os acontecimentos do mundo para um determinado público, mas como uma instância mediadora” (p. 189). Martín-Barbero (2006) apresenta três formas de mediação pensadas para a análise televisiva: cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural, porém, no prefácio à 5ª edição espanhola do Martín-Barbero (2006) amplia a ideia anteriormente apresentada e traça o “novo mapa das mediações”, onde figuram quatro novos regimes de mediação cultural: sociabilidade, ritualidade, tecnicidade e institucionalidade. Nesta obra, a apropriação do mapa se deu de forma mais expressiva nas mediações da institucionalidade e da ritualidade por se destacarem durante as análises.

## **Parte I**

# TELEJORNAL NUMA PERSPECTIVA CULTURAL





## Jornalismo: Narrativa e forma cultural

Nosso interesse aqui é explorar uma aproximação entre o jornalismo e os estudos culturais, compreendendo o jornalismo, seus processos e produtos, como narrativa e fenômeno cultural. A pesquisadora Itania Maria Mota Gomes (2011) aponta a existência de uma tendência nos estudos de comunicação de deixar de lado os aspectos relativos às dimensões sociais, históricas, culturais, econômicas que a televisão adquire, nas análises sobre televisão, especialmente sobre telejornalismo. Para a autora, considerar o telejornalismo “na perspectiva dos estudos culturais deve implicar suas dimensões técnica, social e cultural, o que garante unidade ao objeto de estudo e um olhar mais atento do analista” (GOMES, 2011, p.18). É deste modo, que a autora propõe um método de análise que considera o jornalismo como instituição social e como forma cultural, a partir da proposta elaborada por Raymond Williams, para quem a televisão é, ao mesmo tempo, uma tecnologia e uma forma cultural, e o jornalismo, uma instituição social (WILLIAMS, 1979, p.118)<sup>2</sup>. A proposta de Williams é, segundo Itania Gomes, o marco para pensar o jornalismo como instituição em relação com as tradições:

A concepção de que o jornalismo tem como função institucional tornar a informação publicamente disponível e de que o faz através das várias organizações jornalísticas é uma construção: é da ordem da cultu-

---

<sup>2</sup> Para Williams (1979), as instituições são um dos três aspectos de todo processo cultural, junto com as tradições e as formações. Ali, os meios de comunicação aparecem, junto com a família, a escola, a igreja, certas comunidades e locais de trabalho, como instituições que exercem poderosas pressões sobre o modo de vida, “ensinam, confirmam e, na maioria dos casos, finalmente impõem significados, valores e atividades”. No entanto, não é possível dissociar a análise das instituições da análise das tradições (“a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos”) e das formações (esses movimentos e tendências efetivos que têm significativa influência no desenvolvimento ativo de uma cultura). Nesse sentido, as instituições seriam, então – e no sentido que esses termos adquirem no pensamento de Raymond Williams – constituídas e devem ser pensadas na relação com as tradições e formações.

ra o jornalismo ter se desenvolvido deste modo em sociedades específicas (GOMES, 2011, p. 19).

Nesta obra, é primordial observar de que forma o telejornalismo, enquanto instituição socialmente reconhecida e com regras estabelecidas dentro de seu campo social e profissional, dialoga e interage com a sociedade e seus aspectos culturais - sociais, econômicos, políticos. Também interessa-nos perceber as transformações sofridas pelo telejornal na relação com as formações estabelecidas.

O telejornalismo, como instituição social, não se configura somente a partir das possibilidades tecnológicas oferecidas, mas na conjunção das possibilidades tecnológicas com determinadas condições históricas, sociais, econômicas e culturais. Isso de modo algum significa conceber o jornalismo como cristalização, mas, bem ao contrário, afirmar seu caráter de processo histórico e cultural (GOMES, 2011, p. 19 e 20).

Pensar o jornalismo enquanto instituição social, no Brasil, implica observar sua operacionalização e expectativas e o modo como é configurado em suas interações com a noção de debate público e vigilância pública; a perspectiva liberal sobre o papel democrático da mídia; a noção de quarto poder, em que está implícita a autonomia da imprensa em relação ao governo, o direito à liberdade de expressão e o compromisso com o interesse público; o caráter público ou privado da empresa jornalística (GOMES, 2011). Quer dizer, pensar o jornalismo enquanto instituição social é pensá-lo enquanto construção social, onde se articulam variadas dimensões, sejam elas, técnica, social e cultural que contribuem para o modo como o jornalismo é socialmente aceito.

É oportuno destacar que o modelo de TV adotado no Brasil, desde o seu surgimento, está ligado a interesses econômicos e seu crescimento é fruto dos vínculos com o Estado. Exemplo disso, segundo Sérgio Mattos (2009), é o período da ditadura militar (1964 - 1985), em que a televisão

se beneficiou direta e indiretamente das políticas adotadas pelo regime. Nesse período, se registrou um crescimento vertiginoso tanto no número de receptores, quanto de emissoras, que contribuiu para sua popularização no país, graças ao apoio dos governos militares que tinham interesses em estabelecer algum tipo de controle sobre as produções televisivas, em especial, as jornalísticas. “A televisão brasileira foi diretamente influenciada pelo governo, que, além de promover o desenvolvimento das telecomunicações, começou também a se preocupar com o conteúdo dos programas” (MATTOS, 2009, p. 35).

Nesse período, a televisão, também, foi utilizada como estratégia para a construção de uma ideia de unidade nacional, bem como para persuadir, impor, difundir seus pensamentos e manter o status quo. “O regime militar contribuiu para o desenvolvimento técnico da televisão, a qual também foi usada para promover as ideias do regime autoritário” (MATTOS, 2009, p. 35).

Pensar o jornalismo enquanto construção significa, portanto, observar o seu contexto e as relações que o atualizam na contemporaneidade, a partir, por exemplo, do multiculturalismo, dos fluxos migratórios, da tecnologia digital e dos processos de globalização e suas implicações sobre o jornalismo enquanto atividade social, ideologia e campo profissional. Segundo Gomes (2011), na investigação sobre o jornalismo, do ponto de vista dos valores que o constituem como instituição social, é fundamental interrogar como se dá a conjunção entre jornalismo, sociedade e cultura, “como essa conjunção interage com e reconfigura certos valores jornalísticos tomados como universais: interesse público, objetividade, atualidade, credibilidade, independência, legitimidade” (GOMES, 2011, p. 22). De modo imbricado com suas configurações como instituição social, o jornalismo se configura também como uma forma cultural.

No caso do telejornalismo, acreditamos que, para entendê-lo, é preciso compreender a notícia como uma

forma cultural específica de lidar com a informação e o programa jornalístico televisivo como uma forma cultural específica de lidar com a notícia na TV. Em outros termos, cremos que, apesar de ser um gênero fortemente codificado, se sua história tivesse sido outra, o telejornal poderia ter hoje outro formato (MACHADO, 2000, p. 105 *apud* GOMES, 2011, p. 23).

Nesta obra nossa proposta metodológica para análise dos telejornais tem como premissa que o telejornalismo é uma forma cultural, ou seja, é entendido como um “formato industrial relacionado ao gênero televisivo telejornalismo que convoca, através de formas televisuais, articulações entre lógicas de produção, competências de consumo e matrizes culturais” (GUTMANN, 2012, p. 231). A partir disso, articulamos o conceito de gênero, pensando-o como categoria cultural, e as mediações do Mapa formulado por Jesus Martín-Barbero (2006) como operadores metodológicos para nos ajudar a compreender as regularidades e especificidades dos produtos no processo comunicativo. Aprofundamos esses conceitos, buscando perceber como as transformações ocorridas no gênero televisivo, nas emissoras baianas, se relacionam ao discurso sobre as juventudes, considerando como fundamento teórico e metodológico a abordagem dos Estudos Culturais, que exploramos a seguir.

## **Estudos Culturais**

Os Estudos Culturais assumem e se fundamentam numa perspectiva contextual e situada, isto é, observam como a cultura se articula à sociedade através do seu caráter político e econômico, ou podemos ainda dizer, que como adquire uma forma concreta, uma materialidade, dependendo de um contexto determinado, o que orienta que esta também deve ser uma característica da análise cultural do jornalismo (ESCOSTEGUY, 2012, p. 35). A partir dessa compreensão, nossa intenção é realizar uma análise cultural dos objetos desta pesquisa, tomando como principal referência

os trabalhos produzidos no âmbito dos Estudos Culturais. A corrente de investigação constituiu um Movimento político-intelectual que surgiu na Inglaterra, a partir da reformulação do conceito de cultura, com o objetivo de compreender as transformações que ocorriam na sociedade da época, de modo especial, nas mudanças de valores que perpassavam o contexto da classe operária inglesa.

O surgimento dos Estudos Culturais ocorre no Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), em 1964, como um núcleo de pós-graduação ligado ao English Department da Universidade de Birmingham. A proposta era de cooperação entre disciplinas e objetos de estudo (HALL, 2003, p. 201). Richard Johnson (2006), na obra “O que é, afinal, Estudos Culturais?”, explica que o interesse dos Estudos Culturais não está na codificação de métodos ou conhecimentos, ou seja, “não se trata de querer se instituir nos currículos formais ou metodológicos, sua principal característica é a abertura, versatilidade teórica, espírito reflexivo e principalmente a importância da crítica enquanto conjunto de procedimentos” (JOHNSON, 2006, p. 10). Para o teórico, há diferentes pontos de partida para a definição dos Estudos Culturais. “Podem ser definidos como uma tradição intelectual; ou em suas relações com as disciplinas acadêmicas; ou em termos de paradigmas teóricos; ou ainda, por seus objetos característicos de estudo” (JOHNSON, 2006, p. 21).

As perspectivas assumidas pelos estudos culturais buscaram dar conta da multiplicidade vigente no interior de cada cultura e nas relações interculturais. Também teve como característica perceber o quanto a cultura era permeada por vínculos de poder e hierarquização, de modo que a pesquisa pode ser entendida ainda como possibilidade de converter a reflexão e a crítica em ferramentas que transcendem o universo acadêmico e alcançam a realidade social. Aliás, é exatamente esse seu propósito: transformar a crítica cultural em um dos recursos que possam contribuir para a mudança radical da sociedade.

Sei que há um trabalho fundamental a ser feito em relação à hegemonia cultural. Acredito que o sistema de significados e valores que a sociedade capitalista gera tem de ser derrotado no geral e no detalhe por meio de um trabalho intelectual e educacional contínuo. Esse é um processo cultural a que determinei a revolução longa (WILLIAMS, 1961, p. 75-76 *apud* CEVASCO, 2007, p. 15).

Os Estudos Culturais desenvolvem-se como um processo para produzir um conhecimento, que tem como base a cultura, sendo esta, considerada como um lugar de diferenças e lutas sociais (JOHNSON, 2006). Trata-se, então, de ampliar o que se entende por cultura, de se opor às versões dominantes que impedem de ver as relações entre produção de significados e manutenção da ordem social. Trata-se, ainda, de construir um projeto educacional que contribua para reverter a direção restritiva e elitista da concepção de cultura (CEVASCO, 2007, p. 15). É a partir de reflexões e propostas dessa natureza que o materialismo cultural de Raymond Williams, que mais a frente aprofundaremos, aliado a outros intelectuais, vai se conformando numa proposta materialista da cultura e configurando a base teórica do pensamento dos Estudos Culturais.

Johnson (2006) explica que os estudos culturais não são uma disciplina de estudo, mas se configuram como um campo de estudos interdisciplinar, onde as diversas disciplinas têm como ponto de estudo em comum os aspectos culturais de determinada sociedade, tendo como característica a multiplicidade de objetos de análise. Estas são algumas razões pelas quais considera melhor partir de casos concretos, “seja para ensinar a teoria como uma discussão contínua e contextualizada sobre questões culturais, seja para fazer conexões entre argumentos teóricos e experiências contemporâneas” (JOHNSON, 2006, p.24).

Stuart Hall no artigo ‘Estudos Culturais, Dois Paradigmas’ (2003), apresenta as obras de Richard Hoggart (1957), “As utilizações da cultura”,

E.P Thompson (1963) “A Formação da classe Operária” e “Cultura e Sociedade 1780-1950” de Raymond Williams (1958), como textos seminais e de formação para os Estudos Culturais britânicos. Estudos e publicações de Hoggart sobre a cultura da classe trabalhadora dão atenção a materiais da cultura, até então desprezados, enquanto a pesquisa sobre cultura popular e meios de comunicação de massa inaugura um olhar sobre o popular, em que este não é simplesmente submisso, pelo contrário, “no âmbito do popular também há movimento de resistência” (HALL, 2003, p. 133). A reconstrução histórica da formação da cultura de classe e das tradições populares do período entre 1790/1830, feita por E.P Thompson em *The Making of the English Working-class* (1963) constituiu a ruptura e definiu um novo espaço em que uma nova área de estudo e prática foi se constituindo.

No prefácio do livro “Palavras Chaves”, de Raymond Williams (2007), a pesquisadora Maria Elisa Cevasco destaca a relevância que o trabalho desses intelectuais, responsáveis pelo surgimento dos Estudos Culturais, adquiriu por terem assumido a tarefa de transformar “a cultura medíocre e inerte da Grã-Bretanha”, a mais conservadora entre as grandes sociedades da Europa, na mais viva república das letras do socialismo europeu:

Trata-se de uma república apenas das letras, a contribuição possível de pensadores num momento em que não é dada a possibilidade de renovação social; mas trata-se de uma república de intelectuais engajados em demolir o isolacionismo e o provincianismo da cultura britânica, e imergir seus debates no interior da rica tradição do pensamento socialista europeu (CEVASCO, 2007, p. 9).

<sup>3</sup> Edição brasileira: *A formação da classe trabalhadora inglesa*. Trad. De Ramos Bussato Neto, Cláudia Rocha de Almeida e Denise Bottman. 2 vols. São Paulo, Paz e Terra, 1988.

<sup>4</sup> Raymond Williams. *Culture and society: 1780-1950* [1958]. Londres, The Hoggarth Press, 1993. [Edição brasileira: *Cultura e sociedade, 1790-1950*. Trad. Leonidas H. B. Hegenberg. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969].

Para Cevasco (2007), essa república deve sua vivacidade a obras e intervenções que mudaram a configuração e a eficácia das disciplinas, colocando seus autores entre os cânones das grandes obras da esquerda mundial. Figuras como E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, Raphael Samuel, Christopher Hill e Stuart Hall, são algumas importantes referências para a autora.

Já em Raymond Williams se encontra o eixo fundamental para a construção dos estudos culturais, uma vez que o autor reconfigura o conceito de cultura. Sua principal contribuição se dá no desenvolvimento de uma teoria e de uma prática de análise que criam um novo parâmetro para pensar a questão crucial da cultura. Para o autor, a cultura é uma categoria chave de investigação social e pode ser concebida “como todo um processo social no qual os homens definem e modelam todas as suas vidas” (WILLIAMS, 1979, p.111), ou seja, é o modo de vida que abrange práticas de resistências e lutas, é um sistema heterogêneo de significados partilhados que organiza as relações travadas no terreno social, possibilitando aos indivíduos dar sentido às suas trajetórias.

Na longa tradição hegemônica, cultura é tida como uma “esfera autônoma, o âmbito da doçura e da luz, dos bens espirituais a salvo dos interesses reais das relações entre as pessoas” (CEVASCO, 2007, p. 11). Designa, ainda, o espaço de atuação de uma minoria, capaz de compreender e promulgar os mais altos valores da humanidade, enfaixado nas obras dos grandes autores. Ao ingressar na universidade, Williams percebe o elitismo, o conservadorismo e a enorme dose de ilusão que fundamentam a concepção de cultura desta tradição e a partir daí propõe a resignificação do conceito (CEVASCO, 2007).

Na obra “Palavras Chaves”, Williams (2007) apresenta um estudo sobre as transformações ocorridas no sentido do termo ‘cultura’, que acompanharam as mudanças sociais ao longo da história. O estudo ana-



lisa desde a origem da palavra: “O sentido primordial referia-se, então, a lavoura, isto é o cuidado com o crescimento natural” (WILLIAMS, 2007, p. 117), ao cultivo, até a sua aplicação elitista.

Na Inglaterra, nos anos 1950, momento de estruturação dos Estudos Culturais, o debate sobre a cultura está concentrado no sentido de mudança em uma sociedade que se reorganiza no segundo pós-guerra. Cevasco (2003) destaca que o entendimento de cultura como distinção social por parte de um grupo seletivo, com Williams (1979), dá lugar ao uso antropológico, cultural, como modo de vida: “Trata-se de uma virada semântica notável, que dá notícia de uma intensa transformação social” (CEVASCO, 2003, p. 10).

A dimensão de cultura para Raymond Williams está associada à história, economia e ideologia. O teórico também observa o domínio dos meios de comunicação de massa e o desvio do debate político e econômico para o cultural, segundo o autor, marcas desse período em que o poderio econômico se entrecruza com a expansão cultural. O ponto de vista dessa inter-relação entre fenômenos culturais e socioeconômicos e o ímpeto da luta pela transformação do mundo são o impulso inicial de seu projeto intelectual, conforme diz na obra *The Long Revolution* (1961):

[...] nessa altura ficou ainda mais evidente que não podemos entender o processo de transformação em que estamos envolvidos se nos limitarmos a pensar as revoluções democráticas, industrial e cultural como processos separados. Todo nosso modo de vida, da forma de nossas comunidades à organização e conteúdo da educação, e da estrutura da família ao estatuto das artes e do entretenimento, está sendo profundamente afetado pelo progresso e pela interação da democracia e da indústria, e pela extensão das comunicações. A intensificação da revolução cultural é uma parte importante de nossa experiência mais significativa, e está sendo interpretada e contestada, de formas bastante complexas, no mundo das artes

e das ideias. É quando tentamos correlacionar uma mudança enfocada em disciplinas como a política, a economia e as comunicações que descobrimos algumas das questões mais complicadas, mas também as de maior valor humano (WILLIAMS, 1961, p. xi *apud* CEVASCO 2003, p. 12 e 13).

O ideal de transformação da realidade de Raymond Williams é parte desse processo de novo direcionamento do conceito de cultura. O teórico viu a necessidade de tomar posição sobre a cultura e intervir para demonstrar as conexões entre diversas esferas e construir o conceito de modo a evidenciar a produção cultural da classe operária, propondo um uso democrático que contribuísse para a mudança social. Em oposição à ideia de uma minoria que decide o que é cultura e que difunde entre as massas, Williams propõe um conceito de cultura em que a questão central é afirmar o acesso de todos ao conhecimento e aos meios de produção cultural. Trata-se de uma concepção baseada em valores de solidariedade com a classe trabalhadora e não no princípio burguês de relações sociais radicadas na supremacia do indivíduo (CEVASCO, 2003).

É salutar enfatizar que, além de Williams, os demais teóricos autores das obras que desenvolveram o que ficou conhecido como Estudos Culturais – E. P. Thompson e Richard Hoggart – também buscaram o entendimento de cultura em suas diferentes formas de compreender as transformações que ocorriam na sociedade da época, de modo especial, nas mudanças de valores que perpassavam o contexto da classe operária. Tratam-se de pesquisadores que têm suas trajetórias de vida, militância política e intelectual oriundas do operariado.

Segundo Hall (2003), a cultura na visão desses teóricos é ponto de convergência. Mas nota-se também entre eles, pontos de discordância teórica e metodológica. De um lado os que acreditam que as “culturas” devem ser estudadas como um todo e localizadas em seu contexto material, desconfiam das abstrações e da teoria, enfatizam a importância de

descrições complexas concretas. Por outro lado, há uma ênfase maior dos meios subjetivos de significação. O primeiro conjunto é derivado de raízes sociológicas e antropológicas, o segundo filia-se à crítica literária (JOHNSON, 2006, p. 42).

Para Williams e Thompson, por exemplo, “cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano, mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma global. Em vez disso, preferia entendê-la enquanto um enfrentamento entre modos de vida diferentes” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 28).

É importante enfatizar o registro de que os Estudos Culturais é um marco teórico e metodológico constituído por intelectuais engajados politicamente, que veem a produção de conhecimento como uma prática política. O movimento político e intelectual New Left, surgido nos anos 1950, é uma referência importante por ter reunido intelectuais com trajetórias ligadas à classe trabalhadora “através do programa materialista, para compreender a realidade da experiência da vida sob o capitalismo na sua feição britânica pós-imperial” (CEVASCO, 2001, p. 123-124). Por tratar-se de um movimento de intelectuais interessados por ideias que se contrapunham ao capitalismo, preocupados com as classes populares e com possibilidades de combate à dominação cultural, a New Left e também os estudos culturais acabam por operar uma importante aproximação com o marxismo (CEVASCO, 2001).

Jhonson (2006) explica essa relação e considera três contribuições da corrente marxista que foram incorporados aos estudos culturais.

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações de classe, com as divisões sexuais e com opressões de idade. A segunda é que a cultura envolve poder, contribuindo para produzir

assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira que se deduz das outras duas, é que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas (JOHNSON, 2006, p. 13).

Essa aproximação com o marxismo e o alargamento da concepção de cultura para práticas vividas, tendo como ponto de partida as estruturas sociais de poder e o contexto histórico para compreensão dos meios de comunicação massivos, bem como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas, contribuem para a formulação da teoria materialista da cultura de Williams. O materialismo cultural, que é descrito por ele como “uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro de um materialismo histórico” (WILLIAMS, 1979, p. 12) trata-se de uma teoria que enfatiza a:

produção (e não apenas a reprodução) de significados e valores por formações sociais específicas, a centralidade da linguagem e da comunicação como forças sociais formadoras e a interação complexa tanto das instituições e das formas quanto das relações sociais e das convenções formais (CEVASCO, 2007, p. 18).

Williams reitera em várias ocasiões que o materialismo cultural é uma tentativa de continuar o aprendizado com Marx.

É somente nos sentidos mais ativos da produção material da cultura e da linguagem como um processo social e material que é possível desenvolver uma teoria da cultura que agora pode ser vista como parte necessária, e até mesmo central, da teoria mais geral de Marx da produção e do desenvolvimento humano (WILLIAMS, 1989, p. 224 *apud* CEVASCO, 2007, p. 18).

Stuart Hall (2003) promove uma análise dos estudos culturais, evidenciando distanciamentos e pontos de convergência em seus principais autores. A crítica é desenvolvida sempre a partir dos conceitos de base e

superestrutura, de Karl Marx. Neste sentido, Hall (2003) destaca que a proposição de Raymond Williams contraria a operação base-superestrutura, que no marxismo ortodoxo conferia o domínio das ideias e significados às superestruturas, concebidas como meros reflexos determinados de maneira simples pela base, e sem qualquer efetividade social própria. “Quer dizer, o argumento de Williams é dirigido contra um materialismo vulgar e um determinismo econômico. Ele oferece, em seu lugar, um interacionismo radical: a interação mútua de todas as práticas, contornando o problema de determinação” (HALL, 2003, p. 137).

Hall destaca que outro momento é a revisão de *The Long Revolution*, de Williams, empreendida por Thompson. Ele fez duras críticas a Williams por seu modo evolucionista de conceber a cultura como “uma forma inteira de vida”. Thompson também opera com uma distinção mais clássica do que faz Williams entre ser social e consciência social, termos que prefere aos conhecidos base e superestrutura (HALL, 2003, p. 140). Em meio às aproximações e distanciamentos entre Williams e Thompson estão exatamente os conceitos de base e superestrutura, já que as pesquisas de Thompson se desenvolvem a partir das concepções de uma tradição marxista. Para Hall, esta premissa é uma definição reducionista ou economicista de determinação. A noção de poder é uma questão importante nestas discussões e nesta pesquisa é da ordem das múltiplas relações de força, que estão em toda parte e integradas à teia social, daí que apontamos a existência da disputa discursiva acerca das juventudes no noticiário televisivo. É neste ponto que apresentamos o importante conceito de hegemonia, considerado, por Raymond Williams, chave para se pensar a complexa rede de relações sociais e culturais.

No momento em que Williams propõe uma resignificação da cultura, que passou de uma dimensão dos mais elevados valores da elite, para ser compreendida como todo um modo de vida (WILLIAMS, 1979), o

conceito passa a ser entendido como um espaço privilegiado de disputa, pois, onde há hegemonia, também, há contra-hegemonia. É importante o registro que o conceito de poder, que é central em Michel Foucault, se aproxima dos pressupostos do conceito gramsciano de hegemonia.

Em Raymond Williams (1979), bem como em Foucault, há uma recusa da definição tradicional de poder como controle político ou domínio e, baseado em Antonio Gramsci, o autor distingue “domínio” de “hegemonia”. Domínio é expresso em formas diretamente políticas e em tempos de crise tem como marca a coação direta ou efetiva. Hegemonia é o meio de vida que abrange práticas de resistência e luta:

É uma complexa combinação de forças políticas, sociais, e culturais ou as forças culturais ativas que são seus elementos necessários. Seria o caso de conceber a cultura como todo um processo social no qual os homens definem e modelam todas as suas vidas (WILLIAMS, 1979, p. 111).

Neste ponto de vista, o termo sugerido por Gramsci está em seu dinamismo processual. A ideia de hegemonia, então daria conta de superar a fixidez da metáfora da base/superestrutura, tão cara ao marxismo ortodoxo, e envolveria toda gama de experiências, hábitos, formas de sociabilidade e visões de mundo transmitidos e reproduzidos na sociedade de classe, assim, se a classe dominante possui a hegemonia da reprodução de uma cultura por meio das instituições sociais, isso não significa que tal classe detenha a totalidade da produção cultural da sociedade. O conceito de hegemonia revela, então, os aspectos de luta, resistência, mas também resignação, no campo da cultura, da política e da economia.

A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de ideologia, nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como “manipulação” ou “doutrinação”. É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida:

nossos sentimentos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significações e valores – constitutivo e constituidor – que ao serem experimentados como práticas parecem confirmar-se reciprocamente (WILLIAMNS, 1979, p. 113).

A ideia de hegemonia defendida por Williams é um processo que envolve fatores culturais, além de políticos e econômicos. Jesus Martín-Barbero (2009) também faz uma clara opção pelo conceito de hegemonia adotado por Raymond Williams ao recusar o estudo dos meios de comunicação de massa na perspectiva da “economia política dos meios ou da leitura ideológica das mensagens”. Segundo ele, essas duas vias eram exatamente as propostas do marxismo e do estruturalismo, por ele contestadas, pois acreditava não haver novidades, por se tratar de métodos “para ver como a ideologia dominante domina” (MARTIN-BARBERO, 2009) o que para ele não apresentava nenhuma novidade. “Sabemos que a ideologia dominante é da classe dominante e o que a classe dominante faz é dominar” (MARTIN-BARBERO, 2009, p.3).

Nesta direção, Martín-Barbero (2009) explica seu entendimento de dominação e hegemonia. Dominação é a repressão bruta, os tanques de guerra, já hegemonia é feita de tensões, mas também de cumplicidade, de sedução, de fascinação, ou seja, algo nos dominados trabalha a favor do dominador. É neste sentido que o autor ao refletir sobre o massivo e o popular, evoca uma noção de “trama, entrelaçamento de submissões e resistências, impugnações e cumplicidades” (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 278).

Portanto, o que há de central nas formulações de Foucault e nos autores dos Estudos Culturais, e que é pertinente a esta publicação, é a possibilidade de pensar que se há poder, também há resistência distribuída pela estrutura social, ou seja, o poder circula e assume uma maleabilidade que abre brechas para a compreensão dos enfrentamentos.

Nesse contexto é pertinente a análise das disputas neste trabalho, pois, o aparecimento de um discurso prioritário e o silenciamento de outros estão ligados a questões quem envolvem poder e hegemonia que se atualizam em práticas discursivas, que por um lado constrói um tecido social e um discurso sobre o que é a juventude e por outro lado, os jovens que lutam por espaço e pelo direito à voz. “Esses enunciados que aparecem, e as disputas travadas nesse processo, em última instância nos dizem sobre as relações entre jornalismo e sociedade e sobre as transformações da ordem da cultura” (DALLA VECHIA, 2016, p. 39).



## Mapa das Mediações e análise dos processos comunicacionais

Na América Latina o trabalho desenvolvido pelo filósofo espanhol radicado na Colômbia, Jesus Martín-Barbero, é uma importante referência para o campo da comunicação na perspectiva teórica dos estudos culturais. Autor do clássico *Dos Meios às mediações*, o pesquisador questiona a hegemonia dos meios de comunicação e propõe um deslocamento em seu estudo: no lugar de se preocupar com as disciplinas, com as condições de produção ou mensagem, com a tecnologia, propõe pensar nos processos culturais, sociais e econômicos que envolvem tanto a produção quanto a recepção das mensagens da mídia. “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 270).

A proposição do pesquisador é de que não se pode medir a importância dos meios de comunicação, principalmente a televisão, em si mesma, sem levar em conta toda a bagagem de mundo, as relações estabelecidas entre as pessoas, e entre elas com o meio, isso, segundo o autor, é falsificar a vida para que caiba no modelo dos estudos dos meios. As investigações sobre mediações, concebidas naquela ocasião como matriz epistemológica por Martín-Barbero, se contrapõem ao modelo funcionalista norte-americano que privilegiava os estudos dos meios de comunicação e seus efeitos (MAIO, 2016). É também uma crítica às pesquisas focadas no “midiacentricismo” e no “ideologismo” (MARTIN-BARBERO, 2001). O autor explica o seu entendimento de mediações culturais:

Eu, desde o começo, por intuição, me opus à visão hegemônica, norte-americana, de estudar os efeitos

dos meios. Eu não negava a importância dos meios, mas dizia que era impossível entender a importância, a influência nas pessoas, se não estudássemos como as pessoas se relacionavam com os meios. O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. [...] Mediação significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 153 e 154).

Podemos, então, entender por mediações as estruturas de construção de sentido às quais o receptor está vinculado. A história pessoal, a cultura de seu grupo, suas relações sociais imediatas, sua capacidade cognitiva (MAIO, 2016), mas também sua maneira de assistir televisão, sua relação com os meios e com as mensagens veiculadas. “Para falar de influência é necessário estudar os modos de relação entre as pessoas com o meio, e esse modo de relação tem muito a ver com o grau de educação escolar, se em casa há uma vida familiar intensa ou não” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 155), ou seja, a proposta é que a pesquisa deve partir das práticas sociais e das vivências: da cultura, da política, das relações de poder. Inicialmente, o autor sugere três mediações que constituem, interferem e alteram a maneira como os receptores recebem os conteúdos dos meios. São a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural (MARTIN-BARBERO, 2001).

No prefácio à 5ª edição espanhola do livro “Dos Meios às Mediações”, o autor amplia ainda mais essa ideia e traça o “novo mapa das mediações”, onde figuram as novas complexidades nas relações entre comunicação, cultura e política. Nesse mapa, estão inseridas as mediações da sociabilidade, ritualidade e tecnicidade, além da mediação da institucionalidade (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 15).

Figura 1 - Mapa das mediações.



Fonte: Martín-Barbero (2006, p.16).

No esquema apresentado, os elementos se articulam a partir de dois eixos. O diacrônico ou histórico de longa duração, entre matrizes culturais e formatos industriais; e um sincrônico, que é formado por lógicas de produção e competência de recepção. As relações entre os componentes de cada eixo são conectadas por diferentes mediações. As interações entre Matrizes Culturais e Lógicas de Produção são mediadas pela institucionalidade. A tecnicidade é a mediação entre Lógicas de Produção e Formatos Industriais. As relações entre Matrizes Culturais e Competências de Recepção são mediadas pela socialidade. A ritualidade dá-se no entremeio dos Formatos Industriais e Competências de Recepção (consumo). No centro do mapa estão comunicação, cultura e política (MARTÍN-BARBERO, 2006). Com o esquema, o autor pretende excluir o caminho do pensamento único para pensar a comunicação, e incluir as múltiplas inferências que participam de todo o processo.

No mapa, as matrizes culturais se relacionam com os formatos industriais – por meio do eixo diacrônico ou histórico de longa duração –

orientam o modo como as relações são estabelecidas e remetem à história das mudanças na articulação entre movimentos sociais e discursos públicos, e destes como os modos de produção do público que agenciam as formas hegemônicas de comunicação coletiva. Elas não devem ser compreendidas como o que sobrevive do passado, uma evocação ao arcaico, mas ao “residual”<sup>5</sup>, ou seja, o que faz com que certas matrizes permaneçam válidas e uma narrativa anacrônica se conecte à vida das pessoas (MARTIN-BARBERO, 2001), “o substrato de constituição dos sujeitos”, como explica o teórico, “veios de entrada para outras matrizes dominadas, porém ativas” (MARTIN-BARBERO, 2001, p.324). Entendemos as matrizes culturais, portanto, como marcas incrustadas na experiência social dos sujeitos, que são ativadas nas interações sociais e comunicacionais e embaralham-se com as novas experiências e os novos movimentos.

O gênero melodrama é apresentado pelo autor como um exemplo disso, ligado inicialmente aos movimentos sociais dos setores populares no começo da Revolução Industrial e ao surgimento da cultura de massa, que ao mesmo tempo nega e afirma o popular transformando o seu estatuto cultural, o gênero melodrama será primeiro teatro e tomará depois o formato de folhetim ou novela em capítulos – na qual a memória popular irá se entrecruzar, hibridizar, com o imaginário burguês – e daí passará ao cinema, especialmente norte-americano, e na América Latina ao radioteatro e à radionovela (MARTÍN-BARBERO, 2001). Este exemplo, para o autor, demonstra a trama de cumplicidades entre discursos hegemônicos e subalternos – antes ignorada pelo que chama de maniqueísmo estrutural – assim como a constituição de gramáticas discursivas originadas de formatos de sedimentação de saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas. Gramáticas que dão lugar a uma topografia de discursos cuja

---

<sup>5</sup> “O residual é aquilo que foi formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas ainda como um elemento efetivo do presente” (WILLIAMS, 1979, p.125).

mobilidade provém tanto das mudanças do capital e das transformações tecnológicas como do movimento das intertextualidades e intermediariedades que alimentam os diferentes gêneros e os diferentes meios,

e que hoje são lugar de complexos entremeados de resíduos (R. Williams) e inovações, de anacronias e modernidades, de assimetrias comunicativas que envolvem, da parte dos produtores, sofisticadas estratégias de antecipação (M. Wolf) e, da parte dos espectadores, a ativação de novas e velhas competências de leitura (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 17).

Neste trabalho estamos atentos para perceber quais as matrizes culturais que se relacionam a valores e visões sobre os jovens, principalmente os jovens negros. Neste caso é impossível ignorar a condição social da população negra no Brasil, no regime pós-abolição, excluídos como categoria social das tendências de expansão do capitalismo. Para Muniz Sodré (1999), a sociedade brasileira é regida por um paradigma branco e a clareza da pele continua sendo “a marca simbólica de uma superioridade imaginária atuante em estratégias de distinção social” (SODRÉ, 1999, p. 234). Com a contribuição das matrizes culturais, portanto, podemos perceber que a forma com que a juventude negra é discursivizada traz consigo uma temporalidade residual que se atualiza nas formas de interação e consumo cultural contemporâneo.

A socialidade é a mediação que relaciona as Matrizes Culturais e as Competências de Recepção e Consumo, que diz respeito às relações cotidianas nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades. “Lugar de ancoragem da práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpeleção/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/ contra-hegemonia) com o poder” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.17).

O autor destaca que a socialidade conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura. “Vista a partir

da sociabilidade, a comunicação se revela uma questão de fins – da construção do sentido e da construção e desconstrução da sociedade” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 18), quer dizer, esta mediação faz menção à trama de relações cotidianas que os indivíduos tecem ao relacionarem-se. Ela permite a análise do contexto em que os receptores movimentam-se, interagem e atuam.

A compreensão das Lógicas de Produção é essencial na análise cultural, no mapa elaborado por Jesus Martin-Barbero (2001), para perceber um movimento sincrônico que liga esta às Competências de Recepção, quer dizer, o estabelecimento do sentido do discurso perpassa por uma descrição minuciosa do seu funcionamento que, segundo o autor, mobiliza uma tripla indagação: sobre a estrutura empresarial, em suas dimensões econômicas, ideológicas, profissionais e rotinas produtivas; a competência comunicativa, que é a capacidade de interpelar e construir públicos; e a competitividade tecnológica que são os usos das técnicas na formação de sentidos (MARTIN-BARBERO, 2001). Nosso olhar, aqui, está muito atento às empresas de comunicação que produzem os telejornais, considerando, como aponta o mapa, que os discursos que emergem dos textos televisivos se relacionam com os interesses culturais, políticos, econômicos, com a hegemonia.

Na proposta de Jesús Martín-Barbero, a ritualidade medeia a relação entre os Formatos Industriais (FI) e as Competências de Recepção (CR) ou Consumo e remete ao nexo simbólico que, segundo ele, sustenta toda comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição. Martín-Barbero explica como ocorre a dupla relação da ritualidade com os FI e CR. Segundo o autor, em sua relação com os FI (discursos, gêneros, programas e grades ou palimpsestos), “as ritualidades constituem gramáticas da ação – do olhar, do

escutar, do ler – que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 19), o que implica, da parte dos meios, uma certa capacidade de impor regras aos jogos entre significação e situação. “Porém, uma coisa é a significação da mensagem e a outra, aquilo a que alude à pragmática quando faz a pergunta pelo sentido que tem para o receptor a ação de ouvir rádio ou de ver televisão” (IDEM).

Martin-Barbero aponta ainda a relação das ritualidades com as Competências de Recepção, segundo o autor, elas remetem aos diferentes usos sociais dos meios, quer dizer, está ligada às práticas e os modos do consumo por parte da audiência. De outro lado, as ritualidades remetem às múltiplas trajetórias de leitura ligadas às condições sociais do gosto, marcadas por níveis e qualidade de educação, por posses e saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de gênero, e por hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, oral ou audiovisual, que carregam a experiência do ver sobre a do ler ou vice-versa.

Martín-Barbero diz ainda que é esta a mediação utilizada por alguns antropólogos e sociólogos em estudos do “tempo arcaico”<sup>6</sup> para “iluminar as especificidades da contemporaneidade urbana: modos de existência do simbólico, trajetórias de iniciação e ritos “de passagem”, serialidade ficcional e repetição ritual” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 20), permitindo assim entrever o jogo entre cotidianidade e experiências da diferença, da ressacralização, do reencantamento do mundo a partir de certos usos ou modos de relação com os meios, entre inércias e atividade, entre hábitos e iniciativas do olhar e do ler.

Entender o consumo de bens culturais como um sistema de rituais que dão sentido às experiências cotidianas ajuda a esclarecer o modo como o receptor se relaciona com determinado meio, programa, mensa-

---

<sup>6</sup> O arcaico, segundo Raymond Williams (1979), é aquilo que é facilmente identificado como elemento do passado.

gem ou gênero. É a mediação da socialidade que nos convoca neste trabalho a perceber as marcas do telejornalismo baiano, continuidades e interrupções e nos ajuda a promover uma análise que dá conta das transformações por que passa o produto midiático – que aprofundamos na discussão sobre gênero - com o contexto social.

Como desejamos nesse trabalho uma análise mais específica sobre as disputas discursivas sobre os jovens no texto televisivo, a mediação da institucionalidade é de grande relevância. Ela opera numa relação entre Matrizes Culturais e Lógicas de Produção (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 16) e está relacionada aos meios empregados para a produção de discursos públicos. Por meio dela é que se estabelecem os enfrentamentos e disputas que permeiam os discursos midiáticos.

Em nossa pesquisa interessa-nos perceber quais são as fontes acionadas e autorizadas a falar sobre os jovens. Isso nos dá a dimensão das disputas em torno do discurso. Segundo Martín-Barbero existem diferentes regimes de institucionalidade e essa merece atenção por sua capacidade de regular os discursos, segundo o pesquisador essa é uma mediação:

Densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída, e da parte dos cidadãos – maiorias e minorias – buscam defender seus direitos e se fazer reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 17).

Neste sentido, o que é possível concluir desta formulação de Martín-Barbero, é que as disputas discursivas ocorrem por via da institucionalidade, que regula quem fala e quem não fala, como indica o filósofo Michel Foucault: “Qualquer um enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOCAULT, 2012. p. 9). Para Martín-Barbero, vista a partir da instituciona-



lidade, a comunicação se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se encontra ao lado dos interesses privados.

Ao discorrer sobre a mediação da tecnicidade, o autor a considera estratégica, por se delinear atualmente em um novo cenário, o da globalização.

Isso se dá não só no espaço das redes de informáticas, como também na conexão dos meios – televisão e telefone – com o computador, restabelecendo aceleradamente a relação dos discursos públicos e relatos (gêneros) midiáticos com os formatos industriais e os textos virtuais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 19).

A dimensão aqui para o uso das tecnicidades não diz respeito apenas aos aparatos tecnológicos, mas também, ao seu uso estratégico para a produção de sentidos. “As perguntas geradas pela tecnicidade indicam então o novo estatuto social da técnica, o restabelecimento do sentido do discurso e da práxis política, o novo estatuto da cultura e os avatares da estética” (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 19).

A partir do olhar às tecnicidades, nossa análise busca dar conta dos elementos da linguagem verbal, audiovisual, das posições dos sujeitos, enfim, de como os aspectos técnicos contribuem na elaboração de sentidos sobre os sujeitos. As tecnicidades, também, contribuem para compreender como determinados modos de produção faz com que o gênero seja atraente para o espectador por meio do reconhecimento: “A TV detém grande responsabilidade, pois, é por excelência muito mais formadora de imaginários coletivos a partir dos quais os indivíduos se reconhecem do que simples instrumento de ócio e diversão” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.233).

Mais recentemente, o investigador optou por rever sua proposição inicial e desloca suas pesquisas das mediações culturais da comunicação para as mediações comunicativas da cultura. Essa migração acontece, por-

que Martín-Barbero percebe a força com que os meios de comunicação incidem sobre a sociabilidade (MAIO, 2016). Em entrevista, numa visita ao Brasil para o Fórum Permanente dos Programas de Pós-Graduação de Comunicação do Estado de São Paulo, em setembro de 2009, o pesquisador diz que as transformações ocorridas nas tecnologias da comunicação, agora apontam para uma inversão, “Das mediações aos meios”, ou seja, Martín-Barbero passa a reconhecer que a cotidianidade é vivenciada, frequentemente, por meio da técnica. “A investigação agora já não será sobre as matrizes culturais de comunicação, mas sobre as matrizes comunicativas da cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 9). É neste sentido que o autor vai denominar esse novo ambiente de “entorno tecnocomunicativo” que é a compreensão de um terceiro entorno, um mundo em que vemos, somos vistos, e que produzimos visibilidade, segundo ele, não podemos mais falar de comunicação como um conjunto de meios:

Sim, é isso, a imersão não é pontual, na base do eu ligo, desligo. Assim como estou imerso na natureza e nas instituições, agora estou imerso nesse terceiro entorno. Eu não posso ligar o computador sem saber que sou visto. Vejo, mas sou visto, não há forma de impedir isso (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 10).

Martín-Barbero constata que, mesmo nos países latinos, as pessoas estão cada vez mais isoladas e dedicando mais tempo aos meios.

De alguma maneira, nesse momento aceito que muda o lugar a partir do qual estava olhando. Olhava a partir da nossa cotidianidade comunicativa latino-americana, rica, festiva, e a contrapunha à solidão dos norteamericanos [...]. Era preciso assumir não a prioridade dos meios, mas sim que o comunicativo está se transformando em protagonista de uma maneira muito mais forte (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 152).

Esta nova visão de Martín-Barbero, não é foco deste trabalho, que vai lançar mão do que há de principal em sua obra, o conceito de me-

dição, de forma particular utilizaremos o mapa das mediações como instrumento teórico-metodológico por nos oferecer importantes ferramentas para análise do processo comunicativo. Para isso, lançamos mão dos diversos pontos do mapa aqui apresentados, mas, desenvolvemos, especialmente, as mediações da institucionalidade e da ritualidade, por estarem diretamente relacionadas ao eixo da produção que faz ver como as disputas e sentidos dos discursos são materializados nos textos e qual a configuração contemporânea do gênero telejornal na Bahia, questões prioritárias em nossa pesquisa.

### **Gênero Televisivo e jornalismo popular**

Para responder às questões propostas neste trabalho, convocamos o conceito metodológico de gênero televisivo, que segundo formulação de Itania Gomes (2011) ocupa lugar no centro do Mapa das Mediações. Martín-Barbero afirma que a dinâmica cultural da televisão atua a partir dos gêneros, já que ele funciona como um elemento mediador entre a lógica dos sistemas produtivos e as lógicas dos usos.

A compreensão de gênero para o autor é de que se trata de algo que perpassa os textos, não como uma estratégia da produção de textos, mas uma estratégia que vincula a produção e o consumo dos textos midiáticos. Por esta razão, Martín-Barbero entende que o gênero é uma estratégia de comunicação e, ainda mais, uma estratégia ligada aos vários universos culturais. “O gênero é um estratagema da comunicação, completamente enraizado nas diferentes culturas, por isso, geralmente, não podemos entender o sentido dos gêneros senão em termos de sua relação com as transformações culturais na história” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 65).

Para Itania Gomes (2011), este entendimento dos gêneros como estratégias de interação, como modos nos quais se fazem presentes, reconhecíveis, as competências comunicativas dos emissores e dos destina-

tários é um grande salto rumo a uma análise do processo comunicativo como um todo em que obriga a pensar a competência textual fora do âmbito de uma exclusividade da emissão, senão também da recepção.

Martín-Barbero (2006), sugere que o melodrama é o gênero televisivo mais expressivo na América Latina porque é o mais aberto às formas de viver e sentir da população, neste sentido, procura identificar, no melodrama, os mecanismos que operando desde a memória e o imaginário coletivo, irá dar conta do reconhecimento da cultura popular na cultura de massa. É o drama do reconhecimento o que está em jogo no melodrama e reconhecimento, na acepção adotada, significa interpelação:

[...] re-conhecer significa interpelar, uma questão acerca dos sujeitos, de seu modo específico de constituir-se. E não somente os individuais, também os coletivos, os sociais, incluídos os sujeitos políticos. Todos se fazem e refazem na trama simbólica das interpelações, dos reconhecimentos (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 306).

Com isso, o que Martín-Barbero está a indicar é que os gêneros acionam mecanismos de percepção e de reconhecimento do popular, é um mecanismo que funciona como dispositivo de leitura, de produção de sentidos, de “reencontro com o mundo” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 204) e são, por este motivo, o ponto de ancoragem da indústria midiática no aparato perceptivo das massas.

Esta é uma abordagem que dá conta do modo como os gêneros operam seu reconhecimento numa comunidade cultura, é a partir do gênero que Martín-Barbero vai reconhecer pelo melodrama, o modo como o massivo opera dentro do popular ou o modo como a cultura midiática ao mesmo tempo em que se impõe ao povo através das corporações midiáticas com suas lógicas de produção, também deriva de experiências, gostos e costumes populares que configuram as lógicas de consumo e usos. Em Ofício de cartógrafo ele dirá que “o gênero constitui uma categoria básica

para investigar o popular e o que de popular fica ainda no massivo” (MARTÍN-BARBERO, 2004b, p. 161).

É importante ressaltar que a conceituação de popular apresentada por Jesús Martín Barbero tem o caráter de espaço de disputa, “isto é, como culturas subalternas, dominadas, porém possuidoras de uma existência positiva, capaz de desenvolvimento” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 273). Neste sentido, faz-se necessário distinguir sua diferença em relação ao massivo popular, ou seja, a cultura popular na mídia, um produto fabricado visando às classes populares e as vantagens que podem decorrer do consumo do massivo por essas classes. Portanto, os discursos dos telejornais sobre o popular, aqui, são compreendidos enquanto cultura popular massiva, já que, esta tem como base a cotidianidade da classe popular, operando para estabelecimento de vínculos com sua audiência através do reconhecimento.

É neste sentido que nos apropriamos da dimensão teórica e política de cultura popular dos Estudos Culturais, não no sentido populista e romântico, enquanto forma fixa e determinada, mas articulando saberes, seduções e resistências, sem dualismos, pois a conforme Martín-Barbero (2006) a sociedade é relacional:

O massivo, nesta sociedade, não é um mecanismo isolável, ou um aspecto, mas uma nova forma de representação e participação política, a organização das práticas religiosas, os modelos de consumo e os de uso do espaço. Assim, pensar o popular a partir do massivo não significa, ao menos não automaticamente, alienação e manipulação, e sim novas condições de existência e luta, um novo modo de funcionamento da hegemonia (p.322).

Em seu estudo sobre a comunicação na América Latina, Martín-Barbero (2006) constata que ocorre uma incorporação da cultura popular na televisão, tendo como referentes o rádio, o circo e principalmente o melodrama como formas de operar o reconhecimento. Os

programas que analisamos neste trabalho se dedicam ao que àquilo que consideram demandas populares, os problemas enfrentados pela população, principalmente de Salvador. Chama a nossa atenção o fato de que sob a alegação de mediação do popular, o gênero passa por transformações, abrindo mão de determinadas marcas do modelo hegemônico de jornalismo. Tem linguagem informal, tom reivindicatório, ênfase nas notícias locais, menos notícias políticas e econômicas, ênfase na abordagem da vida privada, do grotesco, da criminalidade, da tragédia, da transgressão, da sexualidade e da vida das pessoas comuns e das celebridades.

O formato permeia as diversas emissoras baianas, porém, em nossa pesquisa nos concentramos na observação dos principais telejornais das emissoras líderes em audiência, TV Bahia e TV Itapoan. A TV Bahia, afiliada da Rede Globo, é a que mais deixa ver o processo de transformação do gênero, pois está em curso. Inicialmente este aspecto não fazia parte do interesse desta pesquisa, porém, o contato com o fenômeno implicou na percepção de uma mutação das práticas e da linguagem televisiva, provocando uma aproximação do conceito de gênero como categoria cultural. Em 2018 a chegada da apresentadora Jéssica Senra ao Bahia Meio Dia, marca uma certa ruptura com o Padrão Globo, que também provocou mudanças em série em toda a programação, sob a alegação de ficar mais próxima da população, como disse Jéssica Senra em sua estreia no dia 7 de maio de 2018: “Nessa nova fase, tudo que nós estamos fazendo tem um único objetivo: estar cada vez mais perto de você, a gente quer te ouvir, a gente quer lutar junto com você, nós queremos nos indignar com você” (BMD, 7/5/19), diz Jéssica Senra .

A nova configuração dos programas da TV Bahia, atingiram diversos elementos, desde a pauta que agora privilegia a resolução dos problemas urbanos e questões referentes ao trânsito, até a informalidade da linguagem oral dos apresentadores e repórteres; os aspectos da lingua-

gem audiovisual como cenários, trilhas, legendas, também passaram por mudanças. Trata-se de uma atualização do gênero programa jornalístico televisivo, que como produto da cultura, está em constante movimento e transformação.

Já a TV Itapoan apresenta uma trajetória mais antiga com programas desta natureza. Um importante marco é o Programa Balanço Geral, que surgiu há mais de 30 anos com o radialista Fernando José e permanece até nossos dias no ar. Atualmente, o programa faz parte da grade nacional da Record com versões locais em cada afiliada. Na Bahia é exibido em duas edições. A programação da TV Itapoan deixa ver como o jornalismo policial está no centro de sua programação, um verdadeiro palimpsesto, como nos diz Martín-Barbero:

Cada programa, ou melhor, cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento de gêneros e tempos. Enquanto gênero, pertence a uma família de textos que se replicam e se reenviam uns aos outros nos diferentes horários do dia da semana. Enquanto tempo ocupado, cada texto remete à sequência horária daquilo que o antecede e daquilo que o segue, ou àquilo que aparece no palimpsestos nos outros dias, no mesmo horário (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.298).

O tema da criminalidade permeia os programas da Rede Record e em sua afiliada baiana são pelos menos cinco programas locais: Balanço Geral 1ª edição, Bahia no Ar, Balanço Geral 2ª edição, Cidade Alerta Bahia e BA Record. Em todos eles, há um considerável acento na temática policial e, por conseguinte, é nesta editoria em que os jovens são mais noticiados.

Para Gomes (2011) se explorarmos as consequências das proposições de Martín-Barbero sobre o gênero e ampliarmos o olhar para além do texto, veremos que o gênero ocupa lugar no centro do mapa das mediações, naquele ponto de entrecruzamentos onde o autor acredita poder investigar as relações.

O gênero, enquanto categoria cultural, se deixa ver na articulação dos dois eixos do mapa das mediações, o diacrônico, que diz dos modos como as matrizes culturais se relacionam com a constituição de formatos industriais - nos termos de Martín-Barbero, como matrizes populares se fazem presentes na configuração de produtos massivos -, e o sincrônico, entre as lógicas de produção e competências de recepção ou consumo - nos termos de Martín-Barbero, o modo como as lógicas do sistema produtivo, ou seja, sua estrutura e suas dinâmicas se articulam com as competências culturais dos diversos grupos sociais (GOMES, 2011).

Neste sentido, o gênero nos permite uma chave de análise da televisão vinculada às principais teses da teoria da cultura de Martín-Barbero, de que não se pode pensar o popular à margem do processo histórico de constituição do massivo. O autor relaciona o gênero com esses dois eixos. No eixo diacrônico:

O gênero é hoje um lugar-chave da relação entre matrizes culturais e formatos industriais e comerciais. Temos vivido separando completamente estas duas coisas. Uma coisa era o estudo dos textos literários ou das matrizes culturais, e outra, o estudo dos formatos. O gênero é lugar de osmose, de fusão e de continuidades históricas, mas também de grandes rupturas, de grandes descontinuidades entre essas matrizes culturais, narrativas, gestuais, estenográficas, dramáticas, poéticas em geral, e os formatos comerciais, os formatos de produção industrial (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 66).

No eixo sincrônico:

“Entre a lógica do sistema produtivo e as lógicas dos usos, medeiam os gêneros. São suas regras que configuram basicamente os formatos, e nestes se ancora o reconhecimento cultural dos grupos” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 303). Ou ainda:



Os gêneros não podem ser estudados sem uma redefinição da própria concepção que se teve da comunicação. Pois seu funcionamento nos coloca diante do fato de que a competência textual, narrativa, não se acha apenas presente, não é unicamente condição da emissão, mas também da recepção. Qualquer telespectador sabe quando um texto/relato foi interrompido, conhece as formas possíveis de interpretá-lo, é capaz de resumi-lo, dar-lhe um título, comparar e classificar narrativas. Falantes do 'idioma' dos gêneros, os telespectadores, como nativos de uma cultura textualizada, 'desconhecem' sua gramática, mas são capazes de falá-lo (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 304).

Esta configuração apresentada por Martín-Barbero dos dois eixos do mapa permite incorporar sua proposta de análise da televisão a sua preocupação com as distintas temporalidades vividas pela sociedade. Na concepção do autor, a relação entre matrizes culturais e formatos industriais implica a articulação entre gramáticas de diferentes gerações, que se articulam às mudanças do capital, mas também às mudanças tecnológicas (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 17).

Um exemplo apresentado por Martín-Barbero, de como o gênero figura no mapa, está na forma com que a TV organiza o seu tempo, que é a partir da incorporação do tempo da vida cotidiana. Isto se deixa ver na articulação entre as lógicas de produção e as competências da recepção.

E a matriz cultural do tempo organizado pela televisão não seria justamente esta, a da repetição e do fragmento? E não seria ao se inserir no tempo do ritual e da rotina que a televisão inscreve a cotidianidade no mercado? O tempo com que se organiza sua programação contém a forma da rentabilidade e do palimpsesto, um emaranhado de gêneros (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 308).

Em nossa pesquisa sobre os telejornais baianos, contemplamos os programas das grades televisivas da TV Itapoan e TV Bahia, exibidos nos diferentes horários. Bahia no Ar e Jornal da Manhã, no período matuti-

no, Balanço Geral e Bahia Meio Dia, exibidos no horário do almoço e BA Record e BA TV exibidos à noite. Nosso interesse é verificar o modo com que os jovens são discursivizados em cada período do dia. Já que a faixa horária de exibição agencia o seu público.

Como apresentaremos nesta pesquisa, os programas do horário do almoço, na Bahia, têm características muito evidentes, um acento na pauta policial e na resolução dos problemas enfrentados pelos bairros de Salvador. Como este fenômeno pode afetar o que é dito e não dito sobre os jovens? Quais as características e transformações em curso no gênero telejornalismo no horário do almoço? Como esta faixa horária se convencionou num modo peculiar de telejornalismo? Como veremos alhures, também observamos que apesar de determinadas mudanças ocorridas no gênero, os telejornais da noite (BA Record e BA TV) ainda são os que mais se identificam com um modelo hegemônico de telejornal e que apresentam menor incidência de notícias sobre violência. Por que isto ocorre? Quais são os temas em que os jovens são noticiados nesses horários? Estas são questões que olhando a partir do gênero tensionam o modo com que os sentidos sobre os jovens são elaborados e reafirmados no cotidiano.

Ainda discutindo sobre o gênero no centro do mapa, Martín-Barbero, como exemplo da relação entre matrizes culturais e formatos industriais, convoca a história de como o gênero melodrama, inicialmente ligado aos movimentos sociais dos setores populares no começo da Revolução Industrial e ao surgimento da cultura de massa, que ao mesmo tempo nega e afirma o popular, transformando o seu estatuto cultural, vai do teatro ao folhetim, à novela, ao cinema, ao radioteatro e à telenovela, articulando a memória popular ao imaginário burguês. Para Martín-Barbero,

[...] essa história nos permite deslocar o maniqueísmo estrutural que nos incapacitou durante muito tempo para pensar a trama das complicitades entre

discursos hegemônicos e subalternos, assim como a constituição – ao longo dos processos históricos – de gramáticas discursivas originadas de formatos de sedimentação de saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 17).

Aqui neste trabalho quando nos referimos às mudanças do gênero telejornalismo na Bahia, tomamos como principal referência de gramática, o Jornal Nacional, da Rede Globo, que, segundo a pesquisadora Itania Gomes (2011), apesar de ter sofrido alterações ao longo dos anos, permanece o modelo de referência para o telejornalismo nacional e representa o conjunto mais bem acabado de marcas que caracterizam um telejornal no Brasil. Para a autora, considerando o JN em momentos distintos da história, ele se constituiu como “estabilidade em fluxo” (GOMES, 2011, p. 3). Quer dizer representa aquilo que no Brasil esperamos que seja ou deva ser um telejornal, fazendo com que características que são do JN acabem por se confundir com marcas do subgênero<sup>7</sup> telejornal, “ao mesmo tempo em que é um produto da cultura e, como tal, contingente e transitório, um produto que se transforma ao longo do tempo e assume novos diferentes sentidos em distintos momentos históricos brasileiros” (GOMES, 2011, p. 3).

A adoção do gênero televisivo como uma categoria cultural, inserindo-o no centro do mapa das mediações, implica buscar compreender as distintas temporalidades e origens que configuram o processo cultural. Em nossa compreensão, os gêneros são um elemento fundamental para o entendimento da relação entre televisão e cultura, de modo que devemos analisá-lo em sua relação com as transformações culturais na

---

<sup>7</sup> A pesquisadora Itania Gomes, em seu estudo sobre o gênero, propõe considerar que os programas telejornalísticos são uma variação específica dentro da programação televisiva, pois tem especificidades e características de construção narrativas peculiares. “Os telejornais, programas de entrevistas, documentários televisivos as várias formas de jornalismo temático são variações dentro do gênero: podemos chamá-los de subgêneros, e demandam ser abordados em categorias que impliquem considerá-los ao mesmo tempo, como um produto de jornalismo televisivo e como um produto cultural, um processo geral de permanente produção de sentido, que se dá nos processos de produção e consumo, nos processos de reconhecimento social do telejornalismo, no processo político de disputa sobre o que o telejornalismo pode ou deve ser” (GOMES, 2011, p. 2).

história. Eles devem nos permitir analisar a dinâmica cultural da televisão, os modos como ela articula elementos de distintas temporalidades: um presente-passado/residual, um presente-presente/dominante, um presente-futuro/emergente (GOMES, 2011, p. 127). Tomar o gênero numa perspectiva histórica não é apenas olhar para um conjunto de textos pertencentes a um determinado gênero – na medida em que gêneros não são redutíveis aos textos – mas olhar para a circulação cultural dos gêneros televisivos para compreender como os gêneros surgem, mudam, desaparecem (GOMES, 2011).

A leitura que fazemos é que colocar o gênero no centro do mapa das mediações é uma boa pista para a análise, pois articula as relações entre comunicação, cultura, política e sociedade, permitindo uma visão global e complexa do processo comunicativo.

Esta adoção é conceitualmente coerente com a perspectiva de Jesús Martín-Barbero e mostra-se produtiva do ponto de vista metodológico, para uma análise da juventude no gênero telejornalismo, pois dá conta da relação texto/contexto. Compreender o gênero como uma categoria cultural e colocá-lo no centro do mapa das mediações tem a vantagem de permitir compreender os gêneros em sua relação com as transformações culturais, numa perspectiva histórica, e a enfrentar o desafio metodológico implicado na ambição de adotar uma visão global e complexa do processo comunicativo. Nesse caso, acreditamos ser fundamental a concepção de mediação, pensada por Martín-Barbero, “mas como mediação na obra: como uma determinada obra, um determinado programa televisivo, no processo analítico, convoca nosso olhar para o processo cultural do qual participa” (GOMES, 2011, p. 127).

Nos próximos capítulos aprofundamos a discussão sobre as transformações do telejornalismo na Bahia a partir da mediação da socialidade em sua relação com as lógicas de produção e as competências da

recepção. São nestes capítulos que buscamos promover uma análise de como a forma com que os jovens são discursivados associa-se ao do gênero televisivo e a própria sociedade.

## **Parte II**

# JUVENTUDES: IDENTIDADES, DESIGUALDADES E SIGNIFICADOS DA CONDIÇÃO JUVENIL

## Sujeitos juvenis, sociabilidades e identidades

Abrimos este capítulo dedicado aos entendimentos de juventude, analisando como a questão juvenil é tratada pelo teórico Jesús Martín-Barbero, autor cuja obra é transversal neste trabalho. As reflexões do pesquisador apresentam forte ligação com a perspectiva subcultural elaborada pelos Estudos Culturais e, na conformação contemporânea, nos oferece um aporte para compreender as novas dinâmicas juvenis, identidades e o seu consumo cultural. A abordagem do autor leva em conta, principalmente, a emergência das novas possibilidades tecno-comunicativas que, segundo ele, participam de um processo de transformação das identidades e sociabilidades juvenis. Consideramos oportuno lançar mão do seu entendimento sobre os jovens nesta pesquisa já que parte inicialmente do papel da televisão na formação de novas sensibilidades e mais recentemente pelas discussões em torno do que define como um novo ecossistema, a experiência vivenciada pelos sujeitos jovens na contemporaneidade, provocada principalmente pela cultura digital.

Embora não dedique nenhuma obra em especial à temática da juventude, a produção de Martín-Barbero acompanha e destaca a agência deste “novo ator social” que emerge a partir dos anos 1990. O primeiro texto de Jesús-Martín Barbero focado exclusivamente na juventude foi lançado numa coletânea<sup>8</sup>, na qual sua argumentação, numa perspectiva cultural, desvincula estes sujeitos da noção de ameaça social e violência a que comumente eram relegados. É numa discussão que mescla identidade juvenil, revolução tecnocultural, novas sensibilidades e a participação dos meios, mais especificamente da televisão, na criação deste ator social jovem, que o autor dá entrada na reflexão sobre a juventude.

---

<sup>8</sup> “Vivendo a toda”: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades (1998). A iniciativa apresenta um novo enfoque na abordagem da juventude e traz um elenco de autores ainda hoje relevantes no tratamento da problemática juvenil, entre eles Mario Margulius e Carles Feixa Pampils.

Foi principalmente pela temática da educação nas relações com o campo da comunicação, que a juventude foi tornando-se pauta por ele trabalhada. Observando o vigor da comunicação com a desestabilização ocasionada pela revolução tecnológica, Martín-Barbero (2014), reconhece a emergência de novas práticas de leitura e de novas formas de inteligência em jogo no processo de conhecimento. Para o autor, as novas tecnologias da comunicação remetem a novos modos de percepção e novas sensibilidades.

O que a trama comunicativa da revolução introduz em nossas sociedades não é, pois, tanto uma quantidade inusitada de máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição de bens e serviços (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.79).

Neste sentido, o autor destaca que a emergência das tecnologias da informação alcançou fortemente o processo de construção de conhecimento e provocou transformações no sistema comunicacional, nas sensibilidades, na cultura cotidiana e no processo educativo. Com o que chama de novo “ecossistema comunicativo”, o autor diz que surgiu um ambiente educacional difuso e descentralizado no qual estamos imersos. Trata-se de um ambiente de informação e conhecimento múltiplo, descentralizado em relação ao sistema educacional que ainda nos governa e que possui como centro a escola e o livro: “A escola deixou de ser o único lugar para legitimar o conhecimento, pois existe uma multiplicidade de conhecimentos que circulam por outros canais e solicitam à escola permissão para expandir-se socialmente” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 8).

Além do olhar pela perspectiva da educação, as pesquisas desenvolvidas por Martín-Barbero sobre a juventude têm um interesse nas novas formas de sensibilidade, de sociabilidade e de identidades. O au-

---

<sup>9</sup> “La aparición de un ecosistema comunicativo se está convirtiendo para nuestras sociedades en algo tan vital como el ecosistema verde, ambiental” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 7).



tor quer saber que sujeitos estão começando a se reconfigurar diante da grande transformação da sociedade contemporânea, onde, segundo ele, os jovens se tornam protagonistas.

E foi assim também, que, em meados dos anos 90, me aproximei pela primeira vez da reflexão sobre o significado do jovem na des-ordem cultural que atravessávamos. Um des-ordenamento cultural observável, especialmente, a partir de dois ângulos: da defasagem da escola em relação ao modelo social de comunicação que foi introduzido pelos meios audiovisuais e pelas “novas” tecnologias; e da emergência de novas sensibilidades, nas quais se encarnavam, de forma “precipitada” e desconcertante alguns dos traços mais fortes da mudança de época (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 11).

Segundo o autor, a emergência da cultura digital acaba por reconfigurar as práticas de sociabilidade dos jovens. A novidade trazida pela juventude é uma ruptura com o saber e a memória dos mais velhos: “Nem os pais constituem o eixo principal do comportamento, nem a escola é o único lugar legítimo do conhecimento, nem o livro é o centro que articula a cultura<sup>10</sup>” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 4). Trata-se de novos sujeitos, com novas formas de perceber o espaço e o tempo, a velocidade a lentição, a distância e a proximidade, é o que o autor define, a partir de Walter Benjamin, como um novo sensorium:

É uma nova experiência cultural, ou como W. Benjamin chamou, um novo sensorio, novas maneiras de perceber e sentir, ouvir e ver, que em muitos aspectos se choçam e rompem com o sensorio dos adultos<sup>11</sup> (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 7).

<sup>10</sup> No original: Ni los padres constituyen el patron-eje de las conductas, ni la escuela es el único lugar legitimado del saber, ni el libro es el centro que articula la cultura (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 4).

<sup>11</sup> Se trata de una experiencia cultural nueva, como W. Benjamin lo llamó, un sensorium nuevo, unos nuevos modos de percibir y de sentir, de oír y de ver, que em muchos aspectos choca y rompe con el sensorium de los adultos (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 7).

Esse distanciamento entre os jovens e seus pais pode ser percebido pela velocidade e sonoridade. Não só a velocidade dos carros, mas a velocidade das imagens, do discurso televisivo, especialmente da publicidade e dos videoclipes, e na velocidade dos relatos audiovisuais. É a televisão, segundo Martín-Barbero, que primeiro vai provocar esta “des-ordem” cultural na família e na escola, pois, ela põe fim a uma separação social que protegeu as crianças das classes média e alta durante os dois últimos séculos. Enquanto o texto escrito criou espaços de comunicação exclusiva entre os mais velhos, “instaurando uma marcada segregação entre adultos e crianças, a televisão cria um curto-circuito nos filtros da autoridade dos pais, transformando os modos de circulação da informação no lar” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 17), o mesmo acontece com a escola.

Ao considerar as mudanças proporcionadas pelos novos ambientes virtuais, Martín-Barbero aponta que a forma com que os sujeitos juvenis habitam o território também sofreu transformações, são sujeitos nômades, que não habitam mais na cidade como espaço territorial. Eles têm sua própria geografia que é traçada pela música, pelas personagens, personalidades, etc. Quer dizer, as novas gerações “percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa fortemente pela sensibilidade – que é em muitos sentidos, sua corporeidade” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21).

Esta nova relação com o corpo torna-se uma das formas de expressão, uma vez que para o autor “os jovens nos falam hoje através de outros idiomas: dos rituais de vestir-se, tatuar-se, adornar-se e, também, do emagrecer para adequar-se aos modelos do corpo que lhes propõe a sociedade, pela moda e a publicidade” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21). O autor considera que no contexto de convergência, o corpo toma ainda novos contornos, pois “é sustentado cada vez menos em sua anatomia e mais em suas extensões ou próteses tecnomidiáticas” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 115).

Desta nova relação com o corpo resulta um movimento de jovens que transitam entre o repúdio à sociedade e o refúgio na fusão tribal. “Milhões de jovens ao redor do mundo se juntam sem falar, só para compartilhar a música e para estar juntos através da comunicação corporal que ela gera” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 22).

Particularmente, pensar esta relação dos jovens da Bahia com a música e com o corpo nos faz olhar para os fenômenos aqui analisados de forma mais criteriosa para perceber as relações sociais, as dinâmicas identitárias e as práticas de resistência destes corpos frente à cultura dominante. Esta tarefa é bastante exigente, pois há um duplo perigo: considerar tudo como cooptação do hegemônico, ou superestimar uma ideia de resistência. Hall e Jefferson (1976) nos alertam sobre este aspecto ao situar a relação das subculturas espetaculares juvenis com a cultura dominante num quadro teórico de opressão, conflito e luta. Neste sentido fixamos o olhar na TV toda vez que jovens negros cantores, músicos ou dançarinos da música baiana foram noticiados nos telejornais com o intuito de analisar os aspectos ressaltados ou omitidos pela cultura dominante. Quais os artistas que mais aparecem? Esses corpos, nesses lugares, podem ser compreendidos como rupturas, brechas, emergências? São questões como essas que buscamos responder com a análise.

A música é apontada por Martín-Barbero como um traço sintomático das peculiaridades fundamentais do comportamento da juventude, um dos principais elementos que conecta as sensibilidades juvenis como resultado da hibridação entre cultura e comunicação, potencializada pela convergência digital. É o idioma juvenil por excelência e “organizador social do tempo” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 16), ou seja, a música utilizada como erradicador do tédio é uma organização abstrata pela qual os jovens organizam o seu tempo. “A música é aquela tecnologia que permite fazer desenhos abstratos de temporalidade experimental [...] e por

isso, os jovens, esses seres depreciados milionários em tempo de espera<sup>12</sup>, aguardam – realizam a espera – famintos por música” (IDEM).

Quanto às tecnologias digitais, a seu ver, causam um desordenamento ainda mais intenso que aquele provocado pela televisão, que transformou o modo como a informação circula dentro de casa, desvelando os mecanismos que sustentam a autoridade familiar, pois a censura torna-se explícita. Na rede, a criatividade juvenil consegue acessar mais facilmente o que é vetado pela censura moral ou eletrônica, por isso, longe de absorver em seu trabalho as afirmações apocalípticas de isolamento juvenil e a perda de vínculo com a realidade em razão do uso excessivo da tecnologia, o teórico aponta para uma sociabilidade que se constrói principalmente nos cibercafés, “porque é onde os adolescentes navegam em grupo, seja aleatoriamente, seja para fazer trabalhos escolares” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 19).

Neste sentido, é oportuno ressaltar que Martín-Barbero não atribui à tecnologia um sentido determinista ao comportamento juvenil, ele observa, ao mesmo tempo, os potenciais de conexão e inclusão proporcionados pela tecnologia digital. Apesar de reconhecer que existem diferenças no uso cotidiano da tecnologia no ambiente familiar mediadas pela classe social, adverte, porém, que a tecnologia não é a responsável pelas desigualdades, pois ela reproduz uma exclusão que a própria sociedade gera em suas relações, principalmente na concentração de poder e do saber e na reprodução da submissão.

A emergência dessas novas sensibilidades e sociabilidades aponta para as mudanças radicais por que passam os jovens, pois elas estão

---

<sup>12</sup> Na argumentação do autor, este ócio é relativo ao tempo sem trabalho ou à longa espera por um, referindo-se especialmente ao contexto colombiano: “Podemos afirmar que diante das facetas que explicitam a condição jovem – o excesso de tempo livre e a “longa fila de espera” para encontrar trabalho -, a juventude aliou o modo de organizar, ou melhor, de dar forma ao amorfo tempo do ócio/sem trabalho desdobrando-o ritmicamente para erradicar sua chateação intrínseca” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 16).

desligadas das figuras, estilos e práticas de antigas tradições que definem a cultura e cujos sujeitos se constituem a partir da conexão/desconexão com os aparelhos. “O que há de novo hoje na juventude, e que já está presente na sensibilidade do adolescente, é a percepção ainda obscura e desconcertada de uma profunda reorganização nos modelos de socialização<sup>13</sup>” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 4).

Esta nova configuração social que transformou as relações sociais também opera em novos modos de perceber, de narrar e de conformação de identidades, especialmente na desterritorialização, como constituinte das camadas juvenis, sob o influxo da comunicação massiva:

Na empatia dos jovens com a cultura tecnológica, que parte das informações absorvidas pelos adolescente em seu relacionamento com a televisão na facilidade de entrada e gerenciar a complexidade das redes de computadores, o que está em jogo é uma nova sensibilidade feita de uma dupla cumplicidade cognitiva e expressiva: está em suas histórias e imagens, em suas sonoridades, fragmentações e velocidades que eles encontram sua linguagem e ritmo (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.4)<sup>14</sup>.

Martín-Barbero (2002) utiliza a metáfora do palimpsesto, usa também para discutir a noção de gênero televisivo, para referir-se a essa identidade juvenil. Segundo ele, ela se constrói nas entrelinhas do presente que permite entrever o passado ainda que borrado, articulando sensibilidades modernas e pós-modernas, e se constituindo de forma desterritorializada e inevitavelmente híbrida. Segundo o autor, a identidade do sujeito que habita nosso mundo ocidental é a de um indivíduo

<sup>13</sup> “Lo que hay de nuevo hoy en la juventud, y que se hace ya presente en la sensibilidad del adolescente, es la percepción aun oscura y desconcertada de una reorganización profunda en los modelos de socialización” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 4).

<sup>14</sup> “En la empatía de los jóvenes con la cultura tecnológica, que va de la información absorbida por el adolescente en su relación con la televisión a la facilidad para entrar y manejarse en la complejidad de las redes informáticas, lo que está en juego es una nueva sensibilidad hecha de una doble complicidad cognitiva y expresiva: es en sus relatos e imágenes, en sus sonoridades, fragmentaciones y velocidades que ellos encuentran su idioma y su ritmo” (2002, p. 4).

que sofre de uma constante instabilidade identitária e de uma fragmentação da subjetividade cada vez maior.

Para ilustrar as rupturas e os modos de engajamento apresentados pela nova experiência cultural de identidade dos jovens, utiliza a figura da cidade e do canal de televisão. A programação da televisão é fortemente marcada, ao mesmo tempo, pela descontinuidade introduzida pela permanente fragmentação e por causa da mistura fluida que permite zapear pelo controle remoto, atravessando o palimpsesto de gêneros e discursos. Com a mesma fluência da TV, os jovens se adaptam com facilidade aos diversos contextos e dominam a linguagem audiovisual proporcionada pelas novas tecnologias:

Diante da confusão de adultos, vemos uma geração emergir formada por sujeitos dotados de "plasticidade neuronal" e elasticidade cultural que, embora se assemelhe à falta de forma, é bastante abertura de maneiras muito diferentes, adaptação camaleônica aos mais diversos contextos e uma enorme facilidade para as "linguagens" de vídeo e computador, é para entrar e gerenciar a complexidade das redes IT Hoje, os jovens articulam sensibilidades modernas para pós-moderno em tribos efêmeras que se movem pela cidade explodida ou em comunidades virtuais cibernéticas (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 6)<sup>15</sup>.

Os modos nômades de habitar a cidade manifestam, também, algumas das principais mudanças por que passa as sociedades: o entrelaçamento entre sua expansão e o crescimento dos meios massivos e das redes eletrônicas. "São as redes audiovisuais que efetuam, desde sua própria lógica, uma nova diagramação dos espaços urbanos" (MARTÍN-BAR-

<sup>15</sup> Ante el desconcierto de los adultos vemos emerger una generación formada por sujetos dotados de una "plasticidad neuronal" y elasticidad cultural que, aunque se asemeja a una falta de forma, es más bien apertura a muy diversas formas, camaleónica adaptación a los más diversos contextos y una enorme facilidad para los "idiomas" del video y del computador, esto es para entrar y manejarse en la complejidad de las redes informáticas. Los jóvenes articulan hoy las sensibilidades modernas a las posmodernas en efímeras tribus que se mueven por la ciudad estallada o en las comunidades virtuales, cibernéticas (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 6).

BERO, 2002, p. 5). Desta nova relação com o território proporcionada pela mediação tecnológica surge uma nova experiência pessoal e social:

A disseminação / fragmentação da cidade densifica a mediação e a experiência tecnológica a ponto de substituir e devolver experiências vicárias, pessoais e sociais. Estamos habitando um novo espaço de comunicação onde "reuniões e multidões" contam menos que tráfego, conexões, fluxos e redes (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 5)<sup>16</sup>.

Ou seja, estamos diante de novos modos de relacionarmos-nos e de novos dispositivos de percepção que são mediados pela televisão, pelo computador, e, em nossos dias pela internet, que representam uma mudança nas relações interpessoais e na relação com a cidade, pois o novo ecossistema "Ele converte o espaço doméstico no território virtual mais amplo: aquele [...] para quem "tudo vem sem sair" (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 5)<sup>17</sup>.

Portanto, a relação juventude-tecnologia é uma das chaves usadas pelo autor para pensar os sujeitos juvenis, a partir de suas novas sensibilidades, subjetividades e identidades que segundo sua formulação podem ser entendidas como mutantes, fluídas.

Com temporalidades menos longas e dotadas de uma flexibilidade que lhes permite juntar ingredientes provenientes de mundos culturais distantes e heterogêneos, e são atravessados por descontinuidades nas quais gestos atávicos coexistem com reflexos modernos, cumplicidades secretas com rupturas radicais (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 6)<sup>18</sup>.

<sup>16</sup> La diseminación/fragmentación de la ciudad densifica la mediación y la experiencia tecnológica hasta punto de sustituir, de volver vicaria, la experiencia personal y social. Estamos habitando un nuevo espacio comunicacional en el que "cuentan" menos los encuentros y las muchedumbres que el tráfico, las conexiones, los flujos y las redes (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 5).

<sup>17</sup> "Convierte el espacio doméstico em el más ancho territorio virtual: aquél al que [...] a "todo llega sin que haya que partir" (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 5).

<sup>18</sup> "Con temporalidades menos largas, y dotadas de una flexibilidad que les permite amalgamar ingredientes provenientes de mundos culturales distantes y heterogéneos, y por lo tanto atravesados por discontinuidades en las que conviven gestos atávicos con reflejos modernos, secretas cumplicidades com rupturas radicales" (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 6).

Em nossas sociedades, onde já não há uma instância central de regulação e auto-expressão – como foram a Igreja e o Estado -, as identidades individuais, tanto quanto as coletivas, se fazem submetidas à oscilação do fluxo de referentes e interpretações, ajustando-se a uma imagem de rede frágil, sem centro e em contínua mobilidade. Essa hibridização colabora na construção de múltiplas identidades de um ator social. Pois, com a globalização a identidade básica de origem já não é suficiente para que o sujeito se posicione socialmente, conforme salienta Hall (2003):

O que é a identidade de classe quando as identidades de gênero, etnia, nação e região, que no passado nos proporcionaram sólidas localizações como indivíduos sociais, se encontram transformadas na experiência que delas têm os indivíduos (HALL, 2003, p. 67).

Neste sentido, esta construção teórica apresentada por Jesús Martín-Barbero provoca-nos pensar a juventude não enquanto categoria fixa, desconsiderando as distintas identidades que estão envolvidas no processo, o que nos leva a questionar sobre quais indivíduos podemos considerar dentro da categoria “jovem”. Este aspecto é importante nesta pesquisa e estimula uma tomada de atenção mais minuciosa para perceber as diferenças entre os jovens nos produtos televisivos aqui analisados. É incoerente, portanto, pensar a juventude baiana como um único sujeito, tomando como critério apenas a idade, sem considerar as tensões, experiências e as abordagens midiáticas que demarcam lugares para diferentes indivíduos.

### **Além dos quesitos etários**

A pergunta que se nos apresenta neste capítulo de construção teórica sobre a juventude é como defini-la ou delimitá-la? Isto porque ela pode ser definida tanto por critérios que a naturalizam, como a perspectiva da Biologia e da Psicologia, que é definida a partir de uma transformação físico-mental comum a todo ser humano, bem como, pode ser defini-



da por uma interpretação social e histórica (GROPPO, 2004), conceito que norteia o desenvolvimento dessa pesquisa.

No contexto latino-americano, o pesquisador Roberto Brito Lemus (1998) explica que a juventude como objeto teórico não pode ser definida, apenas, pelo estabelecimento de uma faixa etária, sendo necessária sua compreensão enquanto construção social:

A juventude é um produto social, que devemos diferenciar de seu condicionador biológico, se estabelecermos uma ruptura daquelas concepções que marcam uma relação de causa-efeito entre as mudanças fisiológicas da puberdade e o comportamento social da juventude. A juventude é delimitada por dois processos: um biológico e outro social. O biológico serve para estabelecer sua diferenciação com a criança e, o social, sua diferenciação com o adulto (BRITO LEMUS, 1998, p. 3)<sup>19</sup>.

Neste sentido, os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes. Por esta razão, o uso que fazemos aqui para o conceito juventude transcende aos quesitos etários, aliás, a própria referência de idade para determinar a população adolescente de um país é bastante instável e culturalmente definida, como destaca Daniela Matos: “No Brasil, essa faixa etária geracional compreende pessoas entre 12 e 29 anos, entre 14 e 30 anos na Argentina, entre 15 e 24 na Bolívia, entre 15 e 25 em Portugal etc.” (MATOS, 2018, p. 44).

Dentro dos próprios marcos legais brasileiros é interessante notar que essa delimitação também é instável. Originalmente, a Constituição

<sup>19</sup> “La juventud es un producto social, el cual debemos diferenciar de su condicionante biológico, si establecemos una ruptura de aquellas concepciones que marcan una relación de causa-efecto entre los cambios fisiológicos de la pubertad y un comportamiento social juvenil. La juventud se encuentra delimitada por dos procesos: uno biológico y otro social. El biológico sirve para establecer su diferenciación con el niño y, el social, su diferenciación con el adulto” (BRITO LEMOS, 2008, p. 3).

Federal ao garantir os direitos dos adolescentes classifica os indivíduos de 12 a 18 anos. Em 2013, uma nova redação à lei, PEC 65/2010, assinada em 13 de julho – dia internacional da juventude – acrescentou o vocábulo ‘jovem’, e é considerado um marco no reconhecimento como sujeito de direitos, estendendo sua abrangência. Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em consonância com a Organização das Nações Unidas (ONU), adota o critério de definição dos jovens como indivíduos que tenham entre 15 e 24 anos para a realização dos levantamentos estatísticos e demográficos. Esse recorte etário foi adotado pela ONU em 1985 (DALA VECHIA, 2016). Mais tarde, o Estatuto da Juventude alargou ainda mais a faixa de idade: de acordo com o documento, são jovens os sujeitos de 15 a 29 anos. As mudanças indicam que há disputas em torno de quais são os limites etários que delimitam a juventude.

A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social (ABRAMO, 2005, p. 13).

Neste sentido, com o desenvolvimento do campo dos estudos juvenis, o corte etário aparece, não como determinante, e sim, como mais um fator a ser considerado, dentre outros sociais, históricos, econômicos, geográficos, de gênero, etc. (MATOS, 2018). Martín-Barbero (2002), partilha deste mesmo entendimento, sendo a noção de sujeito juvenil ponto fun-

damental em suas reflexões. Para ele, juventude não é uma categoria fixa, determinada pela idade e deve ser aliada a fatores vinculados ao contexto sociocultural, tratado no plano de uma teoria dos atores sociais e da cultura. Nesta perspectiva, adolescência e juventude<sup>20</sup> devem ser compreendidos enquanto construções sócio-históricas, definidas relacionalmente na interação com as condições sociais vivenciadas pelos sujeitos, como afirma Luis Antonio Groppo (2004):

É preciso correlacionar a juventude com outras categorias sociais, como classe social, nacionalidade, região, etnia, gênero, religião, condição urbana ou rural, momento histórico, grau de desenvolvimento econômico etc. Assim, ao analisar as juventudes concretas, é preciso fazer o cruzamento da juventude – como categoria social – com outras categorias sociais e condicionantes históricos. O que a história e a análise sociológica demonstram é que, o que existe efetivamente, são grupos juvenis múltiplos e diversos, não uma única juventude concreta (GROPPO, 2004, p. 12).

Portanto, nosso entendimento da juventude é enquanto prática cultural, não como um grupo contínuo e anistórico, mas pensando-a a partir do seu caráter dinâmico e descontínuo. Para João Freire Filho (2008), encarados, amiúde como fenômenos biológicos universais, a adolescência e a juventude devem ser compreendidas, ao contrário, como artefatos de governabilidade, construídos e operacionalizados na intersecção de discursos políticos, acadêmicos e mercadológicos que estabelecem ser aceitáveis, desejáveis ou temerárias determinadas características, configurações, associações e atitudes das populações denominada jovens.

A mexicana Rossana Reguillo Cruz (2000), aponta o caráter histórico do conceito de juventude, que, segundo a autora, é uma invenção do

<sup>20</sup> Não existe consenso quanto às diferenças e aos nexos entre as noções de adolescência e juventude. Nas esferas acadêmicas e comercial, os dois termos são empregados, amiúde, de forma intercambiável, sem maiores preocupações com a distinção conceitual; certos textos, entretanto, procuram identificar, por razões de ordem mercadológica e/ou política, as particularidades dos dois marcos etários (FREIRE FILHO, 2008, p. 90).

pós-guerra, de onde surgiu uma nova ordem internacional que conformou uma nova geografia política em que os vencedores acessaram padrões de vida e impuseram seus estilos e valores, sendo a juventude uma criação desse processo: “A sociedade reivindicou a existência de crianças e jovens, como sujeitos de direito e, principalmente, no caso dos jovens, como sujeitos de consumo”<sup>21</sup> (REGUILLO, 2000, p. 23).

Esta relação com o pós-guerra e com o consumo, também é descrita por Stuart Hall e Jefferson (1976), no emblemático “Resistance though rituals” publicado pelo CCCS, dedicada aos interesses e às práticas que, na Inglaterra do pós-guerra, arregimentavam os jovens dos meios populares. Nesse período, o acionamento do conceito cultura juvenil, era operacionalizado pelos profissionais da imprensa e do marketing, com o intuito de qualificar uma massa indiferenciada de pessoas de idade similar e de gostos e experiências afins.

A perspectiva edificada pelos estudos culturais britânicos rechaça a noção estereotipada, presente na retórica política, acadêmica e midiática, de que o contexto do pós-guerra teria redundado na assimilação dos jovens da classe trabalhadora em uma cultura de consumo juvenil homogênea, como símbolo da modernidade e do prazer desmedido.

A proposta do CCCS era, em síntese, desconstruir e destronar o conceito mercadológico de cultura juvenil e, em seu lugar, erigir um retrato mais meticuloso das raízes sociais, econômicas e culturais das variadas subculturas juvenis e de suas vinculações com a divisão de trabalho e as relações de produção sem negligenciar as especificidades de seu conteúdo e de sua posição etária e geracional (HALL; JEFFERSSON, 1976, p. 16).

Portanto, a conceitualização da juventude passa, então, necessariamente por seu enquadramento histórico, que responde principalmente às

<sup>21</sup> “La sociedad reivindicó la existencia de los niños y los jóvenes, como sujetos de derecho y, especialmente, en el caso de los jóvenes, como sujetos de consumo” (REGUILLO, 2000, p. 23).

mudanças sociais que produziram a emergência do capitalismo neoliberal, o qual “outorgou o denominado espaço simbólico que tornou possível o surgimento da juventude” (ABRAMO, 2005, p.12). A chamada “cultura juvenil” epíteto acionado, àquela época, por profissionais do marketing, estava ligada a uma ideia de consumo, pois no contexto do pós-guerra houve um aumento gradativo da mão de obra jovem no mercado de trabalho, gerando maior poder aquisitivo e, ao mesmo tempo, isentos das responsabilidades financeiras dos pais (FREIRE FILHO, 2005).

Arelado às questões de idade, o conceito de juventude adquiriu, também, inúmeros significados: serve para designar um estado de ânimo, para qualificar o novo e atual, e chegou a ser considerado um valor em si mesmo: “o que tem um grande futuro<sup>22</sup>” (BRITO LEMUS, 1998, p. 2). Ou seja, é o entendimento da juventude como algo que se transforma em um valor que denota características positivas em nossa conformação cultural contemporânea, como dinamismo, criatividade e beleza, “de forma que a máxima ‘é possível ser jovem a qualquer idade’ é amplamente aceita como verdade” (DALLA VECHIA, 2016, p. 70). Neste sentido, há um interesse de positivar a juventude como uma condição que deve ser perseguida através de hábitos, um movimento que transforma a juventude em produtos vendáveis e que transforma a velhice em castigo.

Para Brito Lemus (1998) a juventude não é um “dom” que se perde com o tempo, e sim uma condição social que se manifesta de diferentes maneiras segundo as características históricas e sociais de cada indivíduo, de modo que, segundo o autor, torna-se um conceito tão difícil de ser manejado por se apresentar com tanta diversidade na sociedade, que dá trabalho de reconhecer algum tipo de relação de identidade entre os distintos setores de jovens. Neste sentido, um jovem de uma localidade rural, por exemplo, não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade, tampouco os jovens de setores marginalizados e os jovens de classe alta.

---

<sup>22</sup> No original: “lo que posee un gran porvenir” (BRITO LEMUS, 1998, p. 2).

Se queremos construir uma sociologia para o estudo dos problemas da juventude, devemos olhar com outros olhos para as divisões sociais. A divisão de classes e estratos é essencial para a análise sociológica; no entanto, no caso dos jovens, devemos aprender a analisar a divisão por categorias de idade de maneira ponderada. Algo semelhante ao caso das mulheres, onde a divisão da sociedade por gênero é vista predominantemente<sup>23</sup> (BRITO LEMUS, 1998, p. 2).

Helena Abramo (2005) diz que, a definição da categoria juventude pode ser articulada em função de dois conceitos: o juvenil e o cotidiano. O juvenil nos remete ao processo psicossocial de construção da identidade e o cotidiano, diz respeito ao contexto de relações e práticas sociais nas quais o processo se realiza, com fundamentos em fatores ecológicos, culturais e socioeconômicos. Esta ótica amplia a visão sobre o ator “incorporando a variável sociocultural à demográfica, psicológica ou a categorizações estruturais que correspondem às que tradicionalmente têm-se utilizado para sua definição” (p.14). Então, é a vida cotidiana, em sua condição variável, bem como a condição social de cada sociedade, que define a vivência e experiência do período juvenil, posição também defendida por Reguillo Cruz (2000):

Para colocar o sujeito jovem em um contexto histórico e sócio-político, as condições empíricas são insuficientes, se forem pensadas independentemente dos critérios de classificação e princípios de diferenciação social que diferentes sociedades estabelecem para seus diferentes membros e classes etárias<sup>24</sup> (2000, p. 49).

<sup>23</sup> “Si queremos construir una sociología destinada al estudio de los problemas juveniles, debemos mirar con otros ojos las divisiones sociales. La división de clases y estratos es fundamental para el análisis sociológico, sin embargo, tratándose de la juventud, debemos aprender a mirar de manera ponderada la división por categorías de edad. Algo similar al caso de la mujer, en donde se mira, de manera predominante, la división de la sociedad por géneros” (BRITO LEMUS, 1998, p. 3).

<sup>24</sup> Para situar al sujeto juvenil en un contexto histórico y sociopolítico, resultan insuficientes las concreciones empíricas, si éstas se piensan con independencia de los criterios de clasificación y principios de diferenciación social que las distintas sociedades establecen para sus distintos miembros y clases de edad (CRUZ REGUILLO, 2000, p. 49).

Esta percepção permite reconhecer a heterogeneidade juvenil a partir das diversas realidades da vida cotidiana nas quais se desenvolvem as distintas juventudes, e que a juventude como identificador macro, comporta em si muitas outras juventudes. Neste sentido o entendimento permite a necessária pluralização da ideia de juventude e possibilita pensarmos em jovens urbanos, jovens rurais, jovens ricos, jovens pobres, jovens negros, e indígenas, jovens mães, jovens em conflito com a lei, dentre muitas outras possibilidades de cruzamento (MATOS, 2018). Possibilita, também, assumir que no período juvenil existem necessidades humanas básicas e outras que são específicas, razão pela qual faz-se necessário reconhecer tanto a realidade presente dos jovens, quanto sua condição de sujeitos em preparação para o futuro. Isto supõe a possibilidade de observar a juventude como uma etapa da vida que tem suas próprias oportunidades e limitações, entendendo-a não somente como um período de moratória e preparação para a vida adulta e o desempenho de papéis pré-determinados (ABRAMO, 2005).

Todavia, apesar da categoria etária não ser suficiente para análise do adolescente e do juvenil, é necessária para marcar algumas delimitações iniciais e básicas, mas não orientada no sentido de tornar homogêneos os sujeitos que têm uma determinada faixa etária. Por esta razão, neste trabalho utilizamos denominações diferentes para referirmo-nos a estes sujeitos, tal qual: pessoa jovem; condição juvenil, experiência juvenil; ou mesmo juventudes.





## Articulações entre racismo e condição geracional

Neste capítulo conferimos especial atenção às questões relativas ao segmento juvenil com um ponto central de reflexão no componente racial. Raça aqui, evidentemente, não deve ser entendida como um conceito biológico, mas um conceito social que herda das diferenças biológicas os preconceitos e as discriminações que vêm a ser a base do que chamamos de racismo, como explica Muniz Sodré:

Falar-se de raça só é admissível como noção culturalmente (e jamais biologicamente) marcada, donde a possibilidade da 'relação racial', isto é, aquela caracterizada por dissimetria nas relações hierárquica e simbólicas entre seres humanos em virtude de diferenças fenotípicas (SODRÉ, 2015, p. 221).

O sociólogo Florestan Fernandes (2017), explica que o racismo constitui um sistema de organização social, que se difere de preconceito e discriminação, pois garante a uma raça, privilégios sobre outras em razão de sua condição fenotípica, ou seja, a cor da pele é a mais marcante para indicar um lugar na sociedade. Este é o caso do Brasil em que a cor da pele revela condições de existência profundamente hierarquizadas<sup>25</sup>. “Numa sociedade esteticamente regida por um paradigma branco [...], a clareza ou a brancura da pele, persiste como marca simbólica de uma superioridade imaginária” (SODRÉ, 2015, p. 266).

O filósofo Silvio Almeida (2019) ao refletir acerca da construção das noções de raça e racismo diz que o racismo é um processo histórico e

---

<sup>25</sup> Ainda que o racismo não seja um conceito de partida do problema de pesquisa, a diferenciação na construção das juventudes que emergem nos telejornais envolve marcas relacionadas ao racismo e suas interseccionalidades e outras minorias. Esta violência também se apresenta em relação a outros segmentos da população: Os povos indígenas, os migrantes que se deslocam de regiões miseráveis para os grandes centros urbanos, os estrangeiros advindos de países vizinhos empobrecidos, também as mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros sofrem preconceitos e são vítimas de violência.

político, que cria as condições sociais para que, “direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (p. 51). Neste sentido, damos atenção às questões relacionadas ao “racismo estrutural,” conceito produtivo fincado por Almeida (2019) em seu estudo sobre a teoria social, que discute o racismo como a forma pela qual a sociedade se organiza.

Segundo Almeida (2019) o racismo é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade, que fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. Neste sentido, o racismo expressa um tipo de normalidade que transcende o âmbito da ação individual e institucional, pois é inerente a uma ordem social.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um arranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, p. 50).

A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas, portanto, está na organização da sociedade, elas se expressam concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém, segundo o autor, o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável; que políticas antirracistas sejam inúteis ou que indivíduos que cometeram atos discriminatórios não devam ser penalizados, não é um alibi para os racistas. “Pelo contrário, entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsável pelo combate ao racismo e aos racistas” (ALMEIDA, 2019, p.51).

Deste modo, a compreensão é que o racismo está espalhado nos diversos ambientes e práticas sociais, inclusive nos meios de comunicação, e que embora ainda tão presente, é por vezes negado pela sociedade brasileira, onde uma população formada por “claros e escuros” - para usarmos os termos propostos por Muniz Sodré (2015) – na prática, não acessam os mesmos direitos.

É oportuno dizer que nesta pesquisa o conceito de identidade que lançamos mão, não se afirma na estigmatização do outro, mas no reconhecimento que é no âmbito das representações simbólicas e da alteridade que se pode compreender melhor a construção de identidades, conforme Kathryn Woodward (2009) expressa em “Identidade e diferença”:

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados) (p.14).

Muniz Sodré explica esse caráter, ao afirmar que a identidade negra<sup>26</sup> é uma construção dessa relação com a alteridade:

Não existe uma “identidade negra” originária, construída “naturalmente” a partir da cor da pele (raça) ou da mentalidade (etnia). Tal identidade aparece na história a partir da discriminação cultural operada por indivíduos e grupos de cor clara. Estes, por sua vez, só se reconhecem como “identidade branca” ou “eurocidental” no contexto relacional com os ditos não brancos ou não ocidentais (SODRÉ, 2015, p. 290).

Neste sentido, o olhar que lançamos neste trabalho para a juventude negra não exclui o esforço de perceber como outras juventudes tam-

<sup>26</sup> Assim como nas recentes abordagens sobre a questão racial feitas pelo IBGE e pelas ciências sociais, e conforme a luta histórica do movimento negro brasileiro, usamos a expressão “negro” no seu sentido políticosocial, referindo-se ao conjunto de pessoas autoidentificadas como pretas e pardas (FREITAS 2016).

bém são noticiadas, pelo contrário, é na relação entre uma e outra que podemos analisar como os discursos sobre os jovens negros se processam nos noticiários, principalmente pelo comportamento seletivo da mídia hegemônica, ao que se refere às relações raciais no Brasil.

A mídia ocupa um papel relevante na manutenção de uma visão hegemônica estereotipada e negativa da figura do negro, também é omissa, ou superficial, em relação aos dados gritantes que relacionam os assassinatos no país à questão racial. Esse comportamento conivente e cúmplice corrobora com a instituição de uma visão hegemônica sobre a sociedade que criam as condições para manutenção da violência e da desigualdade social, balizado pelo mito da democracia racial. Mas que democracia é essa tão propagada? Questiona Florestan Fernandes (2017):

Onde não existe sequer democracia para o dissidente branco de elite haveria democracia racial, democracia para baixo, para os que descendem dos escravos e libertos negros ou mulatos?! Poderia existir democracia racial sem certas equivalências (não digamos igualdades) entre todas as raças? (p. 34).

Para Fernandes (2017), o mito da democracia racial tem como função a estabilidade da ordem, configurando-se numa falsa ideologia. O autor argumenta que essa ideia foi construída devido à inexistência de conflitos abertos no Brasil, todavia, explica que mesmo após a abolição, os negros nunca foram tratados como iguais. Segundo o autor, a liberdade recebida pelo “elemento negro” foi incompleta, não tendo passado do plano jurídico. Nas inter-relações continuam presentes as marcas herdadas da escravidão.

Na obra “Significado do protesto negro”, Fernandes (2017) aponta que o mito da democracia racial contribui para a persistência da desigualdade e da discriminação racial no país:

Pois consideremos: o mito – não os fatos – permite ignorar a enormidade da preservação de desigualdades tão extremas e desumanas, como são as desigualdades raciais no Brasil; dissimula que as vanta-

gens relativas “sobem” - nunca “descem” – na pirâmide racial; e confunde as percepções e as explicações – mesmo as que se têm como “críticas”, mas não vão ao fundo das coisas – das realidades cotidianas ( p. 34).

Segundo Fernandes, o mito da democracia racial continua a retardar as mudanças estruturais. “As elites, que se apegaram a ele numa fase confusa, incerta e complexa de transição do escravismo para o trabalho livre, continuam a usá-lo como expediente para “tapar o sol com a peneira” e de autocomplacência valorativa” (FERNANDES 2017, p. 33) e principalmente para a manutenção de privilégios e exploração da força humana. Neste sentido, o que se tem é que a população negra, ainda, experimenta piores condições de vida, quando comparada à população branca brasileira. Maiores taxas de desemprego; menores taxas de escolaridade; maioria entre os pobres e indigentes; piores condições de saúde, com maiores taxas de adoecimento e morte por causas evitáveis; e outras situações dramáticas (FREITAS 2016).

### **Juventude negra e vivências juvenis**

A materialidade do corpus desta pesquisa aponta para a manifestação do racismo nas práticas comunicacionais que constroem a juventude por meio do discurso. Este aspecto é caro ao olhar do pesquisador, que compartilha da condição de ser pessoa negra e que tem interesse em problematizar o racismo em suas variadas dimensões. Aqui, especialmente, discutimos sobre as experiências da juventude negra no acesso diferenciado às novas tecnologias, aos espaços de lazer, educação, ao mundo do trabalho - e como ocorre os seus desdobramentos nas produções televisivas.

Dados coletados pela pesquisa Agenda Juventude Brasil<sup>27</sup>, realizada pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) a fim de subsidiar a elabo-

<sup>27</sup> A pesquisa Agenda Juventude Brasil – Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013, foi realizada pela Secretaria Nacional da Juventude, ocorreu entre os dias 13 de abril e 19 de maio de 2013, em 187 municípios brasileiros, estratificados por localização geográfica (capital e interior, áreas urbanas e rurais) e por municípios (pequenos, médios e grandes), contemplando as 27 Unidades da Federação. Foram entrevistados 3.300 jovens de 15 a 29 anos.

ração de políticas públicas, apresenta elementos sobre o que significa ser jovem negro numa sociedade racista. Vejamos por exemplo, as informações relacionadas ao campo da educação. Segundo a pesquisa, apesar da sociedade brasileira ter registrado na década de 2003 a 2013, a ampliação do número de vagas e matrículas, aumento significativo da escolaridade dos jovens e dos índices de ingresso nas universidades, e a diminuição do desemprego, no entanto, são os jovens negros que possuem os piores indicadores, tanto em termos de acesso, quanto de qualidade no acesso à educação<sup>28</sup> e ao trabalho<sup>29</sup> no país. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC) do IBGE<sup>30</sup> indicam que em 2018, os trabalhadores brancos receberam, em média, cerca de 75% a mais do que os pretos e pardos.

Quanto ao acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, marcas da sociedade contemporânea, especialmente da juventude, a pesquisa apontou que também se manifestam diferenças importantes, tanto no acesso quanto nos usos que jovens negros e não negros fazem destas importantes técnicas para os trânsitos sociais contemporâneos. Quanto aos meios para se informar sobre as notícias do Brasil e do mundo, foi majoritária a parcela que declarou utilizar-se da televisão

---

<sup>28</sup> Segundo dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, um menor número de jovens negros que de jovens brancos declararam que estavam estudando (41% a 35%). No que se refere à progressão dos estudos, 45% dos jovens negros declararam experimentar níveis de defasagem idade/série, ao passo que, entre os jovens brancos, este índice era 15 pontos percentuais menor (30%). Já entre os que declararam ter abandonado os estudos pelo menos uma vez, pretos e pardos representaram 21%, ao mesmo tempo em que, entre os jovens brancos, a proporção era de 13% (8% menor do que a dos jovens negros).

<sup>29</sup> No que se refere ao trabalho, a pesquisa Agenda Juventude Brasil revela que a diferença também se pronuncia, ainda que de modo menos expressivo. Enquanto 53% dos jovens negros estavam trabalhando, entre os brancos este percentual subia para 55%. Ainda que jovens negros e brancos ingressem no mercado de trabalho aproximadamente com a mesma idade, a forma deste ingresso também é bastante diferenciada, segundo a cor da pele do indivíduo. Enquanto entre os jovens brancos 49% ocupavam postos de trabalho formal, entre os jovens negros este número caía dez pontos percentuais (39%).

<sup>30</sup> Trabalhador branco recebe 75% a mais que pretos e pardos no Brasil. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/economia/trabalhador-branco-recebe-75-mais-que-pretos-pardos-no-brasil-diz-ibge-24021345.html?versao=amp>.

aberta (86%) ou da internet (56%), havendo, no entanto, diferenças entre negros e brancos quanto às demais formas de informação sobre as notícias do país, como demonstra o quadro a seguir:

**Quadro 1.** Principais meios de acesso dos jovens às notícias.

Meios de Comunicação	Jovens Negros	Jovens Brancos
TV aberta	84%	80%
Rádio comerciais	21%	21%
Rádio comunitária	5%	3%
Internet	53%	60%
TV paga	15%	22%

Fonte: PnadC/IBGE (2018).

Os dados sobre o acesso a computador, internet e os usos destas tecnologias, ou mesmo no acesso a telefones celulares, também deixam evidentes as desvantagens dos negros neste universo da informação e da comunicação. Quando observamos o acesso dos jovens ao computador ou internet vemos que os jovens negros tinham, em média, 10% menos acesso do que os brancos. Quanto ao local onde os jovens acessam a internet, também se verifica a desigualdade entre negros e brancos. Enquanto 61% dos jovens brancos declararam acessar computador e/ou internet em casa, entre os jovens negros este número caiu para 52%, ao passo que em *lanhouses* o acesso por jovens negros era maior (10%) que por jovens brancos (7%). Entre os jovens que declararam não usar computador e/ou internet, a diferença é ainda mais expressiva. Enquanto apenas 12% dos jovens brancos não usavam computador, entre os jovens negros este número subia para 23%, ou seja, quase o dobro (AGENDA JUVENTUDE BRASIL, 2013).

Registraram-se, também, diferenças quanto às atividades de lazer desenvolvidas por jovens negros e brancos. As respostas apuradas na pesquisa coincidiram quanto a atividades gratuitas: “passear em parques e praças”, “missas, cultos ou sessões espíritas”, “dança em boates”, “festas ou

bares com amigos”. Porém nota-se diferenças quanto a atividades de maior custo ou maior prestígio social. Segundo a pesquisa, em atividades como “passeios a *shopping center*”, “viagens nos fins de semana”, “cinema”, “*show* de música brasileira”, “parques de diversões”, “concerto de música clássica”, “biblioteca” e “exposição de fotografia” havia uma diferença média de 10% em desfavor dos jovens negros (AGENDA JUVENTUDE BRASIL, 2013).

Trata-se de uma alarmante situação de exclusão, nem sempre relacionada apenas à condição econômica destes jovens, já que espaços como bibliotecas e shopping centers, por exemplo, são de livre acesso e circulação. Contudo, mesmo que não precisem propriamente de dinheiro para acessar estes espaços, os jovens negros estão pressionados, tanto pelo risco da discriminação, decorrente dos fortes estereótipos que foram impostos, quanto por serem vítimas de um processo histórico no qual tais espaços não lhes são dirigidos (FREITAS, 2016).

Esse quadro de desigualdade impacta, de modo decisivo no repertório cultural destes jovens, nas suas possibilidades de inclusão, de exercício da cidadania e, principalmente, no direito de viver, situação gritante anunciada, entre outros indicadores, pelos números da violência<sup>31</sup> e de assassinatos, de maioria negra, caracterizando o que é considerado um genocídio da população dos jovens negros e pobres do país. Dado tão alarmante que culminou, em 2006, com a instalação, na Câmara dos Deputados, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a Violência contra Jovens Negros e Pobres no Brasil. Segundo o relatório final, naquele período, a cada 23 minutos um jovem negro era assassinado no país. A CPI também apresenta uma disparidade dos números entre brancos e negros e aponta que entre 2002 e 2012, o número de jovens negros

<sup>31</sup> A pesquisa Agenda Juventude Brasil aponta para o fato de que há um significativo número de jovens que já tiveram contato direto com a violência letal e que são os jovens negros os mais impactados por este fenômeno. Segundo os dados apurados pela pesquisa, 54% dos jovens negros declararam já terem perdido algum parente ou amigo próximo morto de forma violenta, enquanto entre os jovens brancos este índice foi de 45%. São quase dez pontos percentuais de diferença.



mortos subiu 32% enquanto o número de brancos caiu de forma proporcional<sup>32</sup>.

Trata-se de uma geração marcada pelo medo, de acordo com a antropóloga Regina Novaes, que ao analisar a condição juvenil contemporânea aponta a existência de três medos juvenis: “o medo de sobrar”, por causa do desemprego; “o medo de ficar desconectado”, em um mundo conectado e marcado pelas novas tecnologias, e “o medo de morrer”, prematuramente e de forma violenta (NOVAES, 2007). Sobre este último medo [de morrer], a juventude negra está especialmente marcada na sociedade contemporânea. Uma geração marcada pela exclusão social e pela violência, heranças malditas da sociedade escravocrata brasileira, que foi a última, a mais longa, e a que mais escravos teve. Segundo Laurentino Gomes (2019), o Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental por quase três séculos e meio. Recebeu, sozinho, quase 5 milhões de africanos cativos, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América. “O Brasil foi também a nação que mais tempo resistiu a acabar com o tráfico negreiro e o último a abolir oficialmente o cativo no continente americano” (GOMES, 2019, p. 24).

Deste modo os traços de nossa economia, política e cultura estão profundamente marcados por este enorme contingente. Se por um lado, o samba, a capoeira, a culinária e a língua portuguesa são algumas heranças que mantivemos, por outro lado, a sociedade de castas, como definiu Florestan Fernandes, deixou outras heranças, como a marcante desigualdade social brasileira e a violência histórica.

Uma evidência da condição de violência no Brasil é a declaração da Organização das Nações Unidas, ONU, que registra o Brasil como responsável por 10% de todos os assassinatos cometidos no planeta. Entre

<sup>32</sup> CPI aponta genocídio e afirma: a cada 23 minutos, 1 jovem negro é morto no Brasil. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/cpi-aponta-genocidio-e-afirma-a-cada-23-minutos-1-jovem-negro-e-morto-no-brasil>.

os jovens, as taxas de morte de negros chegam a 77% do total. Números alarmantes que também foram constatados pelo Atlas da Violência 2019.

### **Atlas da violência e necropolítica**

O Atlas da Violência<sup>33</sup>, estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em junho de 2019, mostra que 75,5% das vítimas de homicídio no Brasil são negras, maior proporção da última década. Segundo os dados, o crescimento nos registros de assassinatos no Brasil no ano de 2017 alcançou patamar recorde, atingindo principalmente essa parcela da população, para quem a taxa de mortes chega a 43,1 por 100 mil habitantes. Para não negros<sup>34</sup>, a taxa é de 16.

Os dados de 2017 mostram que, apesar de as vítimas negras serem maioria nos registros, essa prevalência tem crescido. Em 2007, por exemplo, os negros eram 63,3% dos assassinados, proporção que aumentou continuamente até atingir os 75,5% em 2017 - foram 49,5 mil homicídios contra negros naquele ano e 16 mil de não negros.

Conforme o levantamento, a Bahia liderou o número de homicídios no país, em números absolutos<sup>35</sup>. Dos 65.602 homicídios registrados no Brasil em 2017, 7.487 foram na Bahia. Homens, negros e jovens com menos de 30 anos são a maioria das vítimas dos homicídios. Das 7.487 mortes no estado, 7 mil foram de homens (93% do total), 6.798 de negros (90%) e 4.522

<sup>33</sup> Atlas da Violência 2019 tem como base registros do Ministério da Saúde nas cidades brasileiras ao longo de 2017, ano em que aconteceram 65,6 mil homicídios, o equivalente a 179 casos por dia. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf). Acesso em 21/11/2019.

<sup>34</sup> O estudo usa a definição do IBGE para definir pessoas negras como as que se classificam como pretas ou pardas. Os não negros são os brancos, amarelos ou indígenas.

<sup>35</sup> Segundo o Atlas, a Bahia em 2017 teve taxa de 48,8 mortes violentas para cada 100 mil habitantes (5ª maior taxa entre os estados brasileiros), número 3,9% maior que o registrado em 2016, que fechou com taxa de 46,9 para cada 100 mil habitantes. Em 102 anos (de 2007 a 2017), a taxa de homicídios no estado aumentou 87,8%, conforme a pesquisa. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/06/06/ba-lidera-no-absoluto-de-homicidios-no-pais-em-2017-diz-pesquisa-homens-negros-e-jovens-sao-maioria-das-vitimas.ghtml>.

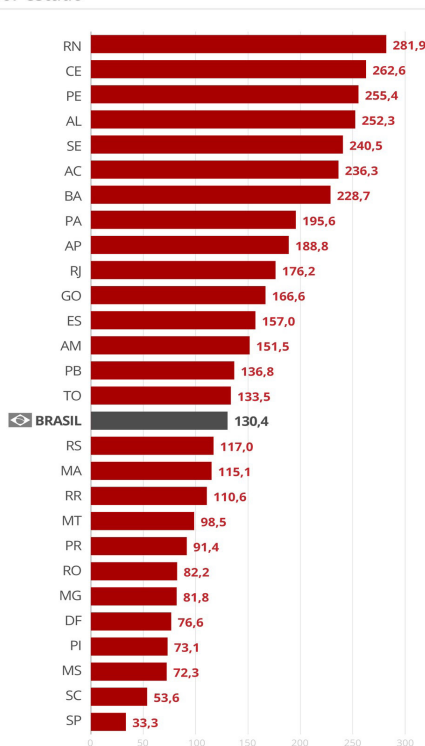
tinham entre 15 e 29 anos (60%). Entre homens jovens, a taxa é de 228,7 mortes por 100 mil habitantes. Considerando somente o público jovem (homens e mulheres), a taxa é de 119,8 para cada 100 mil habitantes.

Em todo o Brasil, foram assassinados 35.783 jovens, uma taxa de 69,9 mortes a cada 100 mil – recorde dos últimos 10 anos. O gráfico abaixo indica a taxa de homicídio de jovens em cada estado da federação. A Bahia ocupa o 7º lugar.

**Figura 2** -Taxa de homicídios de jovens no Brasil.

### Taxa de homicídios de jovens no Brasil

Índice a cada 100 mil pessoas de 15 a 29 anos, por estado



Fonte: Atlas da Violência

Infográfico elaborado em: 04/06/2019



Fonte: Atlas da Violência (2019).

Chama a nossa atenção, nesse infográfico, que os cinco estados com maiores taxas de homicídios de jovens estão localizados na região Nordeste. Em 2017, o Rio Grande do Norte apresentou a taxa mais alta, com 87 mortos a cada 100 mil habitantes negros, mais do que o dobro da taxa nacional, seguido por Ceará (75,6), Pernambuco (73,2), Sergipe (68,8) e Alagoas (67,9).

Entre todas as causas de mortes de jovens - como doenças e acidentes de trânsito, por exemplo -, a que aparece com mais frequência é o assassinato. Em 2017, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil. "Homicídios foram a causa de 51,8% dos óbitos de jovens de 15 a 19 anos; de 49,4% para pessoas de 20 a 24; e de 38,6% das mortes de jovens de 25 a 29 anos" (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019).

O que esses números nos revelam é que ano após ano a violência contra a juventude negra só aumenta e isso não é capaz de gerar uma grande discussão sobre o problema. Nos meios de comunicação o assunto é tratado de forma corriqueira, um tema naturalizado, sendo determinadas mortes até comemoradas, principalmente sob a retórica da guerra às drogas. Estes números confirmam que o Brasil é um local emblemático do que o filósofo camaronês Achille Mbembe conceituou como *Necropolítica*, definida, em termos gerais, como a política centrada na produção da morte em larga escala, que determina quais sujeitos devem morrer e quais têm o direito à vida, na relação com a soberania. Mbembe (2016) compreende a soberania como a expressão máxima de poder e capacidade de decisão sobre quais vidas merecem ser vividas e quais corpos são matáveis.

A expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a

vida como a implantação e manifestação de poder (MBEMBE, 2016, p. 123).

Esta relação entre política e terror não é recente, mas tem uma matriz no colonialismo e no regime do apartheid onde, segundo Mbembe, instaura-se uma formação peculiar de terror que dá origem ao que chama de necropolítica, e neste sentido, a raça mais uma vez é crucial. Silvio Almeida (2019) explica que o colonialismo dá ao mundo um modelo de administração que não se ampara no equilíbrio entre a vida e a morte, mas tão somente no exercício da morte, sobre as formas de ceifar a vida ou de colocá-la em permanente contato com a morte.

Não se trata somente do biopoder e nem da biopolítica quando se fala da experiência do colonialismo e do apartheid, mas daquilo que Achille Mbembe chama de necropoder e necropolítica, em que guerra, política, homicídio tornam-se indistinguíveis (ALMEIDA, 2019, p. 117).

A necropolítica, portanto, instaura-se como a organização necessária do poder em um mundo em que a morte avança implacavelmente sobre a vida. A justificação da morte em nome dos riscos à economia e à segurança torna-se o fundamento ético dessa realidade. Diante disso, a lógica da colônia materializa-se na gestão praticada pelos Estados contemporâneos, especialmente nos países da periferia do capitalismo, em que as antigas práticas coloniais deixaram resquícios (ALEMIDA, 2019).

A *Necropolítica* como herança colonial do Brasil é explícita nos números que evidenciam a ação de extermínio da população negra e tem sido agravada com declarações e gestos de agentes do Estado que constroem e legitimam a ideia de que há corpos matáveis e vidas com menos valor, descartáveis. Declarações como a do Governador da Bahia, Rui Costa, que, em 6 de fevereiro de 2015, comemorou as 12 mortes na operação policial que ficou conhecida como a Chacina do Cabula, comparando a

ação da Polícia Militar com a de artilheiros em frente ao gol<sup>36</sup>, ou as declarações do presidente da República sobre povos tradicionais, como as comunidades quilombolas<sup>37</sup>; ou ainda a comemoração do governador do Rio de Janeiro com a ação de atiradores de elite sobre a juventude negra dos morros e favelas<sup>38</sup>; e o silêncio dos órgãos do Ministério Público e do Judiciário brasileiro sobre o assassinato de crianças negras indo ou voltando da escola são alguns exemplos da institucionalização do racismo e da necropolítica voltada para a população negra.

Porém, além do discurso dos agentes políticos o que percebemos é uma atuação dos meios de comunicação construindo e sustentando este discurso público que naturaliza o racismo, o ódio e a violência. Estes discursos de legitimação do direito à morte estão presentes na televisão, especialmente, em programas policiais em rede nacional, como é o caso do Cidade Alerta (Record), Balanço Geral (Record) e Brasil Urgente (Band), que além de alcançar diferentes regiões do país, possuem versões locais

<sup>36</sup> "É preciso, em poucos segundos, ter a frieza e a calma necessárias para tomar a decisão certa". "É como um artilheiro em frente ao gol que tenta decidir, em alguns segundos, como é que ele vai botar a bola dentro do gol, pra fazer o gol", comparou. "Depois que a jogada termina, se foi um gol, todos os torcedores da arquibancada irão bater palmas e a cena vai ser repetida várias vezes na televisão. Se o gol for perdido, o artilheiro vai ser condenado, porque se tivesse chutado daquele jeito ou jogado daquele outro, a bola teria entrado". Trechos do comentário feito pelo governador Rui Costa sobre a ação policial que resultou na morte de 11 pessoas no dia 6 de fevereiro de 2015, na Estrada das Barreiras, Cabula em Salvador. O fato ficou conhecido como a Chacina do Cabula e teve repercussão internacional. No terceiro e quarto capítulo retomaremos esta discussão. A matéria com a fala do governador está disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/e-como-um-artilheiro-em-frente-ao-gol-diz-rui-costa-sobre-acao-da-pm-com-doze-mortos-no-cabula/>.

<sup>37</sup> Em sucessivas declarações o presidente Jair Bolsonaro fez ataques às comunidades quilombola e indígena, defendendo inclusive o fim da demarcação de terras para estes povos. Também foi acusado de racismo por comentário sobre um morador de comunidade remanescente de quilombo. A matéria está disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>.

<sup>38</sup> Em 14 de fevereiro de 2019, uma operação da PM no morro do Fallet-Fogueteiro, na zona central do Rio de Janeiro, terminou com pelo menos 13 mortos. A polícia alegou troca de tiros, o que não foi confirmado por moradores, que relatam. Frente a isso, o governador do estado do Rio, Wilson Witzel (PSL), declarou a ação como legítima e parabenizou a Polícia Militar. Em 20 de agosto de 2019 após a polícia militar matar um sequestrador o governador Witzel chegou de helicóptero no local e desceu da aeronave fazendo gestos de comemoração, vibrando os pulsos cerrados. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/08/20/interna-brasil,778167/wilson-witzel-comemora-desfecho-com-morte-do-sequestrador-no-rio-de-ja.shtml>.

em emissoras afiliadas. É o caso de vários programas exibidos nas emissoras baianas que têm como estratégia a superexposição da violência, a defesa da repressão e do punitivismo como caminho para resolução dos problemas sociais. Em outras palavras, podemos considerar esses programas como um eixo da *Necropolítica* de que nos fala Mbembe.





## Concepções acerca do conceito de juventude

Ao sistematizar uma série de estudos sobre juventude e seus marcos regulatórios, Helena Abramo (2005), a partir de Dina Krauskopf (2003), aponta quatro abordagens consolidadas, que fundamentam as políticas públicas na América Latina, e diz que apesar de predominantes em certos períodos da história, elas “coexistem e, por vezes, competem entre si nos diferentes campos que compõem a arena múltipla das ações dirigidas à juventude na conjuntura presente” (ABRAMO, 2005, p. 20). Nesta pesquisa utilizamos estas quatro abordagens como operadores metodológicos a fim de identificar como as narrativas televisivas constroem seus discursos sobre os sujeitos juvenis. Apesar de consideradas categorias consolidadas no campo dos estudos da juventude e nos marcos legais de formulação de políticas públicas para os jovens na América Latina, esta apropriação é pouco utilizada no campo da comunicação, a obra “Escritas da Cidade” de Daniela Matos (2018) é o único trabalho da área, que conhecemos, porém, o estudo analisa textos produzidos por jovens das periferias de Salvador, denominados “Mapas Textos” (p.173), e não utiliza este recurso enquanto operador analítico. Portanto, a apropriação desses paradigmas, enquanto operadores metodológicos na análise de produtos telejornalísticos, ocorre de maneira inédita neste livro, onde identificamos suas recorrências e interdições.

Assim como utilizamos o conceito de gênero televisivo, já apresentado no capítulo 1, para uma análise mais precisa do fenômeno no telejornalismo, por trata-se de uma estratégia que vincula a produção e o consumo dos textos midiáticos (MARTÍN-BARBERO, 1995), recorreremos a estas quatro abordagens para nos conectar com o campo de pesquisa sobre as culturas juvenis e atuar com maior segurança metodológica na identificação dos discursos hegemônicos sobre as juventudes.

As abordagens são: 1) Juventude como período preparatório; 2) juventude como etapa problemática; 3) o jovem como ator estratégico de desenvolvimento; 4) juventude cidadã como sujeitos de direitos.

A primeira, “juventude como período preparatório”, compreende a juventude como condição etária e biológica, demarcando um período de transição entre a infância e a idade adulta, gerando políticas centradas na preparação para o mundo adulto, voltadas para as instituições de formação, como o serviço militar, como programa preparatório de destrezas específicas para o cumprimento de deveres de responsabilidade e unidade nacional e as ações de educação. “A política por excelência é a Educação; e apenas como complemento do tempo estruturado pela oferta educativa, programas dirigidos ao uso do tempo livre, de esporte, lazer e voluntariado, para garantir uma formação sadia dos jovens” (ABRAMO, 2005, p.20).

Abramo localiza duas limitações principais nessa abordagem. Considera universalista, ou seja, fundamentada na ideia de garantia de um direito universal por parte do Estado, no entanto, muitas vezes, a dimensão universal não está localizada na ideia de um direito a ser garantido de forma específica segundo as distintas e desiguais situações que vivem os jovens, mas numa noção homogênea de juventude, centrada na possibilidade de viver a moratória (dedicação à preparação), que não se realiza para todos os jovens, o que acaba por gerar novas situações de exclusão. Outra limitação deste enfoque é que ele não visualiza os jovens como sujeitos sociais do presente, pois o futuro cumpre a função de eixo ordenador de sua preparação (ABRAMO, 2005).

Segundo a autora, esta abordagem predominou até a década de 1950, na América Latina, e as políticas atingiam efetivamente apenas alguns setores sociais, principalmente as classes médias e altas; “e ainda hoje orienta boa parte das políticas e ações dirigidas aos jovens, principalmente aquelas focadas na adolescência” (ABRAMO, 2005, p. 20). Na verdade, esta visão do jovem como sujeito em preparação e, portanto,

como receptor de formação, é o eixo que predomina em quase todas as ações a ele dirigidas, combinada aos mais diferentes paradigmas, não só nas políticas públicas estatais, mas inclusive no trabalho desenvolvido pelas ONGs brasileiras onde a abordagem principal é aquela orientada pela ideia de formação, e a relação que os adultos estabelecem com os jovens, nesses projetos, é a de “educadores”.

A segunda perspectiva, “a juventude como etapa problemática”, nesta concepção os jovens são tidos como agentes causadores de desordem e desequilíbrio das relações sociais. As questões que emergem são aquelas relativas a comportamentos de risco e transgressão. As políticas norteadas por esta concepção têm caráter compensatório, com foco nos setores que apresentam as características de vulnerabilidade, risco ou transgressão, geralmente a juventude urbana popular. As principais políticas desenvolvidas são dos “setores da saúde e da justiça ou segurança pública, a partir de questões como gravidez precoce, drogadição, DST/AIDS, envolvimento com violência, criminalidade e narcotráfico” (ABRAMO, 2005, p. 21).

Uma questão que se apresenta nessa abordagem é que se constrói uma percepção generalizadora da juventude que a estigmatiza. Além disso, há uma percepção a respeito da ineficácia dos programas formulados a partir desta concepção, em razão desta abordagem ser considerada setorial e fragmentada, limitando as possibilidades de implantação de políticas avançadas de juventude (ABRAMO, 2005).

Essa concepção, que atribui ao jovem a identificação de ‘problema’, atravessa épocas e continua sendo bastante acionada. Ela já estava presente para categorizar a juventude no pós-guerra, como aponta Stuart Hall: “juventude, agora, como agentes do colapso social” (HALL e JEFFERSON et al., 1976, p. 57). É também uma identificação recorrente na América Latina, segundo Jesús Martín-Barbero (2008) em seu estudo sobre “A mudança na percepção da juventude”. O autor aborda sobre a tendência das pesquisas sociais, na Colômbia, realizadas pelo que chama de “ex-

perts” em violência, que “identificava cada vez mais os jovens com delinquência e desvio, criminalizando perigosamente a figura da juventude” (2008, p.11). Inclusive, seu primeiro texto focado exclusivamente na juventude busca desvincular estes sujeitos da noção de ameaça social.

Segundo Helena Abramo (2005), este enfoque também foi dominante no Brasil durante os anos 80 e 90, principalmente em relação à juventude dos setores populares, sendo problematizada pela opinião pública e tensionando a criação de ações tanto por parte do Estado como da sociedade civil. A autora aponta que esta concepção ainda vigora com bastante força e é predominante na fundamentação das políticas públicas: “Quase todas as justificativas de programas e políticas para jovens, quaisquer que sejam elas, enfatizam o quanto tal ação pode incidir na diminuição do envolvimento dos jovens com a violência” (ABRAMO, 2005, p. 21). Como forma de superação da ótica “juventude problema”, uma das formulações que surgem a partir desse debate estigmatizante propõe a formulação do “jovem como solução”, bordão que se conecta com o terceiro paradigma.

A concepção de “O jovem como ator estratégico do desenvolvimento” está orientada à formulação de capital humano e social para enfrentar os problemas de exclusão social aguda que ameaçam grandes contingentes de jovens e atualizar as sociedades nacionais para as exigências de desenvolvimento colocadas pelos novos padrões mundiais. A análise parte da ideia do peso populacional dos jovens como um bônus demográfico ainda vigente e como argumento para justificar a inversão no resgate do capital humano juvenil. Nesse sentido, os jovens são vistos como forma de resolver os problemas de desenvolvimento, por exemplo, como os relativos a uma camada crescentes de idosos. Matos (2018) identifica essa abordagem como resposta às mudanças nas condições de produção provocadas pelo avançado sistema capitalista de acumulação e geração de riquezas. “A sua condição flexível parece ser mais bem incorporada pelo

grande contingente de jovens desejosos por integrar o mundo do trabalho, aptos a incorporar novas demandas do sistema, muitas vezes em detrimento das suas próprias” (p. 45).

Esta concepção avança no reconhecimento dos jovens como atores dinâmicos da sociedade e com potencialidades para responder aos desafios colocados pelas inovações tecnológicas e transformações produtivas. Deste modo, traz a possibilidade de incorporar os jovens em situação de exclusão pela sua inserção à formação educacional e de competências no mundo do trabalho, também na aposta da contribuição dos jovens para a resolução dos problemas de suas comunidades e sociedades, através do seu engajamento em projetos de ação social, voluntariado etc. No Brasil, essa construção da juventude como vetor estratégico, tem se tornado muito comum nas falas empresariais, nas agências de cooperação internacional e de fundações empresariais que vêm apoiando ações para jovens e tem se traduzido, na maior parte das vezes, como a postulação dos jovens como “protagonistas do desenvolvimento local” (ABRAMO, 2005).

Segundo Abramo (2005), vigora ainda no Brasil outra vertente, além das quatro arroladas por Dina Krauspkof, que de certa forma está conectada com a anterior, e está centrada na ideia dos “jovens como atores com papel especial de transformação”, como fonte de crítica, contestação, capacidade de prover utopias e de dedicação generosa à dimensão social. Segundo a autora, este enfoque é herdeiro da experiência histórica de gerações anteriores, sustentado por vários atores vinculados a partidos políticos e movimentos sociais. Este paradigma coloca a questão da participação no centro do papel designado aos jovens, e tem sido um elemento importante de pressão para a formulação das políticas de juventude; por outro lado, apresenta dificuldade na visualização das necessidades e direitos específicos dos jovens.

Abramo alerta para os riscos que esta visão acarreta de se ater a um modelo específico de atuação e participação, realizando diagnósticos

pessimistas quanto à capacidade de engajamento e oferecendo canais pouco amplos de participação efetiva. Além dos riscos de perpetuar a invisibilidade de demandas dos próprios jovens, a partir do engajamento em campanhas cívicas de construção ou reconstrução nacional; e o de alimentar certa mistificação a respeito dos jovens como se fossem os únicos capazes de inovações, ignorando o papel de outros sujeitos e movimentos sociais. Neste mesmo sentido, tal perspectiva “pode alimentar uma falsa polarização entre adultos e jovens, ou uma acentuação deste conflito em detrimento de outros, como os de classe, raça, etc., que atravessam tanto os adultos como os jovens” (ABRAMO, 2005, p. 22).

Já o paradigma da “juventude cidadã como sujeito de direitos” é uma abordagem que muda os enfoques anteriores principalmente por superar a visão negativa sobre os jovens e gerar políticas centradas na noção de cidadania, abrindo a possibilidade da consideração dos jovens como sujeitos integrais, para os quais se fazem necessárias políticas articuladas intersetorialmente. “Nessa visão, a juventude é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos e deixam de ser definidos por suas incompletudes ou desvios” (ABRAMO, 2005, p. 22). Daniela Matos (2018) atribui essa proposição à pauta dos movimentos sociais pelos direitos de grupos ou coletivos, a partir do reconhecimento de suas especificidades.

No Brasil, o desenvolvimento dessa perspectiva vem ganhando força com movimentos pelos direitos das crianças e adolescentes que têm seu marco legal constituído desde 1990, com o Estatuto da Criança e do adolescente. Já as políticas públicas voltadas para a juventude têm avanços significativos para o fortalecimento da abordagem do jovem enquanto sujeito de direitos, com a instituição da política Nacional de Juventude, em 2005, formada pelo Conselho, pela Secretaria e pelo Programa Nacional; a realização das primeiras conferências municipais, estaduais e nacionais,

em 2008; em julho de 2010, a introdução do termo 'juventude' na Constituição Federal, por meio da Emenda Constitucional nº 65 e pela criação do Sistema e do Estatuto Nacional da Juventude, aprovados em 2013.

As quatro abordagens aqui discutidas foram fundamentais no processo de análise dos objetos, buscamos identificar em cada matéria exibida nos programas sob qual paradigma os textos televisivos estão apoiados, e conseqüentemente como participam da construção dos mesmos, pois ao utilizar o paradigma o texto o constitui. Como resultado o que podemos antecipar é que os paradigmas 1 e 2 foram os mais acionados pelos telejornais. Vimos emergir, nas produções midiáticas e políticas, a ideia do sujeito jovem como problema social, principalmente, quando estão em foco os jovens de classes populares, considerados em situação de vulnerabilidade social e que vivenciam situações de violência. Também percebemos o acionamento de outras abordagens, ao propor a inclusão de jovens no mundo do trabalho como estratégia de combate à criminalidade e à violência ou como etapa preparatória.

Por esta razão o conceito de juventude enquanto prática, que adotamos nesse trabalho, dialoga com as concepções aqui apresentadas e que são acionadas dependendo do contexto, da situação, de quem aciona e com qual intenção. As quatro abordagens apresentadas por Helena Abramo (2005) fazem referência ao campo das políticas públicas, mas neste trabalho as utilizamos como percurso interpretativo para identificar quais acionamentos são priorizados, omitidos e invisibilizados pelo gênero televisivo sobre os jovens. As análises e conclusões da pesquisa são apresentadas nos capítulos a seguir.

### **Parte III**

## TELEJORNAIS BAIANOS E OS DISCURSOS SOBRE A EXPERIÊNCIA JUVENIL



## **RecordTV Itapoan: Jornalismo policial e estética da violência**

A TV Itapoan é a primeira emissora de televisão do Estado da Bahia, inaugurada em 1960, inicialmente filiada à TV Tupi. Atualmente a emissora faz parte da Rede Record de Televisão que desde novembro de 1989 passou a pertencer à Igreja Universal do Reino de Deus (AGUIAR, 2007). Esta igreja foi fundada em 1977, no Rio de Janeiro, por Edir Macedo, auto-proclamado bispo, e está ligada ao movimento neopentecostal centrado na ideologia chamada de teologia da prosperidade, que segundo Campos (1997),

é um conjunto de ideias formuladas nos Estados Unidos popularizada pelos televangelistas e por protestantes sul-coreanos, a qual valoriza e considera o consumo de bens e serviços típicos da sociedade de consumo, como sinais visíveis que o fiel convive com o senhor (p. 36).

Para os neopentecostais a ênfase está no aqui e agora, nas questões relativas às condições econômicas e sociais, tais como adquirir bens materiais, crescimento no prestígio social, melhora do emprego, melhoria no relacionamento conjugal, entre outras, aspectos que aliados à comunicação midiática contribuíram para a expansão das igrejas neopentecostais, especialmente a Igreja Universal (AGUIAR, 2007). Atualmente, a IURD liderada por Edir Macedo é proprietária de diversos veículos de comunicação, dentre eles a TV Itapoan, que desde 2016 passou a se chamar Record TV Itapoan. Além disso, a Igreja marca sua presença também no cenário político brasileiro, com candidaturas de seus membros ou com a manifestação explícita de apoio a candidatos específicos. Dentre os eleitos podemos destacar o atual prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivela.

Em 2016 a IURD lançou seu próprio partido político o Partido Republicano Brasileiro (PRB).

A vinculação ideológica da TV Itapoan com a IURD e com o projeto político da Igreja é clara. Está presente nos programas de cunho religioso, nos intervalos e dentro dos telejornais, como é o caso do Balanço Geral, no meio do dia, que diariamente apresenta um quadro liderado por um pastor. “É hora de falar com Deus e de mudar de vida” é o anúncio feito pelo apresentador José Eduardo.

A grade da Record TV Itapoan é composta de pelo menos cinco programas diários, Balanço Geral 1ª edição; Bahia no Ar; Balanço Geral 2ª edição; Cidade Alerta Bahia; BA Record. Neste trabalho são analisados os programas Bahia no Ar, Balanço Geral e BA Record, selecionados pelo critério de audiência e pela analogia aos horários de exibição dos telejornais da emissora concorrente. A emissora é líder de audiência no estado da Bahia, e suas marcas são reconhecidas pelo público, assentada em critérios de noticiabilidade voltadas para questões imediatas, principalmente para os problemas enfrentados pela população de baixa renda da Região Metropolitana de Salvador (RMS), notadamente para temas ligados à criminalidade. Com forte apelo às camadas populares, o compromisso estabelecido com sua audiência está fortemente ligado à ideia de compromisso social, interesse público, vigilância, ou o que podemos chamar de jornalismo-denúncia, pois a maioria dos seus programas passa a ideia de prestação de serviço à sociedade, delatando os abusos e transgressões sociais. É neste sentido que os programas apresentam fortes traços de jornalismo policial e faz com que a linguagem jornalística seja bastante peculiar, com forte carga sensacionalista.

A maior parte das produções é pautada pela cobertura ao vivo, o que imprime um caráter de dinamismo e de velocidade na cobertura de

novas informações. Os telejornais são apresentados de pé, tendo apenas uma pequena bancada que serve para apoio dos apresentadores, e sem o enquadramento tradicional de plano americano. O estúdio dos programas é amplo e os apresentadores se movimentam por ele. Há no centro do cenário uma grande tela, na qual são reproduzidas as matérias e por meio da qual os apresentadores interagem com as equipes de reportagem. O cenário é decorado com pontos turísticos de Salvador. Na tela é exibida legenda que acompanha as matérias, no canto superior esquerdo um relógio digital e no canto inferior direito a marca da TV Record, que sinaliza ao telespectador a identidade editorial da emissora. A configuração do cenário apresenta muitas semelhanças com o da TV Bahia, o que indica ser uma característica do modo de constituição dos telejornais da Bahia na contemporaneidade.

Em algumas ocasiões, notamos que um único material produzido pela emissora é veiculado, no mesmo dia, em todos os programas seguidos. Isso quando não é aproveitado também no dia seguinte. Se for o caso da transmissão de uma reportagem de caráter policial, esse caso pode vir à tona mais facilmente. Exemplo disso foi em 4 de junho de 2019, numa reportagem sobre um estudante acusado de atacar colega com uma faca em sala de aula. A matéria já havia sido apresentada no BA Record e no dia seguinte nos demais telejornais. Esta lógica produtiva é uma prática comum nos programas aqui analisados, constatados nas duas emissoras.

Até aqui, procuramos apresentar de modo geral os traços da linguagem jornalística que se fazem reconhecíveis na Record TV Itapoan como estratégia de aproximação com sua audiência e também sua organização a partir de uma instituição religiosa. Todavia, o investimento na mediação da institucionalidade exige observar também como os discursos das instituições são acionados pelos telejornais para a constituição de discursos sobre as juventudes.

## Bahia no Ar

O Bahia no Ar é um telejornal matinal da RecordTV Itapoan, exibido de segunda a sexta-feira das 7h20 às 8h30. É apresentado pela jornalista Jéssica Smetak, contratada após deixar a TV Bahia em março de 2018, para substituir a jornalista Jéssica Senra, após a mesma ser contratada pela TV Bahia. O telejornal é dividido em três blocos e tem duração total de uma hora e dez minutos. O *corpus* analisado nesta publicação é composto de 20 edições, com 22 horas de gravações e um total de 260 notícias.

**Quadro 2** - Notícias Bahia no Ar.

Educação/ Mundo do Trabalho	Violência	Entreteni- mento	Esporte	Tempo e Trânsito	Saúde	Cidadania	Outros	Total
12	70	7	13	52	14	2	90	260

Fonte: Autoral (2019).

O Bahia no Ar é exibido entre outros dois jornais da emissora, o primeiro local, Balanço Geral 1ª edição apresentado por Raimundo Varela e o segundo, Fala Brasil<sup>39</sup>, telejornal nacional da TV Record.

“Que bom ter você aqui com a gente! Aqui é jornalismo a serviço do povo” (BAHIA NO AR, 4/6/19), diz a apresentadora na abertura do programa, enfatizando a posição da produção. O Bahia no Ar mostra os dramas diários, os problemas enfrentados pela população em diferentes setores: infraestrutura urbana, falta de assistência em saúde, problemas no transporte público e principalmente violência, apelando para uma ideia de cotidianidade como estratégia.

A apresentadora ocupa aquele papel de intermediária que facilita “o trânsito entre a realidade cotidiana e o espetáculo” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 306), é a típica mediadora de que nos fala Martín-Barbero que utiliza um tom coloquial e se coloca como interlocutora das famílias.

<sup>39</sup> Em 2019 a jornalista Jéssica Smetak assumiu a bancada do Fala Brasil em duas ocasiões.

“Essa nossa humanidade ‘tá’ caminhando pra onde? De mal a pior, todo dia uma confusão. Agressão na rua, agressão também dentro da família” (BAHIA NO AR, 5/7/19). O programa é apresentado de pé, portanto, sem bancada e sem o enquadramento clássico de telejornal. No cenário, imagens de pontos turísticos de Salvador, como o Elevador Lacerda, e um grande telão no centro, posição em que Smetak interage com quatro repórteres que estão ao vivo de diversos pontos da cidade.

As transmissões ao vivo se prolongam por todo o programa com várias entradas, imprimindo uma ideia de vigilância da cidade e de que o telejornal está presente onde o fato acontece. Corriqueiramente as matérias sobre crime fazem uso de imagens gravadas por telefone celular ou de câmeras de segurança: “Flagrante de roubo a idoso no Bairro do Politeama” (BAHIA NO AR, 6/6/19), diz Jéssica Smetak e em seguida são exibidas imagens de câmera de segurança de dois jovens negros, praticando assalto. Esta possibilidade tecnológica proporcionada pela proliferação dos aparatos de segurança e pelos dispositivos portáteis foi incorporada e alimenta os meios midiáticos num processo de superexposição da violência.

O programa dispõe também de um helicóptero que faz a cobertura do trânsito ou de algum fato excepcional que esteja acontecendo durante a exibição. “É o nosso helicóptero que comanda o pedaço aqui, do Bahia no Ar. Só aqui você tem essas imagens de Salvador” (BAHIA NO AR, 4/7/19). Todas as reportagens são acompanhadas de legenda, afim de identificar o assunto e o local onde aconteceu. Na matéria de 5 de julho, é enfatizada a condição juvenil dos agressores:

## **Merchandising**

Destacamos também a presença de anúncios comerciais dentro do telejornal, inclusive com merchandising<sup>40</sup> realizado pela própria apresentadora que transita de forma natural entre o papel de âncora e de garota

<sup>40</sup> O termo merchandising tem sido usado para designar tudo o que não seja um comercial tradicional, desde testemunhais ao vivo, até ações promocionais dentro dos programas.

propaganda, misturando publicidade e jornalismo. Comum em telenovelas, programas de entretenimento e transmissão de jogos de futebol, na TV Itapoan é feito sem nenhum tipo de constrangimento também nos telejornais. O mesmo ocorre no Balanço Geral. O fato chama atenção, pois há uma posição histórica do jornalismo, que apesar de depender das propagandas, defende um afastamento de interesses econômicos.

A estratégia mercadológica é diferente de um break em que há uma demarcação do que é jornalismo e o que é comercial. E vale salientar que os ‘merchants’ não se limitam a anúncios comerciais, propagandas do governo também são realizadas. Em 2019 no auge das discussões sobre a reforma da previdência, Jéssica Smetak (Bahia no Ar) e Luiz Eduardo (Balanço Geral) foram contratados pelo Governo Federal para, entre uma notícia e outra, defenderem a proposta. Os jovens são destacados numa linguagem simples e direta para convencer a classe popular a apoiar a proposta: “a população de idosos vai superar a população jovem e isso coloca em risco o pagamento das aposentadorias do futuro [...]. Nova previdência é melhor para o Brasil” (BAHIA NO AR, 6/6/19).

Com o texto publicitário de Smetak, percebemos como os jovens são utilizados como argumento para indicar que eles seriam os beneficiários da “nova previdência”, quando na verdade são esses os maiores prejudicados, já que a reforma reduz direitos e torna mais distante a possibilidade de aposentadoria<sup>41</sup>. Porém, o que está em jogo vai além do interesse comercial da propaganda, pois existe uma vinculação ideológica da emissora do Bispo Edir Macedo com as políticas liberais do Governo Jair Bolsonaro.

Todavia, a preocupação expressa na fala de Jéssica Smetak com o futuro dos jovens é coerente com os dois tipos de abordagem que identificamos no programa: “Juventude como etapa problemática” e “juventude como período preparatório” (ABRAMO, 2005).

---

<sup>41</sup> Os impactos da Reforma da Previdência para Juventude. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/os-impactos-da-reforma-da-previdencia-para-juventude>.

O matinal apresenta com alguma regularidade pautas de interesse do público juvenil, ligadas à educação e ao mundo do trabalho: volta às aulas na Rede Municipal (BAHIA NO AR, 6/2/19), vagas no Sisu (BAHIA NO AR, 5/6/19), cursos de capacitação oferecidos pelos Senac (BAHIA NO AR, 7/6 /19), vagas de emprego oferecidas pelo Sine Bahia (BAHIA NO AR, 18/2/19). Em todas é explícita a abordagem etapista da juventude, como uma preocupação com o futuro.

Repórter Ticiane Bicelli: “Portões abertos, estudantes entrando na Escola, que coisa boa é ver menino dentro da sala de aula, estudando e tendo possibilidades de um futuro melhor” (BAHIA NO AR, 6/2/19).

Outro aspecto que chama atenção é que além da dimensão do futuro, mesmo quando o assunto é educação é feita a ligação com a criminalidade, como no trecho que destacamos abaixo de um comentário de Jéssica Smetak para introduzir matéria sobre violência:

Jéssica Smetak: “E a gente está falando de educação dos nossos jovens da rede municipal que é fundamental para evitar a criminalidade” (BAHIA NO AR, 6/2/19).

Ênfase ainda maior é dada ao futuro da juventude, num quadro do telejornal chamado “Minha profissão, meu futuro” e discute o mercado de trabalho e as possibilidades de atuação em diferentes profissões. Em 7 de junho, a reportagem abordou sobre a profissão de psicólogo e entrevistou profissionais da área e alunos de uma faculdade particular de Salvador. A matéria mostrou uma roda de conversa entre estudantes sobre os desafios enfrentados na profissão e exibiu alguns deles já realizando atendimentos.

Em nossa análise, ao discutir profissões, vagas em universidades e cursos de qualificação profissional o Bahia no Ar demonstra também endereçar-se ao público juvenil. O mesmo percebemos na única matéria envolvendo juventudes e saúde. Em 19 de fevereiro, a pauta escolhida é

sobre vacinação de adolescentes contra o vírus papiloma humano (HPV)<sup>42</sup> Ou seja, trata-se da prevenção de algo que pode acontecer no futuro. A reportagem ocorre num ambiente escolar e fala dos preconceitos e tabus envolvendo a vacinação que deve acontecer antes do início da vida sexual. É interessante porque apesar da vacinação contemplar meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos, o seu foco é a idade adulta, conforme as instituições<sup>43</sup> ouvidas: “A gente não tem como prever o que vai acontecer com nossos filhos no futuro, não somos donos dos filhos e precisamos dar a eles o de melhor, e a vacina está aí prevenindo o câncer<sup>44</sup>” (BAHIA NO AR, 19/2/19).

## Violência juvenil

O BA no Ar privilegia como critério de noticiabilidade assuntos do cotidiano das classes populares e pautas relacionadas à criminalidade, tema no qual o telejornal mais mobiliza a questão juvenil, ou seja, o modo como os jovens mais aparecem. São notícias sobre homicídios, feminicídios, furtos, roubos, operações policiais e prisão de criminosos que toma a polícia e o sistema de justiça como principais instituições. No período analisado neste trabalho nenhuma organização social ligada aos direitos da juventude foi ouvida.

A apresentação de presos em delegacias após serem capturados pela polícia é uma das marcas da emissora e, portanto, presente no Bahia no Ar. Nestas reportagens costuma-se entrevistar o delegado ou delegada e o preso. Em 20 de fevereiro de 2019 foi feita a cobertura da prisão de duas mulheres, presas em flagrante por furto em um supermercado. Não é muito comum reportagens desse tipo envolvendo mulheres e em nosso

<sup>42</sup> Segundo a reportagem a vacina visa a proteger do câncer de colo do útero que mata 300 mil mulheres por ano.

<sup>43</sup> Secretaria de Educação e Secretaria de Saúde de Salvador.

<sup>44</sup> Entrevistada Daiane Lemos (Coord. De imunização de Salvador).



corpus é um caso isolado. Mas a operação guarda como similaridade tratar-se de corpos negros. As duas mulheres são apresentadas algemadas à frente de um banner com os símbolos da Polícia Civil. Uma delas está grávida de oito meses e tem 19 anos e ambas foram flagradas furtando produtos de higiene. Apesar de não serem traficantes perigosas, nem homicidas, as duas mulheres presas por furtarem produtos de higiene receberam por parte da equipe de reportagem o mesmo tratamento de qualquer bandido. “Taís Santos de Oliveira, de 19 anos, tentou justificar o furto alegando que foi abandonada pelo pai da criança e passa por dificuldades” (BAHIA NO AR, 20/2/19), disse o repórter.

A apresentadora Jéssica Smetak comenta a notícia: “Enquanto uns querem trabalhar como ambulantes no carnaval, tem esse povo aí querendo tirar vantagem do trabalho dos outros”. A reportagem não dá conta da complexidade por trás do fato relatado, esbarra no superficial, no senso comum de que se trata de jovens preguiçosas, delinquentes querendo levar vantagem. Deste modo, falta um olhar mais cuidadoso do telejornal para a realidade social dos jovens, pois, conforme aponta Jesús Martín-Barbero (2008) “a violência juvenil se insere em um contexto mais amplo e de mais longa duração: o complexo e delicado tecido sociocultural de que são feitas as violências que atravessam por inteiro a vida cotidiana das pessoas” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 9 e 10), o que neste caso exige que o processo de desigualdade social e racial não seja ignorado neste fenômeno da violência.

O aspecto etário de Taís e sua condição de gravidez fazem dela o centro da matéria<sup>45</sup>, aliás, a condição juvenil é recorrentemente evidenciada pelo telejornal, seja nos comentários da apresentadora, nas legendas e nas falas dos repórteres e entrevistados, como nos trechos que destacamos:

<sup>45</sup> A matéria é um compacto da reportagem exibida ao vivo no Balanço Geral no dia anterior.

Jéssica Smetak: “Um jovem de 19 anos se entregou à polícia depois de matar o próprio pai” (BAHIA NO AR, 5/6/19).

Repórter Naiara Magalhães: “Esse jovem de 19 anos foi preso e ele é acusado de matar essa garota de 15 anos, uma adolescente” (BAHIA NO AR, 7/2/19).

Repórter Gomes Nascimento: “O jovem trabalhava há quatro anos em uma empresa de segurança patrimonial”<sup>46</sup> (BAHIA NO AR, 8/2/19).

Repórter Leo Rodrigues: “A jovem só tomou coragem para denunciar recentemente”<sup>47</sup> (BAHIA NO AR, 18/2/19).

Legenda: “Jovem é torturada por padrasto” (BAHIA NO AR, 21/2/19).

No período analisado, 31,39% das matérias sobre violência estão relacionadas à delinquência juvenil e, na maioria das vezes, são reexibições de outros programas da emissora. Apesar dessas reportagens serem de menor duração, portanto mais objetivas e com comentários menos inflamados, mais contidos, as imagens e textos projetados acabam identificando os jovens com delinquência e desvio, aspectos que na formulação de Martín-Barbero (2008) acabam criminalizando perigosamente a figura da juventude.

Para as pesquisadoras Rose de Melo Rocha e Josimey Costa da Silva (2008), são preocupantes os efeitos dessa vinculação midiática dos jovens quando voltada à tematização e visibilização da violência. Afinal, encontram um “terreno pernicioso de florescimento ao serem absorvidas no cotidiano urbano, particularmente ao se levar em consideração contextos macrossociais” (p. 116). Diversas matérias exploram essa manifestação, assumindo um tom que agrega a denúncia dos episódios de violência à sua transformação em espetáculo. “Essa violência em estado de presen-

<sup>46</sup> Matéria: Segurança é morto a tiros na Av. Vasco da Gama. Bahia no Ar, exibido em 8 de fevereiro de 2019.

<sup>47</sup> Matéria: Mulheres criam coragem para denunciar..

tificação, esse show de urgência radical, permite que se experimentem as imagens da violência como materialidades, como acontecimento virtualmente tangível” (ROCHA & SILVA, 2008, p. 117). Neste sentido, a violência é vivida como real, credível, parte do cotidiano das pessoas, vivida e remoída por meio da comunicação massiva.

A violência contra a mulher tem sido um tema ao qual o Bahia no Ar também tem dado visibilidade, seja por meio de nota coberta, reportagem ou link ao vivo. Nestes casos, são comuns comentários mais longos e inflamados da apresentadora e a realização de suítes<sup>48</sup>, ao longo da semana, com desdobramentos da notícia, prática que no jornalismo é feita com assuntos que são considerados importantes. Em 6 de fevereiro, por exemplo, o programa noticiou por meio de nota coberta o feminicídio de uma “adolescente de 15 anos, morta ao se recusar fazer sexo”, evidenciando a contradição do programa que apesar de valorizar o tema, ataca as mulheres ao atribuir à vítima a responsabilidade pelo próprio assassinato. No dia seguinte o assunto foi abordado durante todo o programa em um ao vivo sobre a prisão do suspeito de 19 anos, que “segundo a PM confessou ter praticado o crime”.

A reportagem sobre a publicação da pesquisa do Atlas da Violência mostrou o aumento da violência contra a mulher, que cresceu 100% na Bahia<sup>49</sup>. A matéria é aberta com o relato da morte de Andressa Vitória de 15 anos, com imagens de arquivo da época do crime, em 2017. Este trabalho minucioso de acompanhamento dos telejornais baianos nos permitiu perceber o quanto à violência contra a mulher também atinge pessoas jovens e adolescentes.

Um dos casos que mais repercutiu em 2019 foi o de Eva Luana: “uma garota, uma jovem de 22 anos que depois de quase 10 anos de sofrimento conseguiu se livrar dos abusos praticados pelo padrasto” (BAHIA NO AR,

<sup>48</sup> “A sequência que se dá a um assunto quando a notícia é quente e continua a despertar interesse nos telespectadores. A suíte deve conter elementos que a atualizam” (PATERNOSTRO, 1999, p.151).

<sup>49</sup> Violência contra a mulher cresce quase 100%. BA no Ar, exibido em 6 de junho de 2019.

21/2/19). A monstruosa violência só teve fim após denúncia feita pela vítima nas redes sociais. O seu desabafo repercutiu nacionalmente e em 21 de fevereiro ela foi entrevistada pelo Bahia no Ar.

Dias antes, em 18 de fevereiro, o noticiário exibiu uma reportagem sobre a Lei Maria da Penha, incentivando mulheres a denunciarem, com especialistas no assunto e mulheres que estão sob medida protetiva. Uma das personagens tem 23 anos e diz ter sofrido violência desde a adolescência quando começou o relacionamento. “O momento mais difícil da minha vida foi viver com uma pessoa que eu convivi muitos anos, amando aquela pessoa e ela me agredir fisicamente e verbalmente” (BAHIA NO AR, 18/2/19).

Percebemos neste tipo de pauta um engajamento pessoal da apresentadora Jéssica Smetak. O tom de emoção misturado com indignação faz com que utilize um texto verbal veemente e direto:

Jéssica Smetak: “No início começa com aquela agressão moral, xingamentos, desrespeito, controle da roupa, todos os tipos de abusos psicológicos, depois isso vai agravando, chegando nos casos de agressão física até os casos de feminicídio que a gente mostra aqui.” (BAHIA NO AR, 2019).

A apresentadora também cobra ações dos agentes políticos: “a gente precisa de uma justiça restaurativa”, reivindica. Por ocasião da divulgação do Atlas da Violência do IPEA, em 6 de junho, o Bahia no Ar exibiu matéria sobre o número de mortes de jovens negros na Bahia, “estado com mais vítimas no país”. Os dados do Atlas mostram que enquanto houve um recuo nas regiões Centro Oeste e Sudeste, o número de homicídios disparou no Nordeste. “A Bahia teve um crescimento de 105% em 10 anos”. Um dos especialistas ouvidos, Osmar Terra, aponta a responsabilidade do Poder Público na geração de oportunidades e diz que “a ausência do Estado fará avançar o crime organizado” (BAHIA NO AR, 06/06/19). Cabe

evidenciar que o telejornal que valoriza tanto as notícias de segurança pública, no estado com maior número de vítimas destacou apenas nesse momento a questão do genocídio da população negra. A reportagem ouviu especialistas, apresentou gráficos e contou a história de jovens assassinados e suas famílias.

O off da matéria é aberto com a imagem de um jovem negro de 18 anos, assassinado, dias antes, enquanto seguia para comprar pão, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Sua foto é estampada na tela, seguida do lugar onde aconteceu o crime e de relatos de parentes e vizinhos que vizinhos lamentam a morte precoce da vítima. “Um menino novo que tinha tudo pela frente”. A matéria tem um tom dramático e revela a existência de certo cinismo já que a juventude é constantemente criminalizada pelo telejornal.

### **Práticas de resistência**

Além da identificação dos discursos hegemônicos sobre as juventudes, neste trabalho, buscamos um olhar mais sensível para identificar práticas de resistência juvenil. Resistência, aqui, deve ser compreendida na perspectiva dos Estudos Culturais, principalmente a partir das ponderações de Freire Filho (2007) que adverte quanto à visão exageradamente otimista em relação à resistência juvenil, mas que propõe uma abertura para a compreensão da variedade de ganhos e conquistas que a resistência juvenil pode provocar. A resistência juvenil, como destaca Daniela Matos (2018), podem ser desde aqueles relacionados a aspectos perceptíveis de forma mais objetiva – uma mobilização em torno da instalação de uma escola em determinado bairro periférico, por exemplo – até aqueles que têm efeitos no campo simbólico – a ação de um grupo de teatro e a transformação na construção da subjetividade que uma experiência de criação artística pode provocar. É nesta visão contingente, que percebemos um

potencial na matéria sobre empreendedorismo negro exibida em 4 de junho, que reportou sobre a inauguração de uma loja colaborativa no Bairro da Liberdade, em Salvador.

A matéria trata do empreendedorismo, enfatizando a nova forma de organização comercial baseada numa lógica mais solidária frente a uma estrutura de dominância de classe, gênero e raça. São mulheres jovens e negras, engajadas politicamente num movimento de fortalecimento da cultura e da identidade negra, por meio da estética. “Quando a gente coloca o turbante a gente se empodera mais, as mulheres se sentem mais fortes, mais poderosas, mais negras, mais aceitas” (BAHIA NO AR, 4/6/19), diz a entrevistada Jaqueline Daiane. A reportagem com a inauguração da loja mostrou corpos negros empoderados num desfile de moda afro, exibiu a criatividade expressa nos produtos e, principalmente, um discurso consciente em relação à dimensão política do empreendimento. “Estamos representando nosso povo com outro lugar de fala”, disse uma das empreendedoras. A iniciativa apresentada na reportagem pode ser identificada no paradigma que tem o jovem como ator de desenvolvimento (ABRAMO, 2015), que empreende como resposta criativa de enfrentamento aos problemas de desenvolvimento e exclusão provocados pelo sistema capitalista de acumulação de riqueza. É uma espécie de incorporação de novas demandas para se integrar ao mundo do trabalho, porém, baseada em relações mais coletivas e no fortalecimento da identidade negra.

A adoção da ferramenta analítica denominada “fabricação cultural juvenil”, de que nos fala Rocha e Silva (2008), nos ajuda a compreender a partir do consumo e da resignificação de representações midiáticas e das experimentações desencadeadas por vivências urbanas, “processos de formação de imaginários, constituição de comportamentos e, efetivamente, a cristalização de dinâmicas de auto-percepção e de afirmação de si” (p. 111 e 112). Certamente não estamos diante de uma grande rup-

tura do campo do capitalismo, mas de uma espécie de pequena fissura por contemplar relações mais solidárias. Talvez estejamos muito mais na presença de um pequeno vaga-lume<sup>50</sup> do qual nos fala o filósofo Didi-Huberman (2011), um pequeno lampejo, porém, devemos reconhecer dentro de uma visão contingente sua contribuição para um amplo processo de transformação social.

## Balanco Geral

O Balanço Geral é exibido na hora do almoço e tornou-se modelo nas emissoras de televisão pelo Brasil afora, com exposição de caos urbano, problemas nos serviços públicos, criminalidade e apelo popular. O telejornal é veiculado pela TV Itapoan, afiliada baiana da RecordTV, às 11h45, de segunda a sexta-feira. Neste trabalho foram analisadas 20 edições do telejornal, com 3h e 10 minutos de duração<sup>51</sup>, divididas em três blocos, chegando a um tempo total de gravação de 62 horas. O Balanço Geral Bahia é apresentado por José Eduardo, mais conhecido como Bocão. O comunicador se tornou bastante conhecido do público baiano por ter apresentado “o telejornal policial Se Liga Bocão<sup>52</sup>”, programa televisivo que teve origem na esfera radiofônica no ano de 2001, na Rádio Transamérica da Bahia” (SILVA, 2012, p. 212). O programa estreou na TV em 7 de agosto de 2006, inicialmente com o nome Bom dia Bocão, pela manhã, e depois, no horário do almoço, como Se Liga Bocão, ambos transmitidos pela

<sup>50</sup> O termo “vagalume” é a evocação de uma metáfora utilizada pelo cineasta Pier Pasolini e retomada por George Didi-Huberman (2011) no livro “Sobrevivência dos Vagalumes”. Pasolini, por um lado, descreve a morte dos vagalumes: o fim dos lampejos de arte e poesia. Didi-Huberman, por outro, sugere a persistência desses mesmos seres, uma maneira poética-literária de caracterizar os lampejos como uma forma de resistência. A discussão propõe um olhar sobre a arte e a contemporaneidade e com a leitura é possível intuir saídas, possibilidades de continuidade, ou sobrevivências.

<sup>51</sup> No tempo total do telejornal levamos em consideração também os breaks.

<sup>52</sup> O sucesso de audiência alcançado pelo Se Liga Bocão na programação local fez com que surgissem mais programas populares com temática policial na própria TV Itapoan e em outras emissoras regionais. O telejornal Na Mira (TV Aratu/SBT) talvez seja o de maior semelhança e concorrência (SILVA, 2012).

TV Aratu, emissora afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Em 2007, a produção passou a ser veiculada na TV Itapoan e ficou conhecida por exibir conteúdo violento, tornando-se alvo de denúncias por desrespeito aos direitos humanos e foi objeto de campanhas e processos judiciais. Em 2014, o programa saiu definitivamente do ar<sup>53</sup>, mas a partir do mesmo ano o apresentador assumiu o Balanço Geral.

Velho conhecido do público, o programa está no ar há mais de 30 anos e teve início com o radialista Fernando José, na Rádio Sociedade da Bahia e na TV Itapoan, um apresentador que denunciava a corrupção na política local, fiscalizava preços abusivos em supermercados e obras públicas abandonadas e posteriormente se tornou prefeito de Salvador. Nos anos 1980 e 1990, o programa consolidou-se, tendo à frente o apresentador Raimundo Varela, um dos mais populares comunicadores da Bahia. Atualmente Varela apresenta a edição matinal do programa que adquiriu uma padronização nacional e tem sua segunda edição exibida no horário do almoço pelo apresentador Zé Eduardo.

Segundo pesquisa do Instituto Kantar Ibope, o Balanço Geral Bahia é na atualidade, um dos programas mais assistidos na Bahia e também registra o maior ibope da Record no país<sup>54</sup>. A liderança na audiência indica a ascensão dos programas populares cuja referencia são os valores de vigilância social, de denúncia, de serviço público e de defesa dos interesses dos cidadãos. Esses valores do jornalismo são constituídos na relação com as notícias de polícia/segurança, que contemplam as expectativas do telespectador em relação àquele noticiário, fomentando uma relação de credibilidade proporcionada pela construção de um sentido de proximidade e identificação, reforçando uma ideia de popular que é específica

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/160142-record-bahia-confirma-fim-do-programa-039se-liga-bocao039-entenda-o-caso.html> Acesso em 25/01/2019.

<sup>54</sup> Maior ibope da Record no país, a Bahia volta a dar dor de cabeça à Globo. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2018/06/07/maior-ibope-da-record-no-pais-a-bahia-volta-a-dar-dor-de-cabeca-a-globo.htm?cmpid=copiaecola>.



aqui, como enfatiza José Eduardo: “Esse é o programa do povo, o programa que o povo abraçou!” (BG, 07/07/19).

**Quadro 3** – Notícias do Balanço Geral.

<b>Educação/ Mundo do Trabalho</b>	Violência	Entreteni- mento	Esporte	Tempo e Trânsito	Saúde	Cidadania / Bem Estar Social	Outros	Total
5	131	11	3	16	17	2	127	312

**Fonte:** Autorial (2019).

Toda a ritualidade operacionalizada pelo telejornal busca construir um sentido de proximidade dos personagens e dos acontecimentos. Como nos diz Martín-Barbero (2006) “há um discurso que familiariza tudo, torna próximo até o que houver de mais remoto” (p. 307). Assim, a estratégia utilizada pelo Balanço Geral para a produção de sentidos passa pelo tratamento das imagens, pelo papel do apresentador, pela edição de áudio com suas trilhas sonoras, pela escolha das fontes e pelo texto verbal. Percebemos que no noticiário a linguagem oral é simples, didática, repetitiva, compreensiva aos setores populares. Há uma coloquialidade muito próxima da linguagem do rádio. O valor da voz parece querer estender mais o tempo do acontecimento com a repetição do relato na narração, fazendo uma exploração mais longa, sempre com apelo às sensações e à moral. Tanto assim que todas as matérias são comentadas, diria até, traduzidas. Há, inclusive, a presença de um locutor que ajuda José Eduardo a comentar as reportagens no estúdio. Esta é uma especificidade do programa que corrobora com o que diz Jesús Martín-Barbero (2006) sobre as mediações. Em seu estudo sobre o gênero, o autor aponta a coloquialidade como uma estratégia do mediador na simulação do contato com a audiência. Segundo ele, há na televisão latino-americana uma predominância do texto verbal que reforça o clima familiar.

Começamos a suspeitar que a predominância do verbal na televisão se inscreve na necessidade de subordinar a lógica visual à lógica do contato, dado que é esta que articula o discurso televisivo sobre o eixo da relação estreita e a preeminência da palavra em culturas tão fortemente orais (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 306).

Como no *Bahia no Ar*, o *Balanço Geral* também faz a veiculação de merchandising<sup>55</sup> dentro do noticiário. São comerciais de diversas marcas e também do setor público como prefeituras e Governo Federal, alguns deles realizados pelo próprio apresentador como, por exemplo, a propaganda em defesa da reforma da previdência. Destacamos também o merchandising da Igreja Universal do Reino de Deus realizado diariamente no programa. Durante aproximadamente sete minutos um bispo da IURD interage com o apresentador José Eduardo, faz orações, pregações e convida os telespectadores a visitarem o templo. O convite é endossado por José Eduardo para aqueles que desejarem uma mudança de vida. A relação do programa com a IURD também se deixa ver no quadro “Patrulha do Consumidor”, apresentado pelo Bispo e Deputado Federal Márcio Marinho (PRB). Desta maneira o *Balanço Geral* explicita a instituição a partir da qual orienta sua construção de mundo que é, assim, atravessada pelos interesses vinculados a uma organização religiosa. As fontes que são acionadas nas reportagens também configuram-se como dimensão para esta construção de mundo, conforme apontam as análises.

### **Estética da violência**

O *Balanço Geral*, enquanto programa jornalístico trabalha com marcas como autenticidade, verdade e vigilância social, e isso se deixa ver pela maneira como as notícias são apresentadas: reportagens, entre-

<sup>55</sup> No tópico sobre o *Bahia no Ar* fizemos uma discussão mais ampla sobre o tema.

vistas ao vivo, repórter no local dos acontecimentos, imagens exclusivas, cobertura de operações policiais e apresentação de suspeitos e foragidos, situações que expõem a imagem de presos antes de serem julgados ou condenados pela justiça, tendo ainda como agravante as entrevistas de cunho sensacionalista que exibem os presos, a maioria jovens negros, à execução pública, com um julgamento sumário.

“Mostra aí Júnior, ao vivo, a cara desses marginais, velhos conhecidos da polícia, com passagem pela delegacia e suspeitos de vários crimes” (BG 3/6/19), diz o repórter Marcelo Castro, durante a apresentação de presos em flagrante por tentativa de assalto a ônibus. Este tipo de cobertura é uma forte característica do programa e revela já aqui o vínculo com a polícia, principal instituição a que se relaciona. São entrevistados delegados, policiais, exibidas imagens de flagrantes registradas por câmeras de segurança, além da realização da cobertura de operações policiais. São variados os modos com que esta construção de mundo, baseada no medo da violência e no discurso policial, se apresenta, em aproximadamente 70% das matérias que têm como tema a violência, exatamente a editoria na qual os jovens negros são mais tematizados. No período analisado 64,70% das notícias sobre violência se relacionam diretamente às pessoas jovens.

Em 7 de junho, por exemplo, a equipe de reportagem entrou junto com a polícia numa operação realizada no Vale da Muriçoca, Bairro da Federação, em Salvador. O repórter Marcelo Castro, conhecido pelo bordão “É Tiro Zé!”, acompanha e narra cada lance e cada desdobramento da operação que resultou na prisão de quatro jovens com idade entre 18 e 29 anos e na apreensão de drogas, dinheiro e celulares. As imagens são exibidas já no off de abertura da matéria, enfatizando o trabalho da PM. Também são mostradas imagens de pessoas sendo revistadas pelo caminho, todas são jovens negros construídos na condição de suspeitos. O principal resultado da operação policial televisionada foi a prisão de “quatro ele-

mentos numa boca de fumo, enquanto a polícia procurava o chefe do tráfico”, que não foi encontrado. Após apreensão, os homens jovens foram devidamente exibidos no fundo da viatura para o registro cinematográfico da equipe de reportagem. A imagem foi exibida e comentada várias vezes ao longo do programa: “Aí estão três elementos que poderiam estar trabalhando, estudando, mas resolveram entrar no caminho das drogas. O final deles? Uma cela, trancada, mofada, fedendo 24 horas” (BG, 7/6/19), diz José Eduardo. É a imagem de uma ação policial construída como bem sucedida: policiais empunhando suas armas, mas sem mostrar o rosto, e quatro jovens negros acudados diante da polícia e da imprensa, identificados na reportagem como traficantes, sem sequer ter havido ainda a instalação do inquérito policial. Vitória da PM e vitória do Balanço Geral que proporcionou mais um flagrante para a sua audiência, constituída na relação com uma grande expectativa sobre a criminalidade.

Essa excessiva visualização da violência contemporânea pode ser compreendida como uma peculiaridade do que tem sido chamado de “estetização da violência” (ROCHA; SILVA, 2008), ou seja, um novo regime de ordenação visual e social “que nos informa do mundo através do ‘ouvir ver’, podendo configurar verdadeiras patologias audiovisuais, sádicos voyeurismos capazes de agregar prazer e desresponsabilização” (p.116). Segundo as pesquisadoras, esta visualização excessiva é tipicamente exibicionista e tem forte supervalorização e vinculação geracional com os jovens como uma suposta condição de protagonistas na prática de atos de violência, “com participação intensa e ostensiva de veículos da imprensa massiva brasileira” (ROCHA; SILVA, 2008, p. 114).

Deste modo, o novo regime de ordenação é constituído com a intensa recorrência à instituição policial, uma vez que diariamente no Balanço Geral, policiais civis, militares e membros do poder judiciário são as fontes mais recorridas pelo programa para comentar os crimes, evidenciando como a emissora se vincula no programa aos discursos de institu-

cionalidades do Estado, marcadamente as policiais, em detrimento das tensões provocadas por organizações da sociedade civil. Além disso, os repórteres demonstram uma proximidade na relação com os agentes, e estes por sua vez demonstram grande familiaridade diante das câmeras.

As informações jornalísticas levadas ao ar relatam prioritariamente a versão oficial dos agentes da segurança pública, e nas matérias que envolvem denúncia de violência policial, na maioria dos casos, o relato é a tradução pelo telejornal da posição da Polícia como resposta à ação de criminosos: “Segundo informações da Polícia, quatro armas foram apreendidas durante a operação e também drogas” (BG, 18/2/19)”, diz o repórter sobre a morte de quatro jovens em ação policial realizada no Cabula, em Salvador, em 18 de janeiro de 2019. A mídia brasileira é parte da construção social da segurança, está vinculada à instituição policial, o que contribui para uma cobertura enviesada em relação aos jovens, já que os jornalistas, em grande parte, utilizam a polícia como fonte exclusiva para o repasse de informações, conforme Ramos e Paiva (2007), na obra “Mídia e Violência”:

No Brasil, onde a imprensa vem exercendo o controle social sobre as forças de segurança, ocupando o papel que seria das ouvidorias e das corregedorias, a troca entre fonte policial e repórter ganha complexidade ainda maior. Até onde confiar no policial que passa costumeiramente informações? (p. 41).

Segundos os autores, esta incorporação do discurso policial no noticiário colabora para a construção de estereótipos sobre os jovens, pois, enquanto reproduz o discurso oficial, ao mesmo tempo, promove o silenciamento de outras vozes como as das famílias, de testemunhas, da comunidade e das organizações da sociedade civil. Na reportagem que mencionamos anteriormente sobre a morte de quatro jovens no Bairro do Cabula, em 18 de janeiro de 2019, nenhum familiar das vítimas foi ouvido e a posição da polícia encerra qualquer discussão sobre a identidade daqueles sujeitos apresentados como “bandidos”. O repórter chega a

mencionar a presença de parentes das vítimas no hospital, porém, além de não entrevistá-los reforça a perspectiva policial, produzindo o silenciamento do contraditório. Esta posição diverge daquela comum do programa de dar voz até aos suspeitos que são apreendidos como bandidos indicando que há, portanto, uma banalização da dor da família como justificativa para não dar voz ao outro lado, visível e manifesto.

Repórter: “Estão aqui na frente do hospital protestando, é normal, mas segundo informações da Polícia Militar os bandidos estavam armados”, justifica (BG, 18/1/19).

O comentário feito pelo repórter, ao dizer que “é normal”, desativa a validade da manifestação, a desconsidera lançando-a para a esfera do vínculo afetivo como dimensão sem valor humano. Com esta posição o programa exclui a voz dos familiares que podem oferecer outras versões. A interdição é, segundo o filósofo Michel Foucault (1979), um dos procedimentos de exclusão operada para o controle do discurso. Ao utilizar apenas depoimentos de policiais, as famílias são desautorizadas a falar, e ao negar o direito ao contraditório o Balanço Geral silencia e interdita outros discursos, privilegiando a hegemonia policial. Foucault (1979) resume a interdição com a seguinte frase: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um enfim, não pode falar de qualquer coisa” (p. 9).

Nos casos em que fontes ligadas às vítimas foram ouvidas, percebemos a operacionalização de um discurso para desqualificar o que estava sendo dito. Em uma reportagem sobre denúncia de violência policial, em Lauro de Freitas, em 21 de janeiro, por exemplo, a ação da polícia foi gravada por populares e mostra os excessos cometidos pelos policiais militares numa operação que resultou na morte de um jovem de 19 anos. Apesar da existência dessa materialidade exibida no telejornal, o discurso oficial da PM atravessa o noticiário e prevalece na narrativa. Na operação, foi morto Mateus Carneiro de Oliveira, acusado de tráfico de drogas e sua foto em

preto e branco foi exibida na TV. Um adolescente de 16 anos foi baleado e levado para o hospital, mas sua imagem não foi divulgada. A polícia não foi entrevistada, mas por meio de nota classificou a ação como “auto de resistência”<sup>56</sup>, versão confrontada pelas imagens e contestada por testemunhas. Apesar disso, o programa reafirma a voz da instituição a qual está vinculado ao fazer com que o discurso da PM prevaleça em detrimento das imagens:

José Eduardo: “Enfim, temos aí as imagens, mas a Polícia Militar já mandou a resposta” (BG, 21/1/19).

Em um programa de tamanha popularidade, em que grande parte de sua audiência convive com os problemas que são noticiados, o Balanço Geral apresenta a polícia como única solução para o estabelecimento da ordem e da justiça, indicando que o caminho para apaziguar a violência é o disciplinamento das populações periféricas, este pensamento social, aliás, está bastante presente nas políticas que estão sendo implementadas no país, na área de segurança, mais fortemente, desde o ano passado. Além disso, o programa se legitima na afirmação de estereótipos a partir do ponto de vista hegemônico, o que colabora para reforçar uma atitude e um sentimento de auto-desvalorização nos negros e negras, que se veem nas telas sempre associados a fatos negativos. É um espaço reprodutor da lógica racista em que “a mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, [...] que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele” (SODRÉ, 1999, p.243).

### **Vida passível de luto**

Os discursos com os quais o Balanço Geral se relaciona na construção de relatos noticiosos desse tipo operam, também, na definição de

<sup>56</sup> Termo utilizado em casos de morte e lesão corporal resultantes de confronto. A nomenclatura não pode mais ser utilizada nos boletins de ocorrência. A decisão foi publicada no Diário Oficial da União do dia 4 de janeiro de 2016, por meio da Resolução Conjunta nº 2, de 13 de outubro de 2015.

quem pode ser considerado jovem, ou não. Avançamos ainda mais para afirmar que existe por parte do programa uma seletividade que opera na diferenciação do que pode ser considerado humano e o que não é, qual a vida que é passível de luto, e qual não é (BUTLER, 2016).

Achille Mbembe (2018), em seu ensaio sobre a Necropolítica, insere essa discussão ao refletir sobre soberania. O autor sustenta que a soberania é a expressão máxima de poder e a capacidade de decisão sobre quais vidas merecem ser vividas e quais corpos são matáveis. “Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder” (MBEMBE, 2018, p. 123), ou seja, trata-se de definir quem importa e quem não importa para a lógica política vigente, ou nos termos de Judith Butler (2016) qual vida é descartável e qual não é.

Ao ponderar sobre o que é humano, Butler (2016) apresenta a ideia do humano como norma, o que faz supor que se existe o humano, também existe o inumano e isso é precedido por normas e práticas que as determina, ou seja, pelos esquemas de inteligibilidade que pré-existem às normas e enquadramentos sociais. A autora chega a dizer que “alguns humanos batam [a vida inteira] para garantir sua humanidade” (BUTLER, 2016, p. 117).

O tratamento dispensado à maioria dos jovens negros no programa permite uma análise a partir desta perspectiva de Butler (2016). Na matéria sobre a morte de quatro jovens numa operação policial no Cabula, em 18 de fevereiro, por exemplo, é muito evidente a posição do programa, desde a reportagem que apresenta apenas a versão policial, a interdição do direito à fala para os familiares, até o comentário do apresentador José Eduardo, que naturaliza completamente a morte dos jovens: “Olha só, quatro... quatro jovens meteram bala na polícia e receberam bala também”. E concluiu, elogiando o trabalho da PM sem manifestar nenhuma consternação sequer com a família e amigos dos jovens alvejados de bala:

José Eduardo: “Eu sempre digo que a nossa polícia é a mais preparada e a mais forte de todo país. Resposta



dada” (BC, 21/1/19), disse em tomo celebrativo, tendo ao fundo a imagem dos jovens assassinados.

Percebemos novamente aqui uma supervalorização da Polícia baiana e a abordagem da violência como uma ação de causa e consequência. Não é preciso dar outras explicações para essas mortes, que são naturalizadas e justificadas como consequência do ato infrator. Esse tipo de morte é anunciado diariamente pelo Balanço Geral sem maiores detalhes, como parte de um necropoder que atua na produção de uma racionalidade que faz parte da construção das relações na contemporaneidade e este processo violento tornou-se naturalizado, pois tem origem numa matriz cultural racista que faz com que a vida de determinados sujeitos seja desprovida de qualquer valor (MBMEBE, 2018).

O comentário de José Eduardo e as práticas do Balanço Geral expõem, portanto, uma marca relevante do programa sobre o que pensa sobre a humanidade desses sujeitos, a partir da operação de uma seletividade capaz de definir o que é capaz de gerar luto ou não (BUTLER, 2006). Não podemos ignorar que essas vidas não lamentadas habitam corpos que carregam marcas bastante comuns entre si. Segundo Butler, o corpo é o veículo da vida, de modo que não é possível discutir essa vida sem pensar neste lugar onde a vida se processa, ou ainda nos termos de Martín-Barbero (2014b), podemos compreender o corpo como “o lugar onde o sujeito habita, a nossa forma de acesso ao mundo” (p. 37).

As imagens dos jovens mortos em operação policial na Estrada das Barreiras no Cabula (18/1/19); do jovem morto na operação policial no campo de futebol (21/1/19); do vigilante morto a caminho do trabalho (17/1/19) ou do jovem homossexual assassinado com requintes de crueldades (5/7/19) não deixam dúvidas quanto à origem desses corpos e endossam as estatísticas da violência<sup>57</sup>.

<sup>57</sup> Segundo o Atlas da Violência 2018 a Bahia está entre os cinco estados em que os jovens do sexo masculino mais morrem – houve um crescimento em torno de 20% entre 2015 e 2016. 218,4 jovens do sexo masculino mortos para cada 100 mil habitantes.

São jovens, negros, do sexo masculino, moradores da periferia. Segundo Butler (2016), o corpo já nasce com uma significação social e isso justifica a ausência de luto. Estes corpos já nasceram condenados pela sua condição racial. Segundo Muniz Sodré (2009), as representações negativas dos negros são registradas desde o século XIX quando "o africano e seus descendentes eram conotados" (1999, p. 244), nos setores dominantes "como seres fora da imagem ideal do trabalhador livre, ou motivos eurocentrados". Para o pesquisador, na atualidade, esta lógica racista pode ser reproduzida através do "discurso mediático-popularesco".

Os diversos enunciados operam para designar aquelas que devem ser consideradas vidas humanas e também para qualificar o que pode ser jovem e o que não é. Nas matérias que envolvem criminalidade, esses sujeitos raramente são discursivizados como jovens, pois são construídos a partir de qualificativos como homens, bandidos, ladrões, covardes, raramente como jovens. Em alguns casos, chega-se ao ponto de corrigir o termo utilizado:

Repórter Marcelo Castro: "Nós temos aí nas imagens as fotos dos rapazes", mas, rapidamente a identificação é retificada: "aliás, dos bandidos" (BC, 18/1/19).

Os adolescentes acusados de envolvimento em crimes têm sua condição juvenil mais explícita e inegável, porém, muitas vezes são denominados de "menores"<sup>58</sup>, em detrimento do termo adolescente<sup>59</sup>. É o que

---

<sup>58</sup> O termo menor é comumente utilizado para se referir a crianças ou adolescentes abandonados ou delinquentes e está associado a uma concepção menorista que gerou uma série de mecanismos principalmente punitivos, pois não se tinha reconhecido a infância como uma etapa da fase humana. O termo "menor infrator" ainda é comumente utilizado para se referir a crianças e adolescentes que cometam alguma ilegalidade, porém, seu uso é inadequado, pois desde 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), se instituiu no direito brasileiro a expressão 'a criança e o adolescente' enquanto sujeito de direitos. Esse marco rompe, juridicamente, com a concepção do "menor" para inaugurar o tempo da promoção e proteção integral e absoluta da infância (ANJOS; REBOUÇAS, 2018).

<sup>59</sup> No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

acontece durante uma entrevista sobre prisão de traficantes o delegado responsável corrige a expressão utilizada: “O menor, aliás, o adolescente em conflito com a lei penal” (BG, 22/1/19). Como foi destacado antes, o termo é considerado inadequado desde a efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Por outro lado, os termos “jovem” ou “adolescente” são utilizados como forma de qualificar os sujeitos. Seu uso é realizado para se referir à vítimas de violência ou em pautas que de algum modo tentam positivar a condição juvenil, como na história de Elias, exibida em 18 de janeiro, um jovem (branco) de 16 anos, que desde os nove anos vende salgados nas ruas de Salvador. A narrativa preza por tom emocional com uso de trilha sonora, planos abertos para mostrar a realidade da casa e apelo às memórias.

Entrevistado: “Eu só tinha duas opções: trabalhar ou trabalhar. Tinha que escolher: ou tinha alguma coisa pra comer ou se conformar e ficar naquilo mesmo sem procurar uma melhora, sem correr atrás, que é o que a pessoa tem fazer independente da idade” (BG, 18/1/19).

Nesta matéria, a idade do personagem é mencionada repetidas vezes acompanhadas de termos como “garoto”, “menino”, “adolescente”, “jovem”, com o mérito de ter começado a trabalhar ainda criança, aos nove anos. O programa romantiza a necessidade de o adolescente começar a trabalhar na infância. Não é realizada nenhuma discussão sobre os direitos desse sujeito, sobre o mercado de trabalho para a juventude baiana<sup>60</sup>, ou ainda sobre o trabalho infantil. O Balanço Geral desconsidera que no Brasil, segundo a constituição, é proibido qualquer trabalho para menores

<sup>60</sup> Dados do IBGE divulgados no segundo trimestre de 2018: 32% dos desempregados têm entre 18 e 24 anos, o que corresponde a um contingente de 4,1 milhões de jovens. Este número é superado apenas pelos trabalhadores com idade entre 25 e 39 anos, que correspondem a 34,6% do total de desempregados – cerca de 4,5 milhões. Estes dois grupos etários respondem por 67% dos desempregados no país.

de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz<sup>61</sup>. A necessidade que leva uma criança ao mundo do trabalho é observada como ausência do Estado, bem como de toda a sociedade que tem a obrigação de defender os direitos de crianças e adolescentes, conforme o Artigo 4º do ECA.

Durante a matéria em questão, nenhuma instituição foi ouvida sobre o assunto, nenhuma ponderação foi realizada. A preocupação está muito mais na dimensão da vida adulta: “A responsabilidade chegou mais cedo, mas é o que te prepara para o futuro”, diz o jovem. Este tipo de conteúdo aponta a existência, na sociedade brasileira, de uma matriz cultural que defende o trabalho infantil como forma de profissionalização ou de formação do caráter. A forma naturalizada com que o assunto foi tratado pode ser considerada parte de uma disputa de sentidos com a própria legislação existente. Ademais, tal postura desativa a condição de preparação para o mundo futuro, principal paradigma quando se trata de abordagens sobre o mundo do trabalho, e torna o futuro trabalhador um presente, roubando a condição de adolescência e juventude, desconstruindo a sua existência para esta parcela da população.

## **BA Record**

O BA Record é um telejornal exibido das 19h20 às 19h50, de segunda a sexta-feira, na Record TV Itapoan. Dos programas da emissora aqui analisados é o de menor duração, com apenas 30 minutos, dividido em três blocos e apresentado pela jornalista Laís Cavalcante. Sua exibição ocorre entre o programa Cidade Alerta Bahia<sup>62</sup> e uma novela da Record TV. Nesta pesquisa foram analisadas 20 edições, com tempo total de 10 horas de no-

<sup>61</sup> Art. 6º do estatuto da Criança e do Adolescente. Após a Emenda Constitucional 98, ficou estabelecida a proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos. O ECA não incorporou a alteração, mas a Constituição Federal, que está no topo da hierarquia da leis, é o que prevalece.

<sup>62</sup> O Cidade Alerta é um programa jornalístico policial da RecordTV. A versão baiana é apresentada por Adelson Carvalho.

ticiário, nos meses de junho, julho, agosto, setembro<sup>63</sup>. Durante o período foram exibidas 163 notícias, entre reportagens, entrevistas, notas e ao vivo.

**Quadro 4** – Notícias BA Record.

<b>Educação/ Mundo do Trabalho</b>	Violência	Entreteni- mento	Esporte	Tempo e Trânsito	Saúde	Economia	Outros	Total
<b>8</b>	41	2	6	12	27	16	51	163

**Fonte:** Autorial (2019).

Em relação aos demais telejornais da emissora, aqui analisados, o BA Record tem formato e estilo de apresentação distintos. Sua estrutura é mais próxima de marcas que são culturalmente reconhecidas como as de um telejornal. Bancada, escalada, apresentação mais formal, organização em editorias e menor incidência de reportagens sobre criminalidade, em relação aos demais telejornais analisados da emissora. A apresentadora tem postura formal, gestos comedidos, apesar de em alguns momentos caminhar pelo cenário. Raramente faz algum tipo de comentário que deixe explícito seu ponto de vista, o que confere maior apelo de objetividade às informações.

Apesar da presença de uma grande bancada no centro do estúdio, o programa é apresentado de pé, porém, na maior parte do tempo a apresentadora Laís Cavalcante posiciona-se atrás da bancada, num enquadramento clássico do telejornalismo, com prevalência do plano americano, que oferece uma ideia de “distanciamento e formalidade entre as partes do diálogo de modo a demarcar autoridade do mediador em relação ao enunciado” (GUTMANN, 2012, p.243).

<sup>63</sup> Inicialmente o telejornal não fazia parte do corpus, pois havia uma definição da pesquisa contemplar os dois jornais de maior audiência de cada emissora, com o avanço da pesquisa e com a metodologia empregada exigiu-se uma análise mais ampliada com os principais telejornais de cada emissora. Por esta razão há um descompasso temporal em relação aos demais telejornais. Por não se tratar de uma análise comparativa entendemos que isto não causa prejuízo ao objetivo da pesquisa.

A relação com a Igreja Universal do Reino de Deus é bem presente, principalmente na cobertura de trabalhos sociais realizados pela instituição. Durante o período que compreende o corpus deste trabalho foi realizada a cobertura do filme sobre a vida do Bispo Edir Macedo, com matérias sobre as filas nos cinemas, a exibição em presídios e o projeto cinema itinerante que levou o filme aos bairros.

Em relação aos demais programas da emissora aqui analisados, o telejornal apresenta matérias mais elaboradas com uso de gráficos, entrevistas com especialistas, principalmente das áreas de economia e saúde, que são quadros fixos do noticiário. Uma das matérias de saúde abordou sobre a depressão de modo geral e um pequeno ponto de atenção referente às crianças e adolescentes, segundo a reportagem a doença atinge “12% de crianças e 19% de adolescentes” (BA RECORD, 3/9/19). A principal fonte ouvida foi um médico psiquiatra, que abordou os principais sintomas, o tratamento e acompanhamento, alertando os pais: “Esses jovens precisam principalmente do apoio e compreensão das famílias” (BA RECORD, 3/9/19). O quadro de economia, em uma das edições abordou o aumento da energia elétrica e mostrou o conflito entre uma avó e seu neto para redução do consumo (BA RECORD, 1/7/19), com a construção da ideia de uma necessidade de controle sobre o jovem. A maioria das dicas do especialista, que participou da reportagem, aponta para o aumento do consumo no período de férias em que, segundo a avó, o neto Alexandre passa horas jogando videogame, além de tomar banhos demorados. O esporte, assunto que geralmente encerra o telejornal, sempre destaca os times do Bahia e do Vitória, mas em uma das edições noticiou a vitória da nadadora baiana Ana Marcela e de dois boxeadores baianos durante os Jogos Pan-Americanos. O destaque à condição de serem jovens aparece na referência à idade, mas o maior apelo da reportagem é à naturalidade baiana:

Uma conquista que faz a baiana Beatriz Ferreira de 26 anos ser lembrada para sempre [...] o conterrâneo Hebert Conceição, 19 anos, disputou a final, mas perdeu para o cubano (BA RECORD, 5/7/19).

## **Violência reelaborada no horário nobre**

Apesar de abordagem diferenciada e incidência menor, em relação aos demais telejornais da emissora aqui analisados, as notícias da categoria violência estão presentes no BA Record, como 25,15% do noticiário. Ocorre que a maioria das matérias sobre este assunto são reexibições de notícias exibidas nos telejornais locais anteriores, que passaram por uma edição para adequação à linha editorial do programa ou são apresentadas por meio de nota coberta em um quadro fixo denominado “Giro de Notícias”, um resumo em forma de boletim em que são exibidas apenas imagens da reportagem, off da apresentadora e legenda. Das notícias exibidas neste quadro, 53,65% relacionaram violência e juventude. Há de se ressaltar também uma ênfase à condição etária dos sujeitos, seja na condição de vítima (38,46%) ou acusado (61,53%).

Apresentadora: “Caique Santos Moraes de 22 anos e 2 adolescentes foram presos” (BA RECORD, 1/7/19)

Legenda: “Jovem assassinado dentro de casa, em Tancredo Neves, recebeu 50 tiros” (BA, RECORD, 4/9/19).

Apresentadora: “Foi enterrado hoje jovem de 28 anos que aguardava vaga na regulação” (BA RECORD, 4/6/19).

Apresentadora: “Taxista é preso suspeito por aliciamento de adolescente” (BA RECORD, 4/6/19).

Apresentadora: “Já está preso o jovem de 22 anos suspeito de matar os pais em Camaçari” (BA RECORD, 2/7/19).

Legenda: “Homem de 21 anos mata o sogro em Camaçari” (BA RECORD, 5/7/19).

São sujeitos negros que são constituídos como perigosos diante das câmeras, na condição de foragidos ou apresentados como conquistas ou troféus de operações construídas como bem sucedidas, em delegacias, como no dia 5/7/19, em um breve ao vivo, no qual foi apresentado um jovem de 21 anos algemado, ao lado de policiais armados e encapuzados, acusado de matar o sogro na cidade de Camaçari.

O que nos faz pensar que apesar de resguardar certo distanciamento em relação às abordagens dos demais telejornais, o BA Record se mantém dentro da mesma lógica da “estetização da violência” (ROCHA; SILVA, 2008), que naturaliza estereótipos que reforçam a violência, conforme Muniz Sodré (2006).

Por outro lado, em face da banalização operada pelas simulações contemporâneas da realidade histórica, a exemplo da mídia, a violência vai perdendo o seu caráter de excepcionalidade, isto que sempre solicitou o seu controle e a sua ritualização pela sociedade antiga. Seu conceito torna-se impreciso, já não se distinguem tão claramente os seus contornos e desaparecem os meios de se aquilatar o fenômeno. Quando não se sente, nem se sabe mais exatamente o que é violência, fica em seu lugar o ódio, - tão visível na indiferença predatória das elites quanto na crueldade física dos atos de agressão anômicos (p. 106-107).

Desta maneira, ocorrem dois processos de naturalização, sendo o primeiro aquele que torna a violência corriqueira, banal, enquanto o segundo torna também banal estarem sempre retratados os corpos negros. Com Sodré (2006), acreditamos que esta naturalização faz com que a violência se torne ordinária e as pessoas se tornem insensíveis em relação aos problemas históricos, políticos e conjunturais que causam tais injustiças constituídas pelo racismo estrutural.

A perspectiva “juventude como etapa problemática” (ABRAMO 2005) também foi apresentada em reportagem sobre número de jovens



mortos em acidente de trânsito. Entre as principais causas apontadas pela matéria para a incidência maior de acidentes nessa faixa etária são apontados a inexperiência, o abuso de velocidade, o uso de álcool e outras drogas. O discurso de irresponsabilidade relacionado aos jovens é ilustrado por imagens de vários acidentes e é reforçado pelos enunciados da apresentadora, repórter, especialistas e pelos próprios jovens entrevistados:

Entrevistado 1: “Os jovens dessa idade sempre vão pra festa e utilizam bebida alcoólica. Esse é um dos principais motivos dos acidentes” (BA RECORD, 5/7/19).

Entrevistado 2: “É comum fazer várias coisas pra chamar atenção, mas isso não é correto” (BA RECORD, 5/7/19).

Na passagem, a repórter Juliana Amaral apresentou dados do DP-VAT, segundo o qual “jovens de 18 a 34 anos são os mais indenizados”. A reportagem de 5 de julho de 2019 entrevistou Antônio Meira, da Associação de Medicina de Tráfego, que enfatizou ainda, os prejuízos causados a rede pública de saúde por sobrecarregar o sistema. “A gente conta com a responsabilidade dos jovens” (BA RECORD, 5/7/19), concluiu a apresentadora reforçando a ideia do jovem como problemático, irresponsável.

### **Adultos do amanhã**

Outra perspectiva presente é a da “juventude como sujeito em preparação” (ABRAMO, 2005). Esta abordagem é trabalhada com frequência principalmente nos temas ligados à educação, assunto que aparece seja na divulgação de oportunidades de curso ou na cobertura de eventos promovidos pelas esferas governamentais. É exibido como: Vagas em curso do Senac, em 5/7/19; abertura das inscrições do Sisu, em 4/6/19; voltas às aulas após recesso, em 1/7/19; lançamento de projeto do Governo do Estado, em 2/9/19; e do Projeto Futuro Melhor realizado pelo Ministério Público, exibido em 4/9/19.

É interessante que em todos esses casos há uma identificação da juventude como futuro ou em um desdobramento de um problema atual com potencial de mudança. Em 4 de setembro, o noticiário exibiu reportagem sobre a assinatura de um termo de cooperação entre Ministério Público e entidades sociais que visam a oferecer qualificação profissional a adolescentes em situação de vulnerabilidade social. “São jovens que já cumpriram medidas sócio-educativas ou que estão em abrigos e ainda não foram adotados, com essa iniciativa eles terão chance de se profissionalizar e buscar um futuro melhor” (BA RECORD, 4/9/19), diz apresentadora na cabeça da matéria. A imagem que abre o VT é de uma reunião, um espaço burocrático onde estão sendo discutidos projetos que “contribuam para o futuro” dos jovens, mas sem nenhum jovem presente. A proposta do Ministério Público é que instituições parceiras ofereçam programas de aprendizagem, estágio e curso de qualificação e de exercício da cidadania. Na matéria as imagens de jovens só aparecem quando a reportagem mostra uma das entidades envolvidas, o Projeto Axé, após passagem da repórter em frente ao prédio do Ministério Público, quando são exibidos jovens negros numa sala de dança. Entre eles, está Milena de 21 anos que fala sobre o impacto do projeto social em sua vida por meio da arte: “quero chegar lá fora e mostrar o que aprendi. Os conhecimentos que os mestres do projeto me deram”.

Na matéria, os jovens não são tratados como sujeitos de direitos, a abordagem que poderia está inserida no paradigma “juventude cidadã”, parte de uma ideia de “incompletude e desvio” (ABRAMO, 2005, p. 22). Este tipo de abordagem, segundo Daniela Matos (2018), é bastante acionada por discursos políticos e midiáticos, quando estão em foco os jovens das classes populares, considerados em situação de vulnerabilidade social. Abordagens como essa, segundo a pesquisadora, podem reunir dois tipos de concepções:

Ao propor a inclusão de jovens no mundo do trabalho como estratégia de combate à violência e à criminalidade – discurso bastante comum em instituições sociais – estão em diálogo as concepções juventude como vetor de desenvolvimento e juventude como problema social (MATOS, 2018, p. 47).

Em outras duas matérias ligadas à educação também foram noticiados projetos que visavam contribuir com os “adultos de amanhã” (FREIRE FILHO, 2008, p. 91). Uma foi a reportagem sobre a Base Nacional Comum Curricular (BA RECORD, 3/7/19), que prevê que os estudantes do ensino médio passarão mais tempo em sala de aula, com o aumento da carga horária de 800 para 1000 horas. Os estudantes ouvidos concordaram com a proposta. A matéria também abordou sobre o baixo desempenho dos estudantes da Bahia e ouviu o Sindicato dos Professores que defende a contratação de mais profissionais para que a medida seja implementada. No dia 2 setembro, em mais uma reportagem sobre educação foi feita a cobertura do Projeto Mais Estudo, do Governo do Estado, em que estudantes com bom desempenho em português e matemática serão selecionados como monitores remunerados para auxiliarem outros estudantes: “Um verdadeiro batalhão de jovens educadores na escola”, disse o Governador em entrevista.

A educação voltou a ser assunto no dia 3 de setembro, mas desta vez envolvendo um acidente que deixou 17 pessoas feridas. Estudantes entre 15 e 17 anos estavam sendo transportados para escola no que ficou conhecido como pau de arara<sup>64</sup>, na cidade de Camamu, interior do estado. A reportagem apresentou a realidade e as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes para terem garantido o direito à educação. “Esse é o único transporte que tem para estudar”, diz o pai de uma das vítimas.

Este exemplo demonstra a complexidade da cultura juvenil, suas contradições, desordens, antagonismos, que não é tomada como referên-

<sup>64</sup> Meio de transporte irregular. Consiste em caminhões adaptados para transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais.

cia na construção do jovem neste telejornal. A pauta se difere das reportagens sobre as experiências vivenciadas pela juventude urbana, seja a criminalidade ou a inclusão por meio da arte, e nos coloca diante de outra realidade de questões básicas para o acesso à escola, que é vivenciada por outras pessoas também jovens. Significa dizer que:

Os jovens constituem uma parte essencial dessa cultura fragmentada, parcelada, mas também múltipla e plurivocalizada. Sua participação se define pelo consumo simbólico como fabricação de sentidos atravessados por fluxos vinculados à economia, à política e ao imaginário (ROCHA & SILVA, 2008, p. 126).

São traços do processo de desigualdade social pelo qual os jovens e a própria sociedade são estruturados. Martín-Babero (2008) nos ajuda a pensar, por exemplo, como este processo de desigualdade também se manifesta em relação às novas tecnologias da comunicação. Para o autor, neutralizar as possibilidades de conexão e inclusão que a tecnologia digital implica faz dela um meio de agravamento dos problemas sociais. “Não é a tecnologia, porém, que cria a desigualdade: a tecnologia reforça a exclusão que a própria sociedade gera em suas relações, que agem no sentido de manter o poder e saber concentrados e de reproduzir a submissão” (p. 24).

A reportagem sobre o resultado da pesquisa Comitê Gestor da Internet no Brasil, veiculada no Bahia no Ar, em 3/9/19, sobre o acesso à internet mostrou que o celular se tornou o principal meio de comunicação para as classes D e E. Se por um lado isso indica a “inclusão digital” de uma parcela da sociedade por meio do consumo, outro dado indica que “85% dos usuários acessam a internet exclusivamente pelo celular”, ou seja, persiste ainda um processo de exclusão no acesso a computadores e equipamentos baseados nas novas tecnologias. A matéria realizada em um shopping de Salvador abordou a importância do celular na vida das

peças jovens. Durante o off foram exibidas imagens de vários jovens portando o aparelho em diversas situações.

A construção feita pela reportagem mostrou uma relação afetiva e de dependência tecnológica dos jovens. A especialista ouvida na matéria alertou sobre os riscos do excesso de internet. A maioria dos entrevistados mencionou que o dispositivo se confunde com a própria vida, utilizado como entretenimento e como trabalho. “É um órgão, esqueço a cabeça, mas o celular não” (BA RECORD, 3/9/19). Esta relação com o celular demonstra como as tecnologias tornam-se uma extensão do corpo humano, que muito além da mera função utilitária, são sistemas de comunicação, atuando em novas formas de sociabilidade (MARTÍN-BARBERO, 2008).

A partir das análises aqui apresentadas concluímos que o BA Record é o telejornal com marcas mais formais da Record TV Itapoan, um modo que o diferencia dos demais telejornais da emissora aqui analisados. A noção de gênero enquanto estratégia de comunicabilidade e interação é fundamental aqui para compreendermos a existência de uma espécie de pacto que situa o espectador em relação ao noticiário da noite. No horário considerado nobre, a emissora busca conferir uma ideia de credibilidade, abrindo mão das características do subgênero jornal policial para se firmar enquanto telejornalismo, fazendo com que haja uma diminuição das matérias sobre juventude em relação aos outros telejornais da TV Itapoan. Já entre o Bahia no Ar e o Balanço Geral percebemos uma maior proximidade na constituição dos telejornais e no modo como os jovens são discursivizados, principalmente na ênfase à criminalidade. Todavia é coerente apontar que há um maior destaque desta pauta no Balanço Geral, onde a juventude negra é criminalizada e as fontes ligadas à segurança pública são as principais vozes. O modo com que o Balanço Geral se constitui se volta para atender a uma lógica muito próxima da dinâmica do programa policial o que também é favorecido pelo seu horário de exi-

bição, que permite uma organização das lógicas produtivas para atender à ênfase criminalizadora da juventude negra.

## TV Bahia: vigilância e mediação do popular

A TV Bahia, emissora afiliada da Rede Globo sediada em Salvador, é o núcleo da Rede Bahia de Televisão e cobre 138<sup>65</sup> dos 406 municípios alcançados pela rede, considerando o total de 417 municípios no estado, onde vivem mais de 6 milhões de pessoas. Além da TV Bahia, a rede ainda conta com cinco afiliadas: TV Oeste (Barreiras), TV Santa Cruz (Itabuna), TV São Francisco (Juazeiro), TV Subaé (Feira de Santana) e TV Sudoeste (Vitória da Conquista). A Rede Bahia também é proprietária do jornal impresso Correio\*, antigo Correio da Bahia, além de emissoras de rádio e portais de internet.

**Figura 3** - Atlas de cobertura da Rede Bahia e de suas afiliadas.



**Fonte:** Negócios Globo <sup>66</sup>.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/estados.aspx?UF=BA>.

<sup>66</sup> Disponível em: <http://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Estados.aspx?uf=BA>.

A Rede Bahia foi fundada por Antônio Carlos Magalhães (ACM), político que emergiu como uma figura proeminente nos anos de 1970, quando seus negócios ainda se concentravam no ramo imobiliário, com a construtora Santa Helena. A entrada da família Magalhães no ramo da comunicação se deu em 1978, com a criação do Jornal Correio da Bahia (ROCHA; AGUIAR, 2018).

A posição privilegiada de ACM como Ministro das Comunicações do governo Sarney (1985-1990) lhe permitiu usar o controle das concessões de radiodifusão ao seu favor, e em curto espaço de tempo atuou para a criação e expansão da Rede Bahia. Primeiro com a concessão da TV Bahia para Salvador, em 1985. Em seguida, foram implantadas a TV Subaé, em Feira de Santana, e a TV Santa Cruz, em Itabuna, em 1988. A TV Sudoeste, em Vitória da Conquista, e TV São Francisco, em Juazeiro, foram instaladas em 1990 e, por fim, a TV Oeste, em Barreiras, foi criada em 1991. O controle das concessões ajudou ACM a construir alianças políticas tanto na Bahia quanto no Brasil que lhe fossem vantajosas. Jamais houve revisão ou revogação dessas concessões (HERMANN, 2016).

Lobato (1995), por sua vez, aponta que as circunstâncias suspeitas em que foi realizada a concessão da TV Bahia levaram à instalação de uma CPI para apurar o caso. O levantamento realizado mostrou que a maioria das concessões de rádio na Bahia foi destinada a prefeitos, vereadores, deputados e cabos eleitorais de ACM na época, contudo a CPI não seguiu em frente. Segundo Herrmann (2016) a Rede Bahia e suas mídias serviam de plataforma para os interesses políticos de ACM – apoiando as figuras ligadas a ele e seu partido e antagonizando ou desmoralizando aqueles que fossem seus opositores. Com a morte de ACM em 2007 e a ascensão do petista Jaques Wagner, houve uma reconfiguração nas relações próximas entre o conglomerado e o poder político (ROCHA; AGUIAR, 2008).

Assim, a partir de 2007 a Rede passou a se concentrar mais no seu projeto comercial e a assimilar o



modelo de mídia da Rede Globo, oferecendo pouca cobertura ou análise aos problemas locais, ao passo em que as rádios e o jornal *Correio* foram reformulados a fim de atender à linha editorial da família Magalhães (2008, p. 5).

Todavia, as sucessivas derrotas de audiência<sup>67</sup> têm feito a emissora se reposicionar, investindo cada vez mais na programação local e na reformulação de sua linha editorial. Inicialmente essas mudanças não compunham nosso escopo de interesse, o que ocorreu a partir da maior proximidade com o material empírico, já que parte das mudanças ocorridas na emissora foram realizadas durante a elaboração deste trabalho.

A reestruturação vem acontecendo desde 2018, com mudanças na linha editorial, contratação de novos profissionais, criação de novo pacote gráfico e novas vinhetas, estreia de programas, maior interatividade com o público através de hashtags exclusivas e demissão de funcionários, em maio de 2019 foram 120 demissões.

Durante o período de coleta, junho e julho, a emissora promoveu novas mudanças, desta vez no aspecto visual dos telejornais com a reforma dos cenários e estúdios da emissora. Com as mudanças todos os telejornais ganharam um novo visual, com a inserção de componentes que remetem ao estado através de detalhes, cores e símbolos que caracterizam a cultura local, como as praias de Salvador e as fitinhavvs do Senhor do Bonfim. São usadas exatamente fitas onduladas que mudam de cor para indicar programas diferentes: amarelo para o *Jornal da Manhã*, laranja para o *Bahia Meio Dia* e azul para o *BA TV*. Todos os jornais mantêm a mesma identidade ao compartilhar o mesmo cenário, porém com detalhes específicos que caracterizam e identificam cada um. A estreia dos cenários marcou mais um passo do que a Rede Bahia chamou de “redese-

<sup>67</sup> Na Bahia, telejornal popular da Record dá o dobro de audiência da Globo. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/na-bahia-telejornal-popular-da-record-da-o-dobro-de-audiencia-da-globo/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

nho de portfólio” para adaptar-se *aos novos tempos* “se alinhando mais com a dinâmica do setor e dos consumidores<sup>68</sup>”.

Ainda com relação ao cenário dos telejornais, aparece ao fundo uma grande tela retangular nas quais são projetadas as matérias exibidas durante o programa, e duas telas menores ao lado das quais os apresentadores interagem com os telespectadores por meio das hashtags, com as equipes de reportagem, com as notícias do esporte. Há interação também com a redação do G1 Bahia e destaque para as notícias mais acessadas do Portal. Além disso, foram criados totens temáticos para interação com os programas, através do uso de imagens e vídeos, que proporcionam ao cenário um ar de atualização tecnológica.

Outro ponto interessante no cenário é a ausência da bancada, principal elemento cênico, na maioria dos telejornais, que agora são apresentados de pé, para permitir maior poder de expressão do corpo diante das câmeras, com mais mobilidade no cenário e maiores possibilidades de enquadramento. Fora os elementos físicos que compõem o cenário, há no canto superior esquerdo um pequeno caractere em que aparecem escritas as hashtags de cada noticiário: #TamoJuntoBMD, #VcNoJM. Na parte inferior aparece de forma centralizada um GC com a logomarca do telejornal, o horário, a temperatura nas cidades e uma inscrição com o título das matérias, geralmente textos curtos com linguagem bastante coloquial, em muitos casos são usadas gírias baianas. Por fim na parte inferior do canto direito do vídeo aparece o logotipo da emissora baiana, constituída ali como uma referência de credibilidade do conteúdo.

Estes aspectos que destacamos são comuns à linguagem dos noticiários, no entanto faremos maior destaque na análise específica de cada

---

<sup>68</sup> Por meio de nota à imprensa, em 2 de maio de 2019, a Rede Bahia afirmou que “está realizando um redesenho no seu portfólio de produtos e na governança das suas empresas” e que “o grupo tem investido na modernização dos processos de trabalho, evoluindo no uso de tecnologias avançadas, o que vem permitindo aumentar a produtividade e manter a segurança operacional”..

programa quando os elementos comuns ganham maior relevo e importância para a análise de cada telejornal.

## **Jornal da Manhã**

Sob o Comando dos jornalistas Ricardo Ishmael e Thaïc Carvalho, o Jornal da Manhã é exibido de segunda a sexta-feira. Desde 21 de janeiro de 2019, o matinal fica mais tempo no ar<sup>69</sup>, das 6h às 8h, já que a programação nacional da TV Globo cedeu meia hora do Bom dia Brasil<sup>70</sup>. O noticiário é organizado em três blocos, os dois primeiros são relativamente curtos, tendo em média 5 minutos, já no terceiro e último bloco o programa segue durante uma hora e quarenta minutos sem intervalo. São raras as reportagens gravadas porque o programa é permeado de links “ao vivo”, das ruas de Salvador. As pautas principais são os problemas urbanos, o trânsito, a previsão do tempo e a rotina da cidade com quadros como “Minha Vida no Buzú” e “Partiu Escola”. Há um forte tom de prestação de serviço com notícias sobre vagas de emprego, saúde, educação, direito do consumidor.

No quadro abaixo apresentamos um panorama das notícias com maior regularidade no telejornal, no período pesquisado, a fim de apontar os assuntos priorizados pelo Jornal da Manhã. No campo “educação e mundo do trabalho” estão relacionadas as notícias sobre vagas de emprego, cursos profissionalizantes, estágios, projetos na área da educação. Em “violência” estão anotadas todas as notícias ligadas à segurança pública. No campo “entretenimento” foram contabilizadas as notícias da cena mu-

<sup>69</sup> Jornal da Manhã ganha trinta minutos a mais de duração e novos quadros: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jornal-da-manha-ganha-trinta-minutos-a-mais-de-duracao-e-novos-quadros/>.

<sup>70</sup> É interessante registrar que essa demanda para que o telejornal local das afiliadas começasse mais cedo tem relação com o crescimento do telejornalismo do SBT que passou a começar às 5h capturando o telespectador no início do fluxo. Frente a essa situação, a Globo lançou o telejornal Hora 1, veiculado das 4h às 6h, e ampliou o horário dos telejornais locais. O perfil do concorrente com apelo mais popular empurrou a Globo para ajuste de seu perfil editorial.

sical baiana. Em “esporte”, as notícias do futebol. Em “tempo e trânsito” as notícias sobre previsão do tempo, transporte e trânsito, em Salvador. Em “saúde” todas as notícias que tratam expressamente sobre o tema, sejam orientações de especialistas ou sobre atendimentos, regulação, etc. No campo “cidadania/bem estar social” contabilizamos todas as notícias que fazem referência a direitos do consumidor, dicas de economia, orientações jurídicas, informações da justiça eleitoral. No quadro “outros” foram catalogadas notícias sobre agricultura, problemas nos bairros, denúncias de moradores, entrevistas, dentre outras<sup>71</sup>.

**Quadro 5** - Notícias Jornal da Manhã.

Educação/ Mundo do Trabalho	Violência	Entreteni- mento	Esporte	Tempo e Trânsito	Saúde	Cidadania / Bem Estar Social	Outros	Total
27	37	56	59	58	28	28	87	380

**Fonte:** Autoral (2019).

O telejornal tem um clima familiar, os apresentadores e repórteres se tratam por apelido. Os telespectadores são chamados de “Família JM” e interagem enviando mensagens de texto e fotos. Os apresentadores recebem homenagens no dia do aniversário, com mensagens de familiares e amigos, e a gravidez da apresentadora Thaic Carvalho foi acompanhada mês a mês com direito a despedida para o parto e reportagem do nascimento de sua filha.

Há por parte do telejornal uma evidente tentativa de proximidade com sua audiência e de uma identificação maior do telespectador a partir da postura, da linguagem, do conteúdo, de uma nova performance para fortalecer os efeitos de proximidade. Há uma busca de popularidade na disputa pela audiência com o objetivo de oferecer modos de interlocução

<sup>71</sup> A descrição das editorias se aplica a todos os telejornais aqui analisados.

com um apelo à noção do popular<sup>72</sup>, dentro disto, estão as estratégias de fazer o povo se reconhecer na tela e um trabalho de sedução do público jovem, com pautas de interesse deste segmento social.

### **Mercado de trabalho e afroempreendedorismo**

O tema mercado de trabalho e empreendedorismo são elementos desta construção direcionada ao público juvenil. O Jornal da Manhã passou por um processo de reestruturação com nova linha editorial, novas vinhetas, novo cenário e novos quadros. Um deles é o “Afro Job”, quadro que percorre as periferias de Salvador para falar de empreendedorismo negro e jovem. “É um quadro voltado para os afroempreendedores, mulheres e homens negros dos nossos bairros, gente jovem fazendo acontecer em suas comunidades”, explicou Ricardo Ishmael, âncora do jornal, na estreia do Afrojob (JM, 22/1/19). Esta proposta do telejornal se conecta ao paradigma centrado na ideia do “jovem como ator especial do processo de transformação”, que segundo Helena Abramo (2005) vigora no Brasil. A perspectiva se relaciona a abordagem do jovem como atores dinâmicos, “protagonistas do desenvolvimento local”, com capacidade de enfrentar os desafios das inovações tecnológicas, das transformações produtivas e na resolução dos problemas de suas comunidades e sociedades.

O Afrojob é apresentado pelos repórteres do G1 Bahia, os jornalistas negros Rafael Santana e Itana Alencar. As matérias misturam a linguagem da TV com a da web e mostram imagens dos bastidores da reportagem e dos repórteres produzindo, gravando, entrevistando.

Rafael Santana: “Salvador tem a capital mais negra do país, e essa galera tá usando talento e criatividade para superar barreiras como o desemprego e o preconceito” (JM, 22/1/19).

<sup>72</sup> A cultura popular, em definição de Stuart Hall “Não é, num sentido ‘puro’, nem as tradições populares de resistência a esses processos [de modernização], nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas” (HALL, 2003, p. 232).

Itana Alencar: "E a gente vai mostrar tudo isso aqui. É preto vendendo pra preto" (JM, 22/1/19).

A estreia do quadro mostrou a história dos afroempreendedores Yosh, artista plástico que transformou os quadros em estampas de camisetas, e de Cyntia Paixão empreendedora do segmento moda plus size. A condição de empreendedor aqui adquire uma segmentação pela referência à afrodescendência. Segundo os entrevistados, o afro-empresendedorismo, além do aspecto empreendedor se vincula a um movimento de empoderamento e valorização da cultura afro-brasileira: "Hoje, com meu trabalho, eu passo tudo o que aprendi, essa questão da resistência, da afirmação da identidade, da auto-aceitação do meu corpo e da minha raça. É isso que eu levo, amor próprio", disse Cyntia. Esta especificidade do modelo de negócio baseado na identidade foi também evidenciada na edição de 22 de fevereiro, quando os apresentadores do quadro apresentaram os criadores da Festa Batekoo, Adrielle Coutinho e Maurício Sacramento. "Tem festa de gente preta para gente preta, a Batekoo surgiu em 2014 quase por brincadeira e se tornou símbolo de representatividade entre pessoas negras e membros da comunidade LGBTQIA+".

Ao constituir um quadro específico sobre empreendedorismo negro, o telejornal investe numa segmentação que tende a desconsiderar que eles constituem a maior parte dos desempregados do país, por conta do racismo estrutural. O quadro se volta para uma realidade aferida pela pesquisa do IBGE que aponta o crescimento da taxa de desemprego entre a população negra de 15,5% para 15,9% entre o segundo e o terceiro semestre de 2019. Em números absolutos, havia 1,587 milhão de pessoas que se consideram pretas entre os desempregados de julho a setembro deste ano, cerca de 23 mil a mais que no trimestre anterior<sup>73</sup>. A posição

<sup>73</sup> Desemprego aumenta só entre os negros no 3º trimestre, aponta IBGE. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/11/desemprego-aumenta-so-entre-os-negros-no-3o-trimestre-aponta-ibge.shtml>.

editorial com a criação do quadro invisibiliza a condição negra de trabalhadores que aparecem em outras matérias, até mesmo nas que tratam do tema empreendedorismo, em que a construção textual e discursiva não problematiza o aspecto racial, como por exemplo, na matéria “Negócios de verão: estação mais quente do ano estimula o empreendedorismo na capital” (JM, 15/1/19).

A reportagem apresentou a história da marca de salgados “Xibiu de Mainha”, e o geladinho com álcool “Chupada Gourmet”. A principal instituição ouvida na matéria foi o SEBRAE, que teve um representante ao vivo fazendo comentários e orientando os telespectadores para a formalização do negócio e estimulando o empreendedorismo como possibilidade diante da crise que gerou milhões de desempregados. É possível considerar que estão implicadas aqui todas as instâncias do capital privado, da defesa do sistema neoliberal que defende o estado mínimo e o empreendedorismo como um caminho melhor que o emprego formal.

O que é indicado como empreendedorismo se relaciona muito fortemente à condição de informalidade que cresceu no Brasil, frente ao elevado índice de desemprego<sup>74</sup>: “13,2 milhões de pessoas no Brasil”, segundo matéria de 3 de junho de 2019, lançou milhares de pessoas na informalidade. “Número de desempregados na Bahia é em torno de um milhão e duzentos mil desempregados. 265 mil só em Salvador” (JM, 3/6/19).

Um estudo publicado pela Fundação Perseu Abramo<sup>75</sup> aponta que o incentivo para que o trabalhador se torne empreendedor é um meio para formalizar a precarização do trabalho, pois o discurso em torno do empreendedorismo envolve o recuo nas garantias de proteção que o emprego formal oferece para o trabalhador, construindo uma aura de auto-

<sup>74</sup> <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2019/02/nao-existe-empreendedorismo-mas-gestao-da-sobrevivencia-diz-pesquisadora/>

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2019/02/nao-existe-empreendedorismo-mas-gestao-da-sobrevivencia-diz-pesquisadora/>.

nomia em um país que não oferece estrutura de fomento para iniciativas autônomas. Segundo a pesquisa, a precariedade do mercado passa por diversos aspectos, como a ‘uberização’ do emprego, a incapacidade de organização coletiva e uma política do Estado, como a reforma trabalhista.

A reportagem mostra a fila de desempregados no Serviço de Intermediação para o Trabalho (Sine Bahia)<sup>76</sup>, apesar do telejornal não fazer uma afirmação da realidade do racismo estrutural, a maioria das pessoas na fila é negra. O tema educação/mundo do trabalho é um dos assuntos a partir do qual os jovens são mais abordados no programa. Do universo de 380 notícias, 26 fizeram menção direta aos jovens, destas 19 foram na categoria educação/mundo do trabalho. Sob o argumento de que o telejornal está preocupado em gerar oportunidade para a juventude, o noticiário aborda cursos de qualificação profissional, estágio remunerado, Programa Jovem Aprendiz, primeiro emprego (JM, 4/7/19). Todavia, há de se destacar a ênfase dada ao serviço oferecido pelo Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), em “parceria com a Fundação Roberto Marinho” (JM, 14/1/19), instituição ligada ao Grupo Globo<sup>77</sup>. O telejornal justifica as dificuldades encontradas pelos jovens para o ingresso no mercado de trabalho em razão da exigência da experiência profissional, silenciando a condição do mercado de trabalho brasileiro que não amplia a oferta de novas vagas e, deste modo, remete ao próprio jovem a causa de seu desemprego.

Entrevistada coordenadora do CIEE: “Uma das principais exigências das empresas é a experiência, porém, estamos buscando oferecer vagas que não tenham essa exigência”<sup>78</sup> (JM, 3/6/19).

Repórter Adriana Oliveira: “Qual é o empregador que não quer receber um funcionário que já tenha expe-

<sup>76</sup> Órgão do Governo do Estado da Bahia.

<sup>77</sup> “A Fundação Roberto Marinho trabalha em parceria com empresas, fundações, institutos, governos e organizações não-governamentais, no desenvolvimento e implantação de suas ações”. Disponível em: <https://frm.org.br/sem-categoria/a-fundacao/>

<sup>78</sup> Entrevista da Coordenadora Geral do Sine Bahia.



riência? Por isso é que os estágios são importantes” (JM, 14/1/19).

Entrevistado Nilson Tedgue: “São vagas para o ensino médio, técnico e superior e para o programa jovem aprendiz<sup>79</sup>. Para jovem aprendiz, o jovem precisa ter idade superior a 14 anos, inferior a 24 anos e carteira profissional<sup>80</sup>” (JM, 14/1/19).

Em 5 de fevereiro, o telejornal apresentou em um link ao vivo o Programa Aprendiz Legal, realizado pelo CIEE. O apresentador Ricardo Ishamel fala das dificuldades para o acesso ao primeiro emprego e sobre a existência da legislação para contratação por meio do Programa Jovem Aprendiz, que segundo ele não é cumprida pelas empresas.

Cabeça da Matéria: “A gente sabe que conseguir o primeiro emprego não é fácil, especialmente em nosso país, a realidade mostra isso, principalmente para os jovens de cursos técnicos que sempre frequentaram escola pública. Existe uma lei para ajudar esses jovens a entrarem no mundo do trabalho. As empresas têm obrigatoriamente que destinar de 5 a 15% das vagas para estes jovens, mas aqui na Bahia, muitas empresas simplesmente não cumprem essa lei, mas existe um programa que facilita essa relação entre estudante e a empresa, é o Programa Aprendiz legal, vamos ver como ele funciona” (JM, 5/2/19).

O VT começa com a imagem de Carlos de Jesus, um jovem negro, entregando a carteira de trabalho num guichê de atendimento do CIEE e, em seguida, tendo sua primeira oportunidade de trabalho como caixa de supermercado, por meio do Jovem Aprendiz. Em seguida são mostradas imagens de jovens na fila do atendimento, em curso de capacitação, ou já atuando no mercado de trabalho. Todo o empenho da matéria está voltado para a promoção do CIEE e da Fundação Roberto Marinho. A matéria

<sup>79</sup> Repórter Adriana Oliveira: “Desde 2005 as empresas são obrigadas a contratar jovens de 14 a 24 anos como aprendizes, a cota de vaga é de 5% a 15% do total de funcionários”.

<sup>80</sup> Supervisor do CIEE/BA.

é focada muito mais no programa oferecido pela instituição, do que no Jovem Aprendiz, que é um direito para jovens entre 14 e 24 anos previsto na lei 10.097/2000,<sup>81</sup> como podemos ver nos trechos destacados abaixo:

Repórter Adriana Oliveira: “O programa Aprendiz legal é uma parceria entre CIEE e Fundação Roberto Marinho” (JM, 5/2/19).

Repórter Adriana Oliveira: “Para conquistar o primeiro emprego como operador de caixa de um supermercado, ele se cadastrou no CIEE, a oportunidade como jovem aprendiz chegou depois de uma ansiosa espera de um ano e meio” (JM, 5/2/19).

O que estas pautas também revelam é o interesse do telejornal na audiência das juventudes. Ao reportar com certa frequência assuntos de tamanho interesse para as pessoas jovens, sob o título de oportunidade, o noticiário matinal dá destaque para o lugar do jovem como trabalhador, busca uma aproximação com este público e indica conhecer sua audiência por meio de uma comunicação direta:

Ricardo Ishmael: “Por isso mesmo que a gente reafirma todos os dias nosso compromisso com você que cursa ou acabou de concluir o ensino médio, ou você trabalhador ou trabalhadora que está em busca de uma colocação. Segue ligado aqui, nossa batalha continua para te ajudar” (JM, 18/1/19).

Ricardo Ishmael: “Nesse período de férias, muitos estudantes acordam cedo, ficam ligados no Jornal da Manhã porque sabem que aqui todos os dias a gente traz vagas, cursos, dicas de oportunidades e qualificação” (JM, 18/1/19).

As matérias utilizam de forma recorrente a terminologia “jovem” e a linguagem, em falas e legendas, revelam o interlocutor ao qual a comunicação é dirigida:

Ricardo Ishmael: “A galera já chegando, se enturmando e colocando o papo em dia” (JM, 4/2/19).

---

<sup>81</sup> A Lei 10.097/2000 afirma que empresas de médio e grande porte devem contratar jovens com idade entre 14 e 24 anos como aprendizes.

Ricardo Ishmael: “Acabou a moleza: hoje é dia de volta às aulas na maioria das escolas particulares”<sup>82</sup> (JM, 14/2/19).

Ricardo Ishmael: “Estudantes estão na bronca”<sup>83</sup> (JM, 8/2/19).

Ishmael faz uso de uma coloquialidade informal, pouco utilizada nos noticiários tradicionais, com termos comuns aos jovens em conversas do dia-a-dia. Em seu estudo sobre o gênero, Jesús Martín-Barbero (2006) diz que a linguagem coloquial busca a simulação de um diálogo “que não se restringe a um arremedo do clima familiar” (p. 306). Ou seja, podemos identificar como parte de uma estratégia de reconhecimento, considerando que “re-conhecer significa interpelar, uma questão acerca dos sujeitos, de seu modo específico de se constituir” (p. 316).

### Editoria de polícia

O modo como o JM se relaciona com as juventudes também pode ser observado em relação à pauta policial. Em nossa análise, a escalada da violência nos noticiários da TV Bahia está também presente no Jornal da Manhã. Um dos casos mais emblemáticos deste jornalismo com maior abertura às pautas policiais é uma reportagem sobre um corpo encontrado na Avenida Vasco da Gama. Num link ao vivo<sup>84</sup>, em 26 de fevereiro de 2018, o repórter Vanderson Nascimento aparece em plano americano (PA), enquadrado do lado direito da tela, direcionando a atenção do olhar para a esquerda em que está o corpo de um homem morto no chão, como mostram os telejornais policiais. A imagem exibida nas primeiras horas da manhã, eram 6h49, causou uma forte reação, tendo sido a Rede Bahia alvo de muitas críticas formuladas como uma adesão ao jornalismo

<sup>82</sup> GC da reportagem sobre volta às aulas.

<sup>83</sup> Matéria sobre denúncia feita por alunos de uma faculdade particular de Salvador.

<sup>84</sup> A matéria não faz parte do corpus da pesquisa, sua referência aqui se deve ao fato de considerarmos um excelente exemplo do movimento de ascensão do jornalismo policial feito pela emissora. Disponível em: <https://tvuol.uol.com.br/video/ao-vivo-telejornal-de-afiliada-da-globo-mostra-cadaver-04024E993262CoA16326>.

“mundo cão”<sup>85</sup> enquanto estratégia diante da perda da audiência para as outras emissoras. Porém diante da reação do público o telejornal recuou da escolha editorial e em comunicado oficial disse ter sido um erro de enquadramento, recomendando expressamente que não seja mais exibida imagens de cadáveres<sup>86</sup>.

No período analisado 24,32% das matérias sobre violência envolvem diretamente a pessoa jovem, esse envolvimento pode não aparecer na chamada falada ou no texto escrito na tela, mas aparece na imagem: Bandidos invadem Terreiro de Candomblé e agredem babalorixá (JM, 14/1/19); Imagens mostram tentativa de assalto a fotógrafo durante lavagem do Bonfim (JM, 18/1/19); Chacina do Cabula completa quatro anos sem solução (JM, 6/2/19); Polícia está à procura de suspeito de morte de professora no bairro Vila Canária (JM, 7/2/19); Vigilante é executado com 18 tiros em Salvador (8/2/19.); Homem é preso com granadas, armas e drogas em Fazenda Coutos (JM, 3/6/19); Jovem agredido após discussão em festa tem melhora no estado de saúde (JM, 5/7/19); Violência contra mulher: delegacias chegam a ter mais de 30 denúncias por dia em Salvador (JM, 5/2/19).

Como parte do acento maior na editoria de segurança, desde 2017 a Rede Bahia promove a Campanha “Sou mulher, quero respeito” com reportagens especiais, entrevistas, denúncias e de reflexão sobre os números da violência contra a mulher. No dia 5 de fevereiro de 2019 foi exibida uma dessas matérias com foco no combate à violência contra a mulher<sup>87</sup> (JM, 5/2/19). A reportagem incentiva as mulheres a denunciarem qualquer tipo de agressão, apresentando uma rede de proteção à mulher. Foram entrevistadas Delegada de polícia, Desembargadora, órgão da Pre-

<sup>85</sup> Termo por qual ficou conhecido o jornalismo policial ou os programas que expunham as mazelas da vida humana.

<sup>86</sup> Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/holofote/noticia/50439-rede-bahia-quebra-protocolo-da-globo-e-mostra-cadaver-ao-vivo.html>.

<sup>87</sup> “Violência contra mulher: delegacias chegam a ter mais de 30 denúncias por dia em Salvador”. Jornal da Manhã, exibido em 5 de fevereiro de 2019.

feitura Municipal e representante da Polícia Militar. Entre os casos denunciados na reportagem estão duas jovens, que foram entrevistadas numa penumbra para não ter a identidade revelada.

Repórter: “O medo de morrer trouxe essa menina de 18 anos à Delegacia Especial de proteção à Mulher. É um pedido de socorro depois que o namorado atirou contra a casa dela. Ele não aceita o fim do relacionamento” (JM, 5/2/19).

Vítima 1: “A única coisa que eu queria era voltar a ser feliz” (JM, 5/2/19).

As duas vítimas vivem numa casa de acolhimento onde recebem atendimento jurídico e fazem tratamento psicológico. Uma delas estava grávida e perdeu o bebê durante uma agressão física.

Vítima 2: “Tem dias que é mais difícil, porque a saudade da minha filha dói. As lembranças vem. E o medo, também, do que possa a vir me acontecer porque o processo ainda ‘tá’ na justiça” (JM, 5/2/19).

A condição de juventude das vítimas foi destacada na nota coberta<sup>88</sup> que lembrou os 4 anos da Chacina do Cabula, em 6 de fevereiro de 2019. “Hoje faz quatro anos que 12 jovens foram mortos na Vila Moisés no Bairro do Cabula, em Salvador. Você com certeza se lembra desse caso, o episódio ficou conhecido como a chacina do Cabula, vamos dar uma relembra nesse caso” (JM, 6/2/19).

O texto do off apresenta os desdobramentos do caso desde o dia do acontecimento, destaca que os policiais foram inocentados, mas que o processo foi reaberto. “Dos 9 policiais envolvidos no caso, 8 continuam trabalhando nas ruas e um foi para reserva”, diz o apresentador em tom de denúncia.

Chama a atenção o uso do termo “chacina”, já que o tratamento dos órgãos hegemônicos de imprensa, à época, favorecia o discurso oficial de

<sup>88</sup> Apresentação de notícias do apresentador com auxílio de imagens.

ter havido uma troca de tiros com uma quadrilha especializada em roubo de bancos, considerando a versão da polícia de “tiroteio”. O próprio Jornal da Manhã, em 6 de fevereiro de 2018, apresentou uma matéria com o seguinte título: “Troca de tiros deixa pelo menos 11 mortos no bairro do Cabula, em Salvador”. Deste modo, referir-se ao fato que culminou com 12 mortes de jovens e adolescentes negros de um bairro periférico como chacinha indica que o enfrentamento realizado por movimentos como REAJA, Anistia Internacional, OAB e outros, para ressignificar a violência contra aqueles sujeitos e suas famílias prevaleceu sobre o discurso das fontes oficiais, que até hoje sustentam o argumento de reação à “injusta agressão”<sup>89</sup>.

## Bahia Meio Dia

O Bahia Meio Dia é um noticiário exibido de segunda a sábado, pela TV Bahia às 11h45, tem três blocos e aproximadamente 1h e 10 minutos de duração. Para este trabalho foram analisadas 24 edições, que correspondem a 28 horas de programa. No quadro a seguir apresentamos as editorias pelas quais as notícias são apresentadas em maior regularidade. O resumo mostra quais temas foram priorizados durante o período pesquisado, com destaque para a editoria de entretenimento e violência, porém, a maior parte das notícias está relacionada a questões mais imediatas que envolvem a execução de políticas públicas nos bairros populares de Salvador e, que no painel, estão sistematizados na categoria outros.

**Quadro 6** - Notícias Bahia Meio Dia.

Educação/ Mundo do Trabalho	Violência	Entreteni- mento	Tempo e Trânsito	Saúde	Cidadania / Bem Estar Social	Outros	Total
10	47	44	30	19	2	96	248

**Fonte:** Autoral (2019).

<sup>89</sup> Cabral (2018) afirma que em 2018 o telejornal passou por uma significativa mudança Bahia e o Governador do estado.

em sua linha editorial proporcionada pela contratação da jornalista Jéssica Senra como nova editora e apresentadora do telejornal<sup>90</sup>. A jornalista durante 5 anos atuou como apresentadora da Record TV Itapoan, emissora que tem uma linha editorial marcada pela ênfase nas pautas policiais, na qual a apresentadora desfrutava de grande popularidade e registrava resultados positivos na audiência.

### **Jéssica Senra - Um novo BMD**

A chegada de Senra à emissora da família de Antonio Carlos Magalhães (ACM) foi marcada por um clima de expectativa construída por meio de campanha publicitária com outdoors na capital, matérias e entrevistas em sites e periódicos e inserções na programação da TV. Os primeiros teasers<sup>91</sup> mostravam a reação das pessoas ao encontrar Jéssica Senra caminhando na Estação da Lapa, em Salvador. Nas chamadas, o rosto e o nome da apresentadora não são revelados ao telespectador, que vê apenas a reação do público ao encontrá-la. “Espero que você não mude”, diz uma das entrevistadas.

Além de mostrar a popularidade de Jéssica, a campanha publicitária quer mostrar, principalmente, que a apresentadora não vai mudar seu estilo de apresentação na TV Bahia. Esta é a grande promessa da apresentadora, cuja contratação demonstra uma aposta da emissora numa nova linguagem para o tipo de telejornalismo daquele noticiário, que interpela o massivo popular, estabelecendo tensões em certa medida ao conhecido

---

<sup>90</sup> Apesar da estreia de Jéssica Senra não corresponder ao período do corpus de análise, consideramos importante sua inserção aqui pois faz referência a nova linha editorial adotada pela emissora. Metodologicamente, também, não gera prejuízos à pesquisa pois conforme proposta de Jesús Martín-Barbero no Mapa das Mediações, além do eixo sincrônico, há também o eixo diacrônico ou histórico de longa duração (MARTÍN-BARBERO, 2006, 16).

<sup>91</sup> Breve chamada de uma notícia. É também uma técnica utilizada no marketing para chamar a atenção de uma campanha publicitária.

“Padrão Globo de Qualidade<sup>92</sup>”.

Por outro lado, esta abertura não é uma ruptura, pois se trata de uma atualização de valores que já estavam presentes no modelo dominante. É também uma ratificação de sentidos já partilhados por telespectadores em outras emissoras baianas, nas quais esta fórmula, de fazer jornalismo para TV que se caracteriza pela opinião, resolução de problemas, destaque para violência e linguagem informal, já é bastante conhecida em programas como Balanço Geral, Fala Bocão, Na Mira, Que Venha o Povo, dentre outros.

Todavia, apesar de uma crescente valorização da pauta policial, cabe registrar que a adesão do BMD é muito mais centrada numa ideia de mediação do popular, dando um estilo diferente ao programa, em comparação com a estrutura de programa policial como ocorre nas outras emissoras. Na TV Bahia, o grau do massivo popular e da ênfase na pauta policial adquire nuances mais suavizadas em relação ao que é feito na Record, por exemplo, por conta de sua posição editorial e o perfil de seu público que tem valores mais conservadores em relação à questão da violência. A reação do público diante da reportagem que mostrou um cadáver ao vivo, no Jornal da Manhã, é um exemplo disso.

O novo conceito do programa é uma estratégia de recomposição da audiência da TV Bahia que através da análise consideramos que ocorre por meio de uma identificação com o massivo popular. Eurico Meira, diretor de jornalismo da TV Bahia, em entrevista sobre as mudanças na emissora disse, “quando você pensa no universo do público de Salvador é um público mais pobre, mais carente. De acordo com as classificações que são

---

<sup>92</sup> Inaugurada em 1965, a Rede Globo de Televisão se tornou um marco no ramo dos conglomerados de comunicação a partir do fomento de um “Padrão Globo de Qualidade”, marca identitária que iria guiar sua programação e conteúdos, e pelo pioneirismo em inovação tecnológica. Se tornaria em alguns anos a referência no modo de fazer televisão e telejornalismo. A empresa Time-Life deu o determinado suporte. Financeiro que viabilizou a saída à frente da emissora no uso de tais tecnologias, e a influência do modelo norte-americano de televisão. “Dotada de uma mentalidade empresarial, a Globo procura planejar suas atividades a longo prazo, reinveste o lucro sobre si mesma, e apresenta novidades até mesmo no uso dos tempos comerciais” (ORTIZ, 1988, p. 138).



feitas, a partir dos números do próprio IBGE, tecnicamente é um público de classe mais baixa”. Há uma deformação nesse pressuposto, pois parte de uma ideia de que apenas pessoas pobres acompanham programas desta natureza. A fala de Eurico Meira aponta para uma ideia do popular como estratégia mercadológica direcionada ao público das classes C, D e E, apregoando um discurso determinista sobre a classe popular que não leva em conta sua complexidade, conflitos e coexistência de produtos e práticas heterogêneas (MARTÍN-BARBERO, 2006). Esta visão pré-conceituosa do popular, segundo o pensamento do teórico indiano Homi K. Bhabha (1988) pode ser entendido como estereotipado. O estereótipo é segundo o autor, a principal estratégia do discurso colonial:

O estereótipo não é simplificado porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É simplificação porque é uma forma presa, fixa de representação que ao negar o jogo da diferença (que a negação através do outro permite), constitui um problema para representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA, 1988, p. 117).

O argumento é que o ingresso de Jéssica no Bahia Meio Dia visa a dialogar com esse público, tratando de temas numa linguagem e formato que possam ser mais interessantes e mais acessíveis ao público-alvo. Escosteguy (2012) argumenta que a ampliação do poder de consumo das camadas situadas nos níveis inferiores da estratificação social, deve ser considerada, na constituição de formação de público da televisão, juntamente com alterações do mercado de TV aberta, no contexto nacional. Essa nova configuração social, exerce pressão na televisão brasileira, que tende a se adaptar a este novo contexto promovendo mudanças em sua programação que dão visibilidade a pessoas “comuns”, e a pautas relacionadas à sua cotidianidade (ESCOSTEGUY, 2012, p. 36). Essa é uma marca que está modificando as práticas jornalísticas atuais, e a nossa hipótese é

de que o Jornal Bahia Meio Dia se inscreve nesse contexto: rejuvenescer sua linguagem e sua forma tornando-se mais popular.

Faz parte do rejuvenescimento da forma ser interlocutora das necessidades vivenciadas pelos bairros populares e, principalmente, fornecer maior visibilidade à editoria de segurança pública. No programa de estreia de Jéssica foi exibido um fala povo com 13 pessoas falando sobre o que gostariam de assistir no “novo” Bahia Meio Dia. As respostas foram saúde (1) tempo (1) desemprego (2), transporte público (2), notícias boas (2) e criminalidade (5). Uma entrevistada responde: “A maior preocupação do povo é a violência”. Uma jovem provoca: “Eu quero ver coisas boas. Detesto ver esses meninos sendo presos, dá uma dor no coração”. A fala da entrevistada parece apontar a principal característica dos programas televisivos baianos no horário do almoço, em que os temas ligados à violência urbana são protagonistas. Jéssica parece concordar: “Tem muita coisa positiva que o jovem está fazendo e a gente poderia mostrar né?”. A entrevistada concorda, “isso não aparece, mas deveria aparecer” (BMD, 7/5/18).

## **Criminalidade**

O Bahia Meio Dia é um dos que mais abordam o tema das juventudes em pautas sobre educação, mundo do trabalho, entretenimento, mas também sobre violência. Essas notícias, por meio de notas cobertas, reportagens e comentários, que se tornaram bem comuns, se relacionam a discursos sobre as juventudes e revelam as instituições utilizadas na construção de um olhar sobre o mundo pelo telejornal. Numa nota coberta sobre poluição sonora, em 14 de janeiro, por exemplo, numa festa de paredão em Valença, no Baixo Sul do estado, a perspectiva do telejornal é revelada, ao mostrar uma foto de policiais armados em primeiro plano e pessoas jovens exibidas em posição de revista numa parede. São exibidos como uma condição normal os corpos negros sob a vigilância e controle ostensivos pelo Estado.

A relação do Bahia Meio Dia com a instituição policial não ocorre de forma tão intensa como em outros programas em que a presença de fontes policiais é a principal orientação. No BMD essa presença é pontual, mas a relação com a instituição é próxima em razão da prioridade dada ao tema da violência, não apenas por meio de entrevistas, mas de diversas formas.

O ao vivo se tornou uma das formas noticiosas principais, permeando todo o programa com entrada dos repórteres de algum ponto da capital ou do interior. O ao vivo, em geral, é feito para mostrar o destaque que aquela cobertura tem no telejornal, todavia, o fato de ser exibido no horário do meio dia torna o jornal favorecido pela dinâmica do cotidiano em que os fatos estão acontecendo e isso pode ser destacado. Esta é uma das características mais marcantes dos programas policiais, mas atualmente tem estado presente em telejornais dessa faixa horária.

A matéria sobre uma “possível queima de arquivo”, em 14 de janeiro, por exemplo, que matou um jovem de 20 anos no interior do estado, foi tratada como atração, exibida em dois blocos ao vivo. O teaser na abertura do programa veio acompanhado da seguinte legenda: “Daqui a pouco: homem suspeito de atirar em criança de 8 anos é encontrado morto”. É um evidente apelo para gerar expectativa no telespectador já que o tema da violência tem se configurado como importante recurso para a manutenção da audiência dos telejornais da faixa horária. O relógio na tela mostra 11 horas e 34 minutos e este será o assunto principal servido na hora do almoço dos baianos: Dois homicídios com ligações entre si ocorridos em Eunápolis, extremo sul da Bahia, envolvendo uma criança de 8 anos e um jovem de 20 anos. Apesar de não entrevistar nenhuma fonte policial, o enquadramento do repórter durante a passagem privilegia a fachada da delegacia de polícia, instituição escolhida para construção de credibilidade.

A delegacia também foi o local escolhido para a passagem em reportagem do dia em 3 de julho, sobre uma briga envolvendo jovens de classe média alta de Salvador, que deixou um rapaz (branco) de 19 anos em estado grave. O assunto foi tratado em todos os blocos do telejornal com matérias gravadas e link ao vivo e repercutiu em todos os telejornais da emissora. As matérias em tom de denúncia, enfatizam o aspecto etário da vítima diante do risco eminente de perder a vida, aliás, nas reportagens analisadas neste trabalho o caráter geracional é sempre enfatizado em matérias sobre violência envolvendo pessoas jovens.

É o caso, por exemplo, da matéria do dia 18 de janeiro sobre o flagrante de uma tentativa de assalto durante a Lavagem do Bonfim, em Salvador, que teve as imagens gravadas pela própria vítima, um fotógrafo. As imagens foram gravadas em câmera 360º graus<sup>93</sup> e mostram, repetidamente, o momento em que dois rapazes negros se aproximam e tentam roubar o celular. Enquanto a legenda os descreve como “bandidos”, no comentário da apresentadora Jéssica Senra eles são chamados de meninos e de jovens. Percebemos aqui um desencaixe, um tipo de tensão entre as designações para os mesmos sujeitos.

Apesar do destaque sempre dado ao termo jovem, principalmente em matérias do tema segurança pública, a reportagem de 18 de janeiro sobre a formatura de novos policiais e bombeiros militares da Bahia chama a nossa atenção pela invisibilidade da condição juvenil dos sujeitos. Merece destaque também a identificação dos corpos desses jovens policiais, a grande maioria negra, porém este não é um aspecto evidenciado na entrevista realizada com o Coronel Anselmo Brandão, Comandante Geral da Polícia Militar.

---

<sup>93</sup> Na fotografia, uma câmera omnidirecional, também conhecida como câmera de 360 graus, é uma câmera com um campo de visão que cobre aproximadamente a esfera inteira ou pelo menos um círculo completo no plano horizontal, registram todas as direções e sentidos ao mesmo tempo, conseguindo capturar imagens de maneira semelhante ao ponto de vista do olho humano.

Interpelado pela repórter sobre qual o principal desafio da PM baiana, o Comandante não titubeia em afirmar que o maior problema da segurança pública no Estado da Bahia é o que chama de “delinquência menoril”.

**Coronel Anselmo Brandão:** “Hoje o grande desafio do nosso policial é enfrentar a questão das drogas, principalmente a delinquência menoril, ou seja, dos adolescentes, daquelas pessoas que estão entrando no mundo das drogas e isso é um problema seriíssimo que nós temos que enfrentar de cabeça erguida” (BMD, 18/2/19).

Essa fala do Coronel Anselmo Brandão, constitui a ‘juventude como etapa problemática’, concepção em que os jovens são tidos como agentes causadores de desordem e desequilíbrio das relações sociais (ABRAMO, 2005). A ênfase dada pelo Comandante à vinculação de adolescentes e jovens ao mundo do crime parece com o que nos diz Hall (1976, p. 57) sobre a compreensão da “juventude como agentes do colapso social”, ou ainda do que nos diz Martín-Barbero (2008, p. 11) sobre a posição dos “experts” em violência que em seus estudos criminalizavam os jovens imputando-os sempre a condição de “delinquência e desvio”. Esta posição, no entanto, contrasta com indicadores, como o Atlas da Violência<sup>94</sup> que indica que, na verdade, os jovens são as principais vítimas da violência urbana e da criminalidade. A fala do Comandante da PM pode ser observada como um indicativo de como será a atuação dos novos agentes da segurança nos territórios periféricos, para representar a força do Estado contra o inimigo já declarado: jovens negros, como eles próprios.

Destaco ainda, que o termo “delinquência menoril” apresentado pelo ocupante do mais alto posto da PM baiana, também é inadequado

<sup>94</sup> Segundo o Atlas da Violência divulgado em 2019, a Bahia foi o estado com maior número de homicídios: 7847. Os jovens foram as principais vítimas: 4522. Os dados são referentes ao ano de 2017.

desde a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. O termo menoril deriva da concepção menorista legitimado pelo antigo Código de Menores Melo Mattos (CMN) de 1927, cujo viés exclusivamente penal implicou um tratamento pautado na repressão e fomento de processos reprodutores de violência. Este paradigma “resume a criança e adolescente sem família como incapaz, perigosa, marginal, delinquente, enfim um “menor” (ANJOS; REBOUÇAS, 2018, p. 8)”.

A chegada de Jéssica Senra ao BMD, reconfigura a posição do apresentador do telejornal. Jéssica efetivamente assume o lugar de âncora, com espaço editorial para opinar e o faz recorrentemente, principalmente quando se trata de temas como feminicídio e violência contra a mulher. Os comentários e as denúncias feitas pela apresentadora costumam repercutir e viralizar nas redes sociais, indicando que existe um engajamento pessoal da apresentadora. Esta relação com o tema adquiriu um caráter mais formal com sua aprovação em dezembro de 2019 no Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPG-NEIM) da UFBA. “É uma tristeza que esses casos estejam aí se repetindo todos os dias, sempre do mesmo jeito, homens fracos, inseguros, que não conseguem lhe dar com a frustração de não terem seu desejo, seu amor atendido. Amor não, que isso não é amor!” (BMD, 18/1/19), comentou após reportagem que noticiou a morte de uma jovem de 18 anos, assassinada pelo ex-namorado, 27, que não aceitava o fim do relacionamento.

“Essa violência é fruto do modelo de sociedade que coloca a mulher em lugar de submissão”. Este comentário foi feito na reportagem sobre os abusos físicos, sexuais e psicológicos sofridos por uma jovem de 21 anos, que repercutiu nacionalmente após denunciar em suas redes sociais. O “ao vivo”, de aproximadamente 10 minutos, foi o formato escolhido com a finalidade de sair na frente da concorrência. “É a primeira vez que ela está falando ao vivo sobre esse caso”, enfatizou a repórter Juliana Cavalcante.

Apesar do ao vivo ter se tornando uma marca do telejornal, a opção de entrevistar uma mulher jovem, vítima de sucessivas violências neste formato chama bastante atenção pelo nível de exposição pessoal. Eva é interpelada no ar, questionada sobre detalhes das violências sofridas, e precisa interromper o choro para responder a pergunta seguinte. Enquanto é entrevistada as imagens exibidas incluem fotos suas, publicações e comentários nas redes sociais. A narrativa em torno de Eva é construída como uma jovem de muita coragem, por ter conseguido romper o ciclo de violência, mas principalmente por ter se pronunciado publicamente. “Lute como uma garota: Jovem de 21 anos denunciou padrasto por abusos físicos, sexuais e psicológicos”, diz a legenda da matéria colocada no rodapé da tela.

### **Educação e entretenimento**

Todavia, a abordagem do Bahia Meio Dia sobre as juventudes não está restrita à criminalidade, uma vez que temas como educação e mundo do trabalho também têm forte inserção. Porém, em geral, essas matérias não são produzidas pelo próprio telejornal porque são reprises de reportagens que foram exibidas no Jornal da Manhã. Este foi o caso de reportagens sobre a participação de estudantes baianos em competição de mecatrônica, na Rússia (14/1/19) e sobre vagas de estágio com intermediação pelo CIEE (14/1/19), assunto já discutido na análise do Jornal da Manhã. As reportagens demonstram a relação da TV Bahia com instituições ligadas aos segmentos do comércio e da indústria com vínculos com a Fundação Roberto Marinho. Estas abordagens se conectam ao paradigma dos jovens como sujeitos em preparação para o futuro que toma “a educação como política de excelência” (ABRAMO, 2005, p.20).

Outro assunto acionado pelo BMD que orienta o modo como a juventude aparece é a partir da música baiana, dos eventos e do carnaval.

Todavia, a nossa análise não se restringe a uma ideia de mero entretenimento, pois a juventude negra adquire maior visibilidade e esta presença é analisada aqui como um complexo processo de negociação em que o sentido de pura curtição é atravessada pela potência de atuação política sobre a questão do racismo, ativando através do prazer constituído no entretenimento o lugar de tensionamento da hegemonia. Neste sentido, existe um valor cultural, uma força de representação, que faz com que compreendamos a experiência da cultura baiana como um modo de ativação política, principalmente quando se trata da cultura negra.

Em “Que negro é esse na cultura negra”, Stuart Hall (2003) chama atenção que se por um lado, o alto modernismo e o pós-modernismo não deram conta da realidade da questão da cultura popular negra, por outro lado, esses dois períodos abriram espaço para as culturas e os grupos étnico-culturais se construírem e se desenvolverem, ainda que em contextos cheios de contradições, de disputas, de lutas e resistências.

[...] reconheço que os espaços ‘conquistados’ para a diferença são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados e regulados. Acredito que sejam limitados. Sei que eles são absurdamente subfinanciados, que existe sempre um preço de cooptação a ser pago quando o lado cortante da diferença e da transgressão perde o fio da especulação (HALL, 2003, p. 321).

O Bloco Afro Ilê Aiyê, destacado na edição de 14/01/19, é uma forte referência desta constituição de grupos étnico-culturais, de que nos fala Hall (2003). Em seu site oficial<sup>95</sup>, “O mais belo dos belos” se apresenta como o primeiro bloco afro do Brasil, nascido em Salvador<sup>96</sup> “no Curuzu, Liberdade, bairro de maior população negra do país [...] Fundado em 1º de novembro de 1974, com o objetivo de preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira”.

<sup>95</sup> Disponível em: <http://www.ileaiyeoficial.com/bio/>

<sup>96</sup> Salvador é uma das cidades mais importantes da diáspora africana, com cerca de 80% da sua população composta por afrodescendentes.



O Bahia Meio Dia apresentou uma matéria sobre o Concurso de beleza Deusa do Ébano, promovido há 40 anos, conforme diz em entrevista o fundador e presidente do Ilê Aiyê Antônio Carlos dos Santos, ou Vovô do Ilê, como é mais conhecido. O ao vivo da Senzala do Barro Preto, sede do Bloco Afro, tem como tema a Noite da Beleza Negra, começa com a imagem dos músicos tocando os instrumentos de percussão e a câmera faz uma panorâmica até chegar à performance das 15 finalistas do concurso: mulheres negras, com vestimentas, adereços, turbantes e penteados afro, dançando no ritmo Ijexá<sup>97</sup>.

O link ao vivo ocorre em dois blocos, e analtece a identidade e a beleza negra. Durante o primeiro bloco apenas Vovô é entrevistado, enquanto isso, as finalistas seguem fazendo a performance. São entrevistadas apenas no segundo bloco e a ênfase está no sonho cultivado pelas mulheres de ocuparem o cargo de deusa do Ilê<sup>98</sup>. São candidatas de Salvador, mas também do interior, uma delas é da cidade de Barreiras, Oeste do Estado, e na entrevista declara ter sido vítima de racismo em concurso de beleza em sua cidade natal: “O racismo é horrível! Eu quero dizer para aquelas pessoas que tanto me criticaram e se manifestaram de maneira negativa. Eu estou aqui, representando o meu povo negro e a mulher negra”, diz Larissa Ferreira (BMD, 14/01/19).

A contribuição do Ilê Ayê para o fortalecimento do processo de identidade étnica e da auto-estima do povo negro é destacado por Vovô do Ilê: “A postura das mulheres negras, o comportamento, principalmente nesse resgate do orgulho de assumir sua negritude, tornou a noite da beleza negra, com certeza, um dos eventos mais importantes pré-carnavalescos da Bahia” (BMD, 14/01/19). Neste sentido o Ilê Ayê foi constituído no espaço da cultura baiana como sinônimo de resistência frente a um

<sup>97</sup> O ritmo denominado ijexá é originário das práticas religiosas do candomblé e é considerado um gênero da música popular no Brasil.

<sup>98</sup> A edição de 18 de fevereiro trouxe a cobertura especial do concurso Noite da Beleza Negra e apresentou a vencedora: Daniela Nobre Nascimento. Foi sua oitava tentativa.

modelo estético hegemônico, atuando como protagonista da promoção da cultura africana e da história do povo negro do Brasil, tornando-se uma organização de resistência e combate ao racismo estrutural por meio da arte, da cultura e da educação. Seu surgimento é uma espécie de resposta à histórica segregação de negros do carnaval baiano e foi fundado em pleno período de ditadura militar. Todavia, manteve estreita relação com governantes da direita, sobretudo Antônio Carlos Magalhães.

A relação de várias organizações negras com a chamada direita era de troca, como são as relações políticas em geral. Poderia dizer que uma troca muito desigual, mas uma troca. A turma queria botar o bloco na rua e via no governo um óbvio aliado. Para o carlismo, era a possibilidade de evidenciar uma suposta aliança com o povo – o povo negro, no caso da Bahia... (ONAWALE, 2017, p. 39).

Mas o Ilê beneficiando-se dessa relação contribuiu para provocar transformações nas relações sociais em Salvador, seja colocando o povo negro dentro do carnaval, seja com sua musicalidade com ritmos oriundos da tradição africana, calcada no batuque dos tambores e na potência das vozes, seja no pioneirismo na educação com o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira inserida há décadas na Escola Mãe Hilda (ONAWALE, 2017).

Para Hall (2003), a luta em torno da diferença, dentro de um contexto de hegemonia cultural, de “vitória ou dominação”, se dá por meio de negociações das disposições e configurações do poder cultural e não com a ausência dele. “A hegemonia cultural nunca é uma questão de vitória ou dominação pura (não é isso que o termo significa); nunca é um jogo cultural de perde-ganha; sempre tem a ver com a mudança no equilíbrio de poder nas relações da cultura” (HALL, 2003, p. 321). O jornalista e sociólogo Muniz Sodré (2007) em uma análise sobre o carnaval e a música baiana observa que a Bahia já foi o lugar onde as expressões simbólicas dife-

renciadas ganharam o primeiro plano, mas logo se comercializaram e diz que se, por um lado, o mercado musical fez emergir certa identidade que até então estava recalçada, por outro lado foi imediatamente apropriada pela indústria do entretenimento e pelo Estado como atrativo turístico.

Acho que isso teve no primeiro momento um papel político muito forte e o problema é saber se essa radiação já acabou. Pessoalmente, acho que tal força está se esgotando porque não se preocupou muito com a continuidade (SODRÉ, 2007, p. 80).

Neste sentido, a presença da cultura popular negra nas emissoras de televisão, apesar de em muitos casos aparecer de forma folclorizada, não pode ser entendida apenas como cooptação, pois implica uma abertura dentro dos espaços dominantes à ocupação dos que são considerados de fora, por isso é também fruto de um histórico de lutas e enfretamentos. “É o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural” (HALL, 2003, p. 320).

Hall (2003) aponta que, uma vez que foi excluída da corrente cultural dominante, a cultura popular negra tem usado o corpo como se fosse, e muitas vezes foi, o seu único capital cultural.

A apropriação, cooptação e rearticulação seletivas de ideologias, culturas e instituições europeias, junto a um patrimônio africano, conduziram a inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como a meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade (p. 324 e 325).

Neste sentido há na cultura popular negra uma ativação política, uma ressonância afirmativa que tem sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo e a música é um dos principais elementos desta cultura. “O povo da diáspora negra tem, em oposição a tudo isso [a

cultura logocêntrica, da escrita], encontrado a forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na música” (HALL, 2003, p.324).

Nas edições do Bahia Meio Dia, a música baiana teve presença marcante<sup>99</sup>, com 17,74% das notícias sobre cobertura de shows, artistas, entrevistas, apresentação ao vivo no estúdio do telejornal e ensaios de grupos de pagode. “Casa cheia na sexta, no sábado, no domingo, na segunda, na terça e por aí vai. Porque sim, tem ensaio todo dia nesta época em Salvador;” (BMD, 15/1/19), diz a repórter Patrícia Nobre.

Na Matéria intitulada “Maratona de verão: shows movimentam as noites em diversos bairros de Salvador<sup>100</sup>”, o destaque é a apresentação do cantor Léo Santana e a festa “Baile da Santinha”, promovida pelo artista. Imagens do artista no palco são revezadas com a imagem do público, a maioria jovem. Entre eles, um casal. Ele trajando camisa que estampa o rosto de Léo Santana e ela usa uma aureola, símbolo de um dos singles do cantor, sua aposta do verão, a música “Santinha”.

Na edição de 4 de junho o cantor foi destaque mais uma vez, a apresentadora Jéssica Senra comentou uma publicação feita por ele numa rede social, o lançamento de uma música para a Copa América em parceria com uma cantora colombiana e destacou sua popularidade.

Jéssica Senra: “Tem artista baiano que var ser estrela da música tema da Copa América que começa 14 de junho. Olha a postagem de ontem de Léo Santana nas redes sociais..., em menos de uma hora essa publicação teve mais de 12 mil curtidas e a essa altura já deve ter mais de 36 mil e os comentários dos fãs são de muita vibração com a escolha de Léo Santana que é um artista muito popular hoje em todo o país” (BMD, 4/6/19).

<sup>99</sup> Há de se destacar que parte da coleta do material foi realizada nos meses de janeiro e fevereiro, período de agitada programação de shows em Salvador.

<sup>100</sup> Título da matéria no site G1 Bahia.

No dia 18 de fevereiro o quadro sobre as novidades do carnaval de Salvador teve como destaque o figurino que seria usado por Léo Santana no desfile do bloco As Muquiranas. Léo Santana é um ídolo. Um cantor negro de pagode, de 32 anos, oriundo da periferia de Salvador que ganhou os principais palcos do Brasil e transformou-se em importante produto da indústria de entretenimento. Todavia tornou-se referência, estrela do gênero musical, seguido por milhares de jovens. “A festa mais esperada do ano é o Baile da Santinha, eu estava contando os minutos, as horas”, diz o entrevistado.

É importante relacionar nesta pesquisa sobre a construção de discursos sobre a juventude negra a articulação entre o pensamento de Hall (2003) ao destacar a importância da música para o povo da diáspora com a ideia de Jesus Martín-Barbero (2008) que considera a música o principal aliado da sociabilidade juvenil, gerando interação, identidade e movimento.

Léo Santana é uma referência desta trama entre resistência e cooperação que nos fala Hall (2003), seus shows atraem uma legião de jovens que se juntam para compartilhar sua música. “Atrai gente do Brasil inteiro”, diz o cantor sobre a grande procura pelo seu show. O artista conhecido nacionalmente é parte do sistema mercadológico, que é o mercado fonográfico, ele não rompe a lógica baseada na concentração do capital, como nos adverte Martín-Barbero (2010), ao dizer que apesar da música ser uma experiência criativa e de empoderamento vivida pelos jovens, “é parte de uma das estratégias mais lucrativas da indústria cultural” (p. 27). Porém, em nossa análise, este caráter não o descaracteriza como representação ascendente, fruto de constantes negociações e de lutas históricas. Deste modo, nosso olhar interessado em perceber os enfrentamentos feitos pela juventude nos telejornais, compreende que quando artistas como Léo Santana ascendem como estrelas da música, apesar do seu crescimento profissional representar muito mais uma trajetória individu-

al que coletiva, ali também estão inseridas práticas de resistência e não apenas cooptação, já que ocupa a brecha do sistema dominante no qual predominam matrizes culturais em que o lugar de nascimento e a condição racial do sujeito determinam o seu futuro.

Como a cultura popular tem se tornado historicamente a forma dominante da cultura global, ela é, então, simultaneamente, a cena, por excelência da mercantilização, das indústrias onde a cultura penetra diretamente nos circuitos de uma tecnologia dominante – os circuitos do poder e do capital (HALL, 2003, p. 323).

## Música e sociabilidade

As abordagens envolvendo a música também aparecem em reportagens com foco assistencial, tendo como instituições ONGs, como a Organização do Auxílio Fraternal (OAF)<sup>101</sup>, o encontro de filarmônicas, com destaque para presença de adolescentes (BMD, 3/7/19), ou programas desenvolvidos com apoio do poder público, como é o caso do Neojiba<sup>102</sup>, vinculado a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Governo do Estado da Bahia. As abordagens variam entre Juventude como período preparatório e juventude como etapa problemática (ABRAMO 2005). A música é narrada como o fio condutor de transformação na vida dos jovens, como na reportagem “Jovem acolhida pela OAF muda de comportamento e faz parte do Neojiba”, que constrói uma ideia do “jovem como etapa problemática”, para “jovem como sujeito em preparação” (ABRAMO, 2005).

<sup>101</sup> O espaço atende cerca de 80 crianças encaminhadas pelo Conselho Tutelar, Ministério Público (MP-BA) e pela 1ª Vara da Infância e Juventude, a maioria delas vítima de abandono e abuso sexual.

<sup>102</sup> Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (NEOJIBA). O programa foi criado em 2007 pelo pianista, educador, regente e gestor cultural Ricardo Castro. A gestão da iniciativa é realizada pelo Instituto de Ação Social pela Música (IASPM), fundado em 2008. Disponível em: <https://neojiba.org/quem-somos/neojiba>.

A matéria começa na escola onde estuda Jucinara tida como adolescente de comportamento problemático: “Não respeitava as pessoas, eu tinha aquela revolta” (BMD, 08/06/19), diz ela. “A gente se inspira nela, ela nos incentiva a estudar”, diz uma colega de turma. A reportagem tem uma clara intenção de promover o trabalho social desenvolvido pela OAF. Na reportagem, o presidente da entidade fala dos objetivos e das dificuldades financeiras enfrentadas e são exibidas imagens da rotina da adolescente durante um dia, entre a escola, o abrigo onde mora e, depois, no ensaio do Neojiba. Na passagem a repórter enfatiza o papel da música na mudança “da menina de comportamento desafiador”.

Com esta posição, ao custo de promover a imagem da instituição filantrópica a reportagem se vincula a um discurso que reforça a ideia de rebeldia como inerente ao adolescente, que neste caso foi redimida pela música. Segundo Helena Abramo (2005), a abordagem relativa a comportamento de risco e transgressão foi o enfoque que praticamente dominou as ações no Brasil dos anos 80 aos 90. Foi uma das principais matrizes por meio da qual o tema da juventude, principalmente a juventude dos setores populares, voltou a ser problematizado pela opinião pública e que impulsionou ações tanto por parte do Estado como da sociedade civil. Segundo a autora, esta abordagem permanece vigorando principalmente na elaboração de ações que geram políticas de caráter compensatório:

Ainda é predominante na fundamentação da necessidade de gerar ações dirigidas a jovens: quase todas as justificativas de programas e políticas para jovens, quaisquer que sejam elas, enfatizam o quanto tal ação pode incidir na diminuição do envolvimento dos jovens com a violência (ABRAMO, 2005, p. 21).

Merece destaque também o papel atribuído à música. Durante o período analisado neste trabalho a relação da juventude com a formação musical também foi reportada em matérias sobre confecção de instrumentos

musicais, em 7 de julho de 2019, de produção de instrumentos com matérias recicláveis no Pelourinho e sobre o trabalho desenvolvido pelo Neojibá. “É música dando chance e transformando o futuro de muitos jovens”, diz Jéssica Senra. Neste sentido, a música é apresentada como uma forma de reabilitação do comportamento, uma estratégia de domesticação do sujeito que visa fazer com que supere sua condição de problema.

## **BA TV**

O BATV é veiculado das 19h15 às 19h38, com 2 a 3 blocos, entre duas novelas da TV Globo e é o jornal com menor tempo de duração. O corpus analisado é composto 24 edições, em mês construído, com um total de 8 horas de duração e 203 notícias apresentadas<sup>103</sup>, chegando a uma média de 50 notícias por semana. Cada edição do telejornal apresentou, portanto, 9 notícias em média. No bojo das mudanças promovidas pela emissora baiana, iniciadas em 2018, o noticiário passou a ser apresentado por Fernando Sodake, que antes atuava como âncora do Jornal Bahia Meio Dia<sup>104</sup>.

É comum o telejornal ter início com a vinheta da TV Bahia, seguido, imediatamente, da escalada feita de pé por Fernando Sodake ao som da trilha da vinheta como BG<sup>105</sup>, como paisagem em segundo plano sonoro do texto do apresentador, exibição de teasers com trechos de reportagens. O enquadramento que começa em plano americano muda para plano geral ao final da escalada para mostrar o deslocamento do apresentador pelo estúdio e, em seguida, entra a vinheta de abertura<sup>106</sup>. Na amostra aqui uti-

<sup>103</sup> Contabilizando reportagens, notas, notas cobertas e ao vivo.

<sup>104</sup> Fernando Sodake substituiu a apresentadora Camila Marinho. Jéssica Senra passou a apresentar o Bahia Meio Dia.

<sup>105</sup> Background ou BG: ruído ambiente ou música que acompanha, ao fundo, a fala do repórter. (PATERNOSTRO, 1999, p.137).

<sup>106</sup> Em 2018 foi inaugurada nova vinheta e pacote gráfico dos telejornais. As vinhetas são padrão de todos os telejornais, acrescida das respectivas logomarcas.



lizada, o programa é sempre iniciado com uma reportagem, após a narração da cabeça<sup>107</sup> pelo apresentador.

Comparado aos demais telejornais da TV Bahia, o BATV é o que mantém uma estrutura mais convencional. Desde o figurino do apresentador, aos enquadramentos de câmera e matérias. No período analisado tivemos a incidência de notícias de economia, segurança, transporte e política, por meio de reportagens, notas cobertas<sup>108</sup> e notas simples<sup>109</sup>. Há um grande número de notas, notícias curtas com menos de 20 segundos, já que por fazer uma síntese do dia, o telejornal faz uma repetição dos assuntos exibidos nos telejornais anteriores de modo breve. As reportagens de maior duração, com vozes institucionais, de especialistas ou populares, variam de duas a três no máximo por edição. Além disso, o telejornal conta com quadros fixos, como previsão do tempo, notícias do esporte, destaques do dia, notícias do G1 e orientação do trânsito de Salvador na hora do rush.

Quadro de notícias por editoria no BA TV:

**Quadro 7** - Notícias BA TV.

Educação/ Mundo do Trabalho	Violência	Entreteni- mento	Esporte	Tempo e Trânsito	Saúde	Economia	Outros	Total
3	38	14	24	25	7	17	81	203

**Fonte:** Autoral (2019).

No BA TV, o apresentador mantém uma postura mais formal e não há interação com os telespectadores, como nos demais telejornais. Os textos são mais objetivos e não são feitos comentários opinativos após as matérias, apenas notas pé, que ocorre com bastante frequência, que fornece maior formalidade, aproximando o telejornal de uma estrutura mais informativa. A incidência dos flashes ao vivo, que ocupam quase que

<sup>107</sup> Cabeça da matéria: o lead. É sempre lida pelo apresentador e dá o gancho da matéria (PATERNO, 2014, p. 122).

<sup>108</sup> Apresentação de notícias do apresentador com auxílio de imagens.

<sup>109</sup> Narração de notícias pelo mediador sem imagens.

dos casos são sobre notícias do trânsito ou cobertura de eventos. O tele-

jornal também não está centrado na resolução de problemas urbanos, distanciando-se um pouco da dimensão de popular dos outros telejornais da emissora, aqui analisados. Todavia, a partir de alguns elementos é possível perceber similaridades com os demais produtos. O programa é apresentado de pé, sem bancada, e o apresentador se dirige às telas proporcionando uma variação dos tipos de enquadramento.

O programa faz uma síntese dos acontecimentos noticiados nos outros telejornais, especialmente no BMD, mostrando uma visão panorâmica das notícias do dia, o que acaba incidindo nas notícias da editoria de segurança<sup>110</sup>, porém, o modo de abordagem e os formatos variam entre reportagem, nota coberta e na maioria das vezes inseridas no quadro denominado “destaques do dia”, uma espécie de boletim, com resumo de notícias de crimes, acidentes e mortes. Neste sentido, considerando as análises principalmente do Bahia Meio Dia, os sujeitos jovens acabam sendo também noticiados dentro do telejornal na relação com a violência, porém, com tratamento diferente dos demais telejornais, pois, não são exibidas reportagens, nem comentários opinativos.

As escolhas do BATV, adesões, continuidades, rupturas e recusas, nos permite perceber por meio da ritualidade que o telejornal da noite foi o que sofreu menos mudanças em relação ao demais. Isso porque ele ocupa a faixa horária considerada mais importante para o debate público, desfrutando de maior credibilidade, de modo que existe toda uma expectativa em relação a ele por parte da recepção. Isso porque a televisão funciona como ordenadora da vida social, das rotinas familiares e também se organiza a partir da temporalidade social<sup>111</sup>, conforme Martín-Barbero (2006). “A me-

<sup>110</sup> No período analisado foram 68 notícias da editoria segurança.

<sup>111</sup> Jesús Martín Barbero (2006) destaca três hipóteses mediações que operam na maneira como os receptores se relacionam com os meios. São elas: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Para Martín-Barbero, a temporalidade social diferencia o tempo produtivo do capital, o que sugere existir dois tempos. O autor enfatiza que o tempo em que se organiza a programação da televisão é constituído por ambos e, dessa forma, “A serie e os gêneros

dição que a cotidianidade familiar cumpre na configuração da televisão não se limita ao que pode ser examinado do âmbito da recepção, pois inscreve suas marcas no próprio discurso televisivo” (p. 305). O conceito de gênero televisivo nos ajuda a perceber isso, pois funciona como um tipo de etiqueta, que organiza a comunicação a partir das intenções do produtor, mas também a partir das expectativas e competências do telespectador, aliás, a própria organização e constituição histórica do telejornal opera como uma mediação que posiciona a audiência quanto ao que pode esperar e orienta a produção sobre de que modo pode ordenar o discurso.

### **Violência e invisibilidade juvenil**

No BA TV foram raras as notícias que tratavam diretamente sobre as juventudes. Porém, é exatamente na editoria de violência que esses sujeitos são mais noticiados no telejornal, como em 1 de julho de 2019, em matéria sobre acidente de carro que matou duas pessoas. “Segundo a polícia, dois jovens tentavam empurrar o carro que quebrou na pista quando foram atingidos por outro veículo. Robson Alves de 14 anos e Mateus Barbosa de 18 morreram na hora”, disse a apresentadora” (BA TV, 1/7/2019). E nos dias 3 e 4 de julho, o telejornal acompanhou o caso de um “jovem” (branco) internado em estado grave após se envolver em uma confusão. O assunto teve ampla cobertura dos telejornais da emissora durante toda a semana, com matérias sobre o cotidiano da vítima, entrevistas com médicos, delegado e familiares. Mesmo com poucas informações sobre a motivação, o jovem é tratado como inocente, o tom das reportagens é de indignação e de busca pela identificação dos envolvidos, clama-se por justiça diante do risco de morte do jovem. Com o avançar das investigações, a entrevista da delegada coloca em cheque a ideia de vítima ao dizer que o rapaz também foi denunciado como agressor, e a violência sofrida é resultado de uma briga

---

fazem agora a mediação entre o tempo do capital e o tempo da cotidianidade” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 308).

de jovens de classe média numa festa em um hotel de Salvador.

A presença dos jovens em matérias de violência/segurança é marcante também quando se trata da violência contra a mulher, tema que tem encontrado ressonância também neste telejornal. Em 17 de janeiro de 2019, o BA TV noticiou o primeiro feminicídio ('Mulher é morta pelo ex-marido em Salvador')<sup>112</sup> do ano, sobre uma mulher de 43 anos. A matéria também teve a entrevista de uma mulher de 28 anos que vive com medida protetiva, porém disse que tem medo pelo fato do agressor estar solto. Em 4 de fevereiro numa matéria de aproximadamente 10 minutos, com vários elementos presentes como infográficos, imagens de arquivo, entrevistas de representantes do sistema de segurança e de justiça e de mulheres vítimas de violência, entre elas uma "menina" de 18 anos atendida pela rede de apoio à mulher.

Destacamos também a reportagem sobre os quatro anos da chacina do Cabula: "Após quatro anos, famílias dos 12 mortos da chacina no Cabula esperam por justiça" (BA TV, 6/2/19). A matéria faz uso de imagens atuais para atualizar as informações e de imagens de arquivo para recordar a operação que resultou na morte de 12 pessoas, com idades entre 15 e 28 anos, na estrada das Barreiras, em Salvador. As imagens utilizadas durante o off são de feridos sendo socorridos; da polícia invadindo a comunidade; do julgamento dos acusados<sup>113</sup>; e de armas e drogas, que na versão da polícia, foram apreendidas na operação. A matéria utiliza parte do material exibido no Jornal da Manhã, porém com substituição da voz do off que no BA TV é feito por um repórter. Além disso, é inserida uma entrevista com a mãe de uma das vítimas, que ganha voz, mesmo tendo que

<sup>112</sup> Número de feminicídios cresceu 17% na Bahia na comparação com 2018. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/numero-de-femicidios-cresce-17-na-bahia-na-comparacao-com-2018-diz-ssp/>.

<sup>113</sup> O Ministério Público denunciou os PMs por homicídio e lesão corporal. "Quatro meses depois eles foram absorvidos pela justiça que entendeu que eles agiram em legítima defesa, mas em dezembro do ano passado a sentença foi anulada e o processo segue na segunda vara do Tribunal do Júri, em Salvador".

esconder sua identidade, pois ela “tem medo de mostrar o rosto”. O rosto e o nome do repórter também não são revelados na matéria.

Mãe de vítima: “Estamos esperando [o julgamento] e até hoje nada! Esperando que ele seja julgado na Bahia. A gente não sabe quando. Daqui a 10, 20 anos. Será que eu vou ‘tá’ viva pra ver?” (BA TV, 6/2/19).

Apresentador: “Todo mundo espera esse julgamento ‘né?’” (BA TV, 6/2/19), conclui Fernando Sodake.

A editoria violência/segurança foi aquela em que mais apareceu a figura da pessoa jovem, 21%. Não há no telejornal nenhum tipo de cobertura sobre a experiência juvenil, as demandas, modos de organização e de participação. Em nossa análise, este aspecto indica que o critério da escolha da pauta não é a juventude e sim a violência, e isso se deve ao fato da sociedade está cada vez mais calcada numa matriz cultural violenta, o que explica as escolhas feitas pelo telejornal, já que neste estudo a notícia é entendida como uma produção social (HALL, 1993) na qual cabe ao jornalista:

[...] selecionar entre os muitos itens que se apresentam em cada uma das categorias [notícias nacionais, internacionais, segurança, políticas, desporto, etc], aqueles que se sente virem a ser de interesse para o leitor. É aqui que a ideologia profissional do que constitui boas notícias – o sentido de valor notícia do jornalista – começa a estruturar o processo (p. 224).

Deste modo, concluímos que não há um destaque dado às juventudes no principal telejornal da TV Bahia, bem como, há determinada resistência em aderir ao modelo mercadológico de popular dos demais telejornais da emissora.

### **A garota do novo tempo**

Nos dados percebemos uma invisibilidade da juventude em outras editorias, o que demonstra que o telejornal não está endereçado a estas pessoas. Porém, se por um lado há um esvaziamento de notícias sobre a experiência juvenil e cultura negra, por outro lado não podemos ignorar o ingresso da jornalista Luana Assiz, uma mulher negra que, em 12 de março de 2019, assumiu a apresentação da previsão do tempo<sup>114</sup> do BATV, em substituição a Acácia Lirya, uma jornalista branca que deixou a emissora. Apelidada de “Maju baiana”, em referência à Jornalista Maria Júlia Coutinho que apresenta o Mapa Tempo no Jornal Nacional, Luana, representa uma aposta da emissora no quesito representação negra.

A contratação de Luana Assiz ocorre dentro do processo de reformulação, que contempla as transformações do perfil editorial da emissora dos Magalhães, que inclui mais destaque para o jornalismo local, mais reportagens especiais e serviço ao cidadão, novos cenários para os programas jornalísticos e contratação de novos profissionais, em busca de maior popularidade, conferindo uma marca racial à mediação que Martín-Barbero (2006) denomina de simulação de contato<sup>115</sup> e retórica do direto<sup>116</sup>, dispositivos fundamentais assumidos pela televisão: “Há uma utilização por parte da TV da construção de um espaço de estreitamento das relações e da proximidade” (p. 305). Neste sentido, a contratação de uma repórter negra, que constitui a prevalência racial em Salvador, não ocorre de forma despropositada, sendo fruto de duas demandas. Resulta de interesses econômicos da emissora dentro de uma estratégia de recuperação da audiência, que passa por uma ideia de identidade e reconhecimento e de lutas históricas de uma parcela invisibilizada que reivindica mais espaço

<sup>114</sup> A previsão do tempo é um dos quadros fixos do telejornal, no qual são informadas as temperaturas mínimas e máximas de algumas cidades do interior do estado e de Salvador.

<sup>115</sup> “Denominamos simulação do contato aos mecanismos os quais a televisão especifica seu modo de comunicação organizando-a sobre o eixo da função fática (Jakobson), isto é, sobre a manutenção do contato” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 305).

<sup>116</sup> “Por retórica do direto entendemos o dispositivo que organiza o espaço da televisão sobre o eixo da proximidade e da magia de ver, por oposição ao espaço cinematográfico dominado pela distância e pela magia da imagem” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 306).

para o povo negro. A TV Bahia está sediada na cidade mais negra do mundo<sup>117</sup>, fora da África, e é alvo de críticas pela falta de negros em seu elenco, atitude visivelmente racista. Em nossa análise, a crise de audiência foi um dos elementos motivadores da contratação de alguns repórteres, uma aposta para o reposicionamento da emissora no quesito representatividade. Atualmente a TV Bahia tem quatro repórteres negros: Luana Assiz, Vanderson Nascimento e Naiá Braga, sendo esta última também contratada em 2019. Um movimento que considera que em 7 de julho de 2019 a repórter Georgina Maynard, que também é negra, tornou-se apresentadora do Bahia Rural. São evidentes estratégias de produção que visam a operar um tipo de aproximação com o reconhecimento de sua recepção. Entretanto, como apontamos antes, este aspecto estratégico não retira o caráter de disputa, de enfrentamento do poder hegemônico, pois consideramos aqui a dimensão política desta representação, como destaca Martín-Barbero (2004b) ao pensar a cultura como lugar que se resiste e se negocia:

O que galvaniza hoje as identidades como motor de luta é inseparável da demanda de reconhecimento e de sentido [...] razão pela qual a identidade se constitui hoje na negação mais destrutiva, mas também ativa e capaz de introduzir contradições na hegemonia da razão instrumental (MARTÍN-BARBERO, 2004b, p.366).

A perspectiva de Martín-Barbero, é que espaços como esses precisam ser pensados como lugar de tensão e não de determinação. Neste sentido, este espaço dentro do BATV e da TV Bahia apesar de ser um espaço e a perspectiva do poder dominante, pode ser compreendido como lugar de resistência, como uma brecha. O autor enfatiza que o modelo hegemônico de televisão odeia as diferenças, mas também por ela passam as brechas. “Também ela está feita de contradições e nela se expressam

<sup>117</sup> Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=53773>.

demandas que tornam visíveis a não unificação do campo e do mercado simbólico” (MARTIN-BARBERO, 2006, 330). Luana acaba de ocupar esta brecha na TV.

Com o BA TV concluímos a análise dos telejornais da TV Bahia, apontando que este se diferencia dos demais telejornais da emissora por resguardar determinadas marcas formais do telejornalismo, apresentando, assim, um menor envolvimento com a notícia e um maior distanciamento com o telespectador. É o telejornal com menor incidência de notícias sobre as pessoas jovens e que privilegia reportagens de economia, saúde, cidade, esporte. Enquanto isso, o Jornal da Manhã tem apelo à proximidade da família, uma forte ideia de cotidianidade é construída para a simulação do contato. Sem privilegiar a temática da violência, o JM atende muito mais a uma ideia de cidadania, direitos do consumidor e cidade, com a centralidade em Salvador.

Há uma presença significativa de reportagens classificadas como da editoria educação/mundo do trabalho pela qual percebemos um maior direcionamento ao público juvenil. Já o Bahia Meio Dia se destaca e se distancia dos outros dois telejornais, pois há uma ênfase maior na ideia de popular, um maior vigor opinativo, uma maior abertura aos assuntos relativos à criminalidade, uma quebra da rotina com a convocação da atenção do telespectador através de uma movimentação intensa da apresentadora pelo estúdio. Este tipo de cenário é muito comum nos programas policiais e permite que “o âncora obtenha uma performance corporal maior, permitindo que desempenhe um papel de apresentador de um jornalismo show” (OLIVEIRA, 2011, p. 125). Esta configuração do BMD nos faz ver em processo de operação um fenômeno que envolve a mudança de subgênero, uma aproximação com a forma de jornalismo que se convencionou na faixa horária do meio-dia, o que nos permite analisar a partir do conceito de gênero. Martín-Barbero (2006) afirma que cada



texto remete seu sentido à articulação de gêneros e tempos, e, enquanto tempo ocupado, cada programa promove articulações com o *palimpsesto*, replicando-se e reenviando-se uns aos outros.

Ao tensionar o BMD com o telejornal da concorrência, por exemplo, percebemos esta recorrência ao palimpsesto em sua constituição editorial e apontamos um fenômeno que envolve a mudança de subgênero, com forte diálogo com subgênero programa de jornalismo policial, como modelo de escritura e estratégia de reconhecimento.



## Considerações finais

Partindo de um referencial que considera os contextos sociais, históricos e econômicos, esta pesquisa surgiu de uma tentativa de entender o âmbito interseccional entre o telejornalismo e as juventudes contemporâneas e dialoga com o mapa das mediações formulado por Jesús-Martín-Barbero (2006), que permitiu-nos um olhar mais rico em relação ao que acontece no entrelaçamento de comunicação, cultura e política na contemporaneidade. Neste livro a apropriação do mapa das mediações se deu a partir do marco das institucionalidades e das ritualidades que permitiu articulações para a compreensão da produção de discursos e sentidos sobre as juventudes nos telejornais, pensados enquanto textualidades.

Nossa empreitada investigativa buscou mapear as disputas que tensionam a produção de sentidos sobre as juventudes. A partir da percepção da heterogeneidade juvenil, esta pesquisa conferiu especial atenção aos discursos sobre a juventude negra, objetivando perceber o que os ditos e não ditos pelos telejornais podem revelar sobre nossa conformação social contemporânea.

A interação do Mapa das Mediações com o conceito metodológico de gênero televisivo contribuiu para que identificássemos aspectos político-estéticos no telejornalismo baiano, com a identificação de processos de transformação que vêm ocorrendo nos telejornais locais, que têm como estratégia de comunicabilidade a interpelação do popular e a centralidade das pautas policiais. É importante destacar que a compreensão da relação com o gênero se relacionava inicialmente nesta pesquisa com a ideia de telejornal, presente na relação com o mapa, mas que adquiriu uma importância maior no trabalho, com um relevo que não era esperado. O nosso problema inicial situava-se na análise do modo como são construídos

sentidos e discursos relacionados à juventude negra nos telejornais locais, mas este problema se relaciona diretamente com a alteração que está em curso na conformação do subgênero telejornal policial como referência para o horário do meio dia que tem exatamente a juventude negra como protagonista da maior parte de suas matérias com enfoque em segurança ou polícia. O olhar voltado ao mapa das mediações é exatamente no sentido de perceber na comunicação os embates que estão em curso no campo da cultura e da política e é disso que se trata esta obra.

Na TV Bahia o grau do popular e da ênfase policial adquire nuances mais suavizadas em relação ao que é feito na Record, pois no caso da TV Bahia existe uma relação com uma posição editorial e com o perfil de seu público que tem valores mais conservadores em relação à questão da violência. O ingresso da jornalista Jéssica Senra, em 2018, é um marco da abertura da TV Bahia em direção ao jornalismo com características populares. A escolha das notícias, a forma de abordagem, o forte tom de denúncia, a resolução de problemas nos bairros, a cobrança aos governantes, são marcas do novo modelo de telejornal experimentado pela TV Bahia. Ao assumir o papel de âncora, Jéssica Senra se posiciona diante das notícias, tem movimentos menos controlados, caminha pelo estúdio, se dirige à câmera, se aproxima do telespectador, provocando novas formas de enquadramento no noticiário, com um deslocamento ou pequena ruptura com o modelo que estava posto. Esta configuração é repetida no Jornal da Manhã e no BA TV, porém, nesses telejornais a lógica é muito mais de construção de uma proximidade simulada, já no jornal do meio-dia há uma interação com maior vigor opinativo, apontando para a aproximação com aquela que é uma forte característica dos jornais policiais.

No caso da Record TV Itapoan concluímos que os telejornais têm a pauta de violência como central, apesar de especificidades que variam de acordo com a faixa horária, ou seja, apesar de seguirem a mesma li-

nha editorial, a forma dos telejornais reportarem segue uma concepção prévia sobre o modo como esses programas apreendem o seu expectador. Colocar a atenção nos gêneros implica exatamente em reconhecer que o receptor orienta suas expectativas e a maneira como ele lê e interage com o programa, de acordo com as experiências geradas a partir de marcas de reconhecimento próprias do gênero televisivo, pois conforme afirma Martin-Barbero (2006) os gêneros são definidos pelos usos que são feitos – mediados por competências, expectativas e modos próprios de ver do espectador.

Deste modo, existem construções que identificam e diferenciam um jornal do outro. Enquanto o jornal matutino, Bahia no Ar, por exemplo, tem alguma abertura para o tom opinativo e com maior incidência de notícias de trânsito, mundo do trabalho e reclamação dos cidadãos, o Balanço Geral é mais incisivo, marcado pela editoria de polícia e com ações assistencialistas. Já o BA Record, telejornal da noite, é apresentado de maneira mais formal, sem comentários opinativos, com matérias que repercutem as notícias do dia e é o telejornal da TV Itapoan que menos elabora textos e discursos sobre a juventude. Em nossa análise, o Balanço Geral é um programa policial reposicionado pela emissora como telejornalismo ao incorporar o estilo do Se Liga Bocão à dinâmica popular do Balanço Geral, um dos programas mais antigos da Bahia e adotado nacionalmente pela Rede Record. O espaço dado para José Eduardo, cuja trajetória está relacionada a programas policiais, em um programa que se identifica como telejornal e que tem a maior audiência do horário indica que estamos frente a um agravamento extremo da condição de criminalização que tem a juventude negra como eixo e base, articulando corpos e discursos de ódio e violência.

Neste trabalho, lançamos nosso olhar aos produtos com o intuito de compreender os embates em torno do que é dito e do que é silenciado

no tocante à juventude e o que esses discursos revelam sobre o modo de construção dos noticiários. Em nossa análise, apontamos que nesta configuração dos telejornais aqui apresentados, prevalecem duas abordagens sobre as pessoas jovens: “juventude como período preparatório” e “juventude como etapa problemática” (ABRAMO, 2005). A primeira perspectiva compreende o jovem como uma fase de vir-a-ser, é baseada na condição etária e, segundo Helena Abramo (2005) gera políticas voltadas para a formação, para a educação, para as destrezas, pois é centrada na preparação para o mundo adulto.

Os telejornais matutinos, *Jornal da Manhã* (TV Bahia) e *Bahia no Ar* (Record TV Itapoan) foram os que mais apresentaram notícias ligadas à educação e ao mundo do trabalho, com construções narrativas que enfatizam uma orientação ao público juvenil. A capacitação profissional ganha um grande destaque entre as matérias direcionadas à juventude, e tem como principais vozes entidades ligadas ao ramo do comércio e da indústria, como Senai, Sesi, Senac, CIEE, ou no caso específico da TV Bahia, a Fundação Roberto Marinho.

Diante dos problemas estruturais do capitalismo, os jovens são chamados a responderem positivamente, aderindo aos padrões para inserção no mercado de trabalho ou, então, em tempos de crise, tornar-se empreendedor, como se fosse apenas sua obrigação de conseguir um lugar ao sol. Segundo Jesús Martín-Barbero (2014) a educação tem sido organizada em função do mercado de trabalho, “já que o que importa é a acumulação de capital humano medido em termo de custo/benefício como qualquer outro capital” (BARBERO, 2014, p. 8). É exatamente esta a abordagem direcionada aos sujeitos jovens nos telejornais analisados quando o assunto é educação. Não se trata de discutir direitos, cidadania, mas a inserção no campo do trabalho e profissional, que segundo Martín-Barbero (2014) é reivindicada como central pelas agências do mercado.

Para o autor, ainda que isso não seja menosprezado, esta posição deve ser reorientada em seu sentido para que a capacitação seja compatível com “a formação de cidadãos, de pessoas capazes de pensar com suas cabeças e de participar ativamente na construção de uma sociedade justa e democrática” (2014, p. 11).

A segunda abordagem que identificamos é a da juventude como etapa problemática, concepção na qual os jovens são tidos como agentes de desequilíbrio sociais e que tem na segurança pública uma das principais políticas norteadoras (ABRAMO, 2005). Neste trabalho apontamos que está em processo de consolidação no telejornalismo da Bahia um formato de jornalismo que concentra sua noticiabilidade, prioritariamente, em assuntos ligados à segurança pública, isto é, telejornais com temática policial. Na TV Bahia, aproximadamente 20% das notícias apresentadas no período foi sobre violência. Na TV Itapoan o índice é ainda maior, aproximadamente 40% das notícias apresentadas tiveram como tema a criminalidade. Em nossa análise, apesar de um acento considerável na pauta de segurança, as mudanças da TV Bahia estão mais centradas na dimensão de mediação do popular, do que na estrutura policial. Já na TV Itapoan a criminalidade é um elemento central dos noticiários, notadamente do Balanço Geral em que 70% das notícias abordam a criminalidade e aproximadamente 65% destas têm relação direta com os jovens. Sendo a violência o tema central destas produções, este acaba sendo o principal meio pelo qual a juventude negra é noticiada. Temos aqui um novo regime de ordenação visual e social da violência (ROCHA; SILVA, 2008) que constrói a juventude pobre e negra como perversa, protagonista na prática dos atos de violência, quando na verdade são as vítimas principais, são os que mais morrem.

Esta configuração dos telejornais faz com que haja uma predominância de determinadas vozes. Deste modo, concluímos que há uma valorização de instituições hegemônicas, como é o caso dos organismos de

segurança pública e do sistema de justiça. Em contrapartida apontamos a ausência, nas reportagens aqui analisadas, de instituições ligadas às juventudes que apresentem outras abordagens, além das já aqui citadas, ou seja, há um silenciamento de outras experiências de mundo e quando estas falam têm suas colocações desconsideradas e a voz da instituição policial reafirmada.

A materialidade do corpus desta pesquisa aponta para a manifestação do racismo nas práticas comunicacionais que constroem a juventude por meio do discurso. Por meio das institucionalidades se manifesta o racismo estruturado em toda sociedade e também no jornalismo, que aqui é compreendido enquanto institucionalidade totalmente racista. A naturalização dos noticiários em relação ao extermínio da juventude negra é aqui compreendida como parte do projeto de necropoder, segundo o conceito formulado por Achille Mbembe, que visa à perpetuação de privilégios da elite, do racismo e da desigualdade social.

O debate sobre o genocídio, no estado da Bahia que tem o maior número de mortes de jovens negros no país, ganhou visibilidade apenas diante da apresentação do resultado do Atlas da Violência, em 6 de junho de 2019, e que em nossa análise disputa o sentido no interior os telejornais que na maioria dos casos reportaram os dados. O papel do jornalismo apontado por sua deontologia como sendo o de manter a sociedade alerta de seus problemas deveria ser, então, atribuir como dever dos telejornais informar e guiar um debate sério sobre o número inadmissível de mortes que se sucedem e se superam ano após ano. Essa omissão se relaciona à construção de uma articulação entre corpos de jovens negros e negras e a violência é parte da construção desde genocídio, ao constituir no cotidiano a criminalização dos jovens negros.

O outro modo em que o aspecto racial é enfatizado nestas produções telejornalísticas está prioritariamente na área do entretenimento,



com matérias sobre eventos, artistas e grupos como o Ilê Ayê. O telejornal Bahia Meio Dia é o que mais concentra reportagens sobre o assunto, aproximadamente 18% das matérias no período analisado. Ressaltamos que nesta pesquisa o entretenimento é abordado como uma ativação política, principalmente quando se trata da cultura negra (HALL, 2003).

O destaque dado ao empreendedorismo negro é o outro modo de ativação da questão racial. O assunto é tratado no Bahia no Ar com matérias especiais e pelo Jornal da Manhã com um quadro específico, o “Afro Job”. Em nossa análise ao constituir um quadro exclusivo sobre o empreendedorismo negro, o telejornal investe numa segmentação que tende a desconsiderar que eles constituem a maior parte dos desempregados do país, por conta do racismo estrutural.

Neste livro procuramos analisar as tensões nos discursos sobre os jovens e concluímos que os telejornais constroem e referendam conhecimentos e verdades categóricas sobre esses sujeitos, demonstrando ou instruindo como devemos compreendê-los, capacitá-los, corrigi-los hoje, no interior de configurações historicamente determinadas de saber, poder e subjetivação (FREIRE FILHO, 2008).

Há, nas abordagens aqui analisadas, uma grande dicotomia: por um lado se concentra a abordagem da juventude como futuro, a juventude idealizada que busca atender as demandas para inserção no mercado de trabalho. Por outro lado, está a juventude sem futuro, a juventude vinculada à violência. É a juventude demonizada, exterminada, mas neste caso é a juventude negra que tem a sua condição de jovem ocultada. Todavia, articulamos aqui a instigante proposição poética e teórica do filósofo e historiador Didi-Huberman (2011), em sua crítica ao contexto atual, que insiste na busca por espaços de possibilidades, representada na construção da existência de “vaga-lumes”. Nos esforçamos aqui para ver os lampejos em meio aos ferozes refletores, como pequenos vaga-lu-

mes que alimentam nossa esperança, pois, “há sem dúvidas motivos para ser pessimista, contudo é tão mais necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vaga-lumes” (2011, p.49). Foi uma tarefa árdua e muitas vezes dolorosa, diante do apagamento e da violência sofrida pela juventude negra, reconhecer no mínimo vaga-lume algum sinal de resistência. Mas eles estão de algum modo presentes, seja em práticas econômicas mais solidárias entre mulheres negras (BAHIA NO AR, 4/6/19), na ascensão de artistas negros à indústria do entretenimento (BAHIA MEIO DIA, 15/1/19), na contratação de uma repórter mulher, jovem e negra, para um jornal de maior prestígio (BA TV, 12/3/19) ou na valorização da cultura negra, dos blocos afros como Ilê Ayê (BAHIA MEIO DIA, 14/1/19).

Neste trabalho discutimos a complexidade em torno de cada um desses casos, com o cuidado de não inferi-los simplesmente como coop-tação ou supervalorizar a noção de resistência. Buscamos perceber as ten-sões, os espaços de abertura, os lampejos, ainda que enfraquecidos, pois, conforme Didi-Huberman (2011) ver somente a noite escura, a ofuscante luz dos projetores é agir como vencidos. “É, portanto, não ver o espaço – seja ele interseccional, intermitente, nômade, situado no improvável – das aberturas, dos possíveis, dos lampejos, dos apesar de tudo” (p.42). O filósofo nos adverte que ser sujeito vaga-lume é participar, é ir a luta, pois não haverá saída messiânica, nem uma redenção, “pois há tão somente a imanência do tempo histórico. Portanto, é tempo de nos aquilombar como propõe a potente provocação da escritora Conceição Evaristo (2019), que abre este livro. É tempo de sermos sujeitos vaga-lumes, construindo esperança, força, resistência, sonho. Aquilombemo-nos, afinal a mística quilombola persiste afirmando: “a liberdade é uma luta constante”.

## Referências

ABRAMO, Helena. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro.** In: FREITAS, Maria Virgínia (Org.). *Juventude e Adolescência no Brasil: referenciais conceituais.* São Paulo, Ação Educativa, p. 19 -35, 2005.

AGENDA JUVENTUDE BRASIL 2013: **Pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros** 2013. Secretaria Nacional da Juventude. Brasil. Secretaria Nacional de Juventude. Participatório - Observatório Participativo da Juventude, 2013. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/91>. Acesso: 20/09/2019.

AGUIAR, Carla Maria Osório. **Imagens da intolerância na mídia:** apropriação dos elementos da cultura negra pela Igreja universal do Reino de Deus na configuração dos programas religiosos da TV Record. Dissertação de Mestrado. Universidade paulista: São Paulo, 2007.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANJOS, Lídia Carla Araújo; REBOUÇAS, Gabriela Maria. **Da concepção do “menor” ao surgimento da criança e do adolescente enquanto sujeitos de direitos:** uma compreensão histórica. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=fec16d1d594dae3d> Acesso em: 17 jan de 2018

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2019. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf). Acesso em 21/11/2019.

BAUMAN, Zugmunt (2001). **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

BUTLER, Judith. **Tortura e a ética na fotografia:** pensando com Sontang. In: *Quadros de guerra, quando a vida é possível de luto.* Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 2016.

BRAGA, José Luiz. **"Lugar de fala" como conceito metodológico no estudo de produtos culturais**. São Leopoldo: Coletânea "Mídia e Processos Sócio-culturais", PPGCOM/Unisinus, 2000.

BRITO LEMUS, Roberto. **Hacia una sociología de la juventud** - Algunos elementos para la desconstrucción de um nuevo paradigma de la juventude. Revista Última Década n. 9, Vinã Del Mar: 1998.

CAMPOS, Leonildo S. **Teatro, templo e mercado**: organização de marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CEVASCO, Maria Elisa. Apresentação. In: WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocábulo de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

COUTINHO, Maria da Silva; Pereira, Renata Venise. A queda da bancada e as mudanças na cena de apresentação: em busca da identidade e aproximação com o telespectador. Compós: XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de junho de 2013. **Anais...**

DALA VECHIA, Gabrielli Siqueira. **Telejornais em transformação**; juventudes em tensionamento: relações entre discursos e modos de endereçamento na construção dos sentidos sobre a juventude. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2016.

DIDI-HUBERMAN. **Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ESCOSTEGUY, A. C. **Jornalismo e Estudos Culturais**: uma perspectiva cultural. In: GOMES, I. (org.). Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos. Salvador: EDUFBA, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Tempo de nos aquilombar**. O Globo, Rio de Janeiro, 31 dez. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/em-tex>

tos-ineditosescritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702. Acesso em: 2 jan. 2020.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes/** Volume 1. São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro.** São Paulo: Expressão popular co-edição Editora da Fundação Perseu Abramo, 2017.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FOUCAULT, Michael. **Arqueologia do Saber.** Cap. II e III. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Zahar, 1979.

FREIRE FILHO, João. **Das Subculturas às pós-culturas juvenis:** música, estilo e ativismo político. Revista Contemporânea, v. 3, nº 1, p. 138-166. Janeiro/Julho 2005.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil:** os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FREIRE FILHO, João. **Mídia, subjetividade e poder:** construindo os cidadãos-consumidores do Novo Milênio. Lugar Comum (UFRJ), v. 25-26, p. 89-103, 2008.

FREITAS, Felipe da Silva. **Juventude Negra: qual é mesmo a diferença.** In: Diógenes Pinheiro; Eliane Ribeiro; Gustavo Venturi; Regina Novaes (Org.). Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros Televisivos e Modos de Endereçamento no Telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Itania Maria Mota. **Quem o Jornal do SBT pensa que somos?** Modos de endereçamento no telejornalismo show. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, no. 25, p. 85-98, dezembro de 2004.

GOMES, Itania Maria Mota. **Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro**: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Trabalho apresentado ao NP Comunicação Audiovisual do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gênero Televisivo como categoria cultural**: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martin-Barbero. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: janeiro/abril 2011a.

GOMES, Itania Maria Mota. **Estabilidade em Fluxo**: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. Intercom – Recife, PE, 2011b.

GOMES, Itania Maria Mota. **Cartografias dos estudos culturais**. Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, Itania Maria Mota. (Org). **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GROPOO, Luís Antônio. **Dialética das juventudes modernas contemporâneas**. Revista de Educação do Cogeime. Ano 13, nº 25, p. 9-22, dez. 2004.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do Telejornal** - um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem Televisiva. Tese de Doutorado. UFBA, 2012.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu: Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2006.

HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas *In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização: Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora: da UFMG, Brasília: Rep. Da UNESCO, 2003.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos média. *In: TRAQUINA, Nelson (Org). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993, p. 224-248.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais/ Liv Sovik (org)**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart & JEFFERSON, Tony (eds). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britan**. London: Hutchinson, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade**. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.)*. Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERRMANN, Julián Durazo. Mídia, Estado e Sociedade na Bahia, Brasil. **Brazilian Journalism Research**; volume 12, número 2, 2016 (p. 98-119).

JACKS, Nilda Aparecida & SCHIMITZ, Daniela Maria. Sujeitos juvenis e protagonismo social em Jesús Martín-Barbero. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Organização e tradução de Tomaz Tadeu Silva. 3. Ed.1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. *In: LE GOFF, Jacques*. História e Memória. Campinas-SP: Editora Contexto, 1990.

LOBATO, Elvira. **Família de ACM controla 5 emissoras**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/05/brasil/28.html>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

MAIO, Ana Maria Dantas. Teoria das mediações sociais: refinamento ou obsolescência? **Revista da Associação Nacional dos Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação** (E-compós), Brasília, v.19, n.3, set./dez. 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes**: o estudo da recepção em comunicação social. In: Souza, Mauro Wilton de (Org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Teenagers as social agents. **Peace Review Journal**, v. 9, n. 4. University of San Francisco, Califórnia, 1997.

\_\_\_\_\_. Jóvenes: des-orden cultural y palimpsestos de identidad. In: MARGULIS, Mario e outros. **'Viviendo a toda'**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998a. p. 22-37.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. Entrevistador: Claudia Barcelos. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2010/1788>Acesso em: 21 mai 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia**. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTÍN BARBERO, Jesús. "Jóvenes: comunicación e identidad". **Revista Pensar Iberoamérica**, 2002. Disponível em: <https://www.oei.es/historico/pensariberoamerica/ric00a03.htm>. Acesso em: 22/04/2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora Senac, 2004a.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo** - Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004b.



MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A mudança na percepção da juventude**: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Sílvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **As formas mestiças da mídia**. Entrevistador: Mariluce Moura. Pesquisa Fapesp: São Paulo, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Reconfigurações Comunicativas do Saber e do Narrar** In: *A comunicação na educação*. Tradutoras: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Define Melo – São Paulo: Contexto, 2014. Pg. 78-93.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Uma aventura epistemológica**. Entrevistadora: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *Matrizes*, São Paulo, v. 2, nº 2, p. 143-162, jan./jun. 2009a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38228/41001>. Acesso em: 3 de mai 2019.

MCLUHAN, Marshall (1971). **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 3 ed. São Paulo, Cultrix.

MATOS, Daniela Abreu. **Escritas da Cidade**: juventudes e resistências nas periferias de Salvador. Curitiba: Appris, 2018.

MATTOS, Sérgio. **O Contexto Midiático**. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2009.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil**: 50 anos de história (1950-2000). Salvador: Editora PAS – Edições lanamá, 2000.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, nº 32, p. 123- 151, dezembro 2016.

NOVAES, Regina R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Sociologia especial: Ciência e Vida**, São Paulo, 1 (2), p. 6-15, 2007.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. **Mídia e memória**: uma breve análise do uso dos meios de comunicação na construção da memória coletiva e individual. Intercom. João Pessoa, 2014.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 113-148.

ONAWALE, Onawale. Ilê Aiyê: 40 anos de ritmo, força e raça na Bahia. **Revista do Brasil** nº 089. Published on Jan 29, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/revistadobrasil/docs/rdb89>

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. **Cidade Alerta**: jornalismo policial, vigilância e violência. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo. Salvador: EDUFBA, 2011.

REGUILLO CRUZ, Rossana. **Emergência de culturas juvenis** – Estratégias del desencanto. Buenos Aires: Norma, 2000.

ROCHA, Rose de Melo; SILVA, Josimary Costa da. Cultura juvenil, violências e consumo: representações midiáticas e percepção de si em contextos extremos. In: BORELLI, Sílvia H.S; FILHO, João Freire (Orgs.). Culturas Juvenis do século XXI. São Paulo: EDUC, 2008.

ROCHA, Vinícius Oliveira; AGUIAR, Sonia Aguiar. A (sub)representação das afiliadas da Rede Bahia no Bahia Meio-Dia, de Salvador. In: XX INTERCOM, 2018, Juazeiro. **Anais...**

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento**. In: BAUER, Martin W; Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:** identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2005.

SILVA, Sandra Rúbia da. Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas. In: BORELI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (Org). **Culturas Juvenis no século XXI.** São Paulo: EDUC, p. 311-333, 2008.

SILVIA H. S. Borelli, FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI.** São Paulo: EDUC, 2008.

SPACENKOPF, Maria Izabel Oliveira. **O olhar do poder:** a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** São Paulo: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave:** um vocábulo de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



## Sobre o autor



**Mário Gonzaga Jorge Junior**

Natural de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, Mário Jorge é jornalista e mestre em Comunicação pela UFRB. Atualmente, é doutorando em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integra os grupos de pesquisa Comunicação, Mídia e Narrativas de Mudança Cultural (COMUM/UFRB) e o Centro de Estudos e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD/UFBA). Tem experiência profissional na área de Comunicação Social e Jornalismo, com ênfase em Radiojornalismo, Assessoria de Comunicação e Jornalismo Digital. Servidor Público, exerceu a função de Assessor de Cultura, Coordenador de Políticas Públicas para a Juventude e de Secretário de Assistência Social de Cachoeira. No âmbito acadêmico investiga as relações entre Comunicação, Cultura e Sociedade.

E-mail: [marjor87@gmail.com](mailto:marjor87@gmail.com)

Pensando a TV como espaço em que são construídos, reproduzidos e legitimados determinados sentidos e discursos sobre os jovens, neste livro, Mário Jorge dedica especial atenção ao modo como os telejornais atuam gerando memórias, significações e representações da juventude negra. Tomando como referencial os Estudos Culturais, o livro apresenta de maneira inédita o entrecruzamento entre juventudes, racismo e telejornalismo na relação com marcas do gênero televisivo. “Juventudes Negras na TV Baiana” aponta para um processo de mudanças no jornalismo televisivo numa forte relação com o racismo, revelando aspectos do contexto social. Além disso, busca identificar disputas, brechas e práticas de resistências juvenis, pequenos vaga-lumes para alimentar a esperança de uma outra sociedade possível.

ISBN: 978-65-588-622-650

